AGIR PARA MUDAR – UMA ESCOLA PARA TODOS

Contributo para promover um ambiente seguro e facilitador em contexto escolar, capacitando os alunos, e os educadores para uma sociedade pluralista e democrática, no âmbito da diversidade de orientações sexuais e identidade de género na EPGE– Estudo de caso

---

Ana Cristina Marques Prata

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação com especialização em Administração Educacional

Novembro de 2017

Versão Definitiva

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação com especialização em Administração Educacional

AGIR PARA MUDAR – UMA ESCOLA PARA TODOS

Contributo para promover um ambiente seguro e facilitador em contexto escolar, capacitando os alunos, e os educadores para uma sociedade pluralista e democrática, no âmbito da diversidade de orientações sexuais e identidade de género, na EPGE- Estudo de caso

Autora: **Ana Cristina Marques Prata**

Orientadora: **Professora Doutora Ana Patrícia Almeida**

Novembro 2017

Conteúdo

Capitulo 1 – Revisão da Literatura 15

1.1 Conceitos e definição de variáveis 15

1.1.1 A Escola e o respeito pela pluralidade 17

1.1.2 O papel dos Professores e das professoras 21

1.2 Estado de Arte 24

1.2.1. Outros países, outros modelos, as mesmas lutas 24

1.2.2 Os Projetos de intervenção LGBT: Informação e educação em Portugal 27

Capitulo 2 – Metodologia 34

2.1 Opções metodológicas 34

2.2 Problematização 35

2.1.1 A orientação sexual 36

2.3 Paradigma Sociocrítico 40

2.3.1 Atitudes face à diversidade sexual no contexto educativo 40

2.4 Desenho do Estudo 42

2.4.1 Tipo do estudo quanto aos procedimentos técnicos – Estudo de caso 43

2.5 Identificação do contexto do estudo de caso 45

Política, Estratégia e Objetivos Organizacionais 49

2.5.1 Caraterização dos Pólos da Amostra 51

2.5.2 Caracterização dos participantes e critérios de seleção 51

2.5.3 Caracterização da amostra dos respondentes- Professores ao questionário online 53

2.5.4 Caracterização da amostra dos respondentes- Alunos ao questionário online 57

2.5.5 Entrevistas – Diretores de Pólo 61

2.5.6 Caracterização da amostra dos respondentes- Diretores à entrevista semiestruturada 61

2.6 Instrumentos de recolha e análise de dados 64

2.6.1 Pesquisa Documental e recolha exploratória de dados 65

2.6.2 Conversas informais/Diário de bordo 65

2.6.3 Inquérito por Questionário (online) 66

2.6.4 Inquérito por Entrevista 66

2.7 69

Técnicas de análise do estudo 69

2.7.1 Questionário Professores 69

2.7.2 Questionário Alunos 71

2. 8 73

Análise dos dados recolhidos 73
2.8.1 Análise do Questionário aplicado aos professores 73
2.8.2 Análise do Questionário aplicado aos alunos 85
2.9 Análise das entrevistas efetuadas aos Diretores dos Pólos selecionados. 93
2.9.1 Escola Profissional Gustave Eiffel | Diretor do Pólo: QUELUZ 93
2.9.2 Escola Profissional Gustave Eiffel | Diretora do Pólo: Lumiar 98
Considerações finais 102
Bibliografia e Webgrafia 105
Anexos 110
Glossário 130

Agradecimentos

Começo por agradecer a todas as mulheres que passaram (e permanecem) ainda na minha vida, porque eu sou feita das muitas alegrias e forças partilhadas ao longo do tempo, e sem essa companhia teria sido tudo mais difícil.

Agradeço igualmente aos meus amigos, que me acompanham sempre nas caminhadas mais difíceis, e não largam a minha mão até eu chegar a bom porto.

Agradeço aos meus filhos, porque a existência deles, reveste-me de uma força, que eu por vezes julgo não ter.

Aos meus alunos, que durante os últimos 16 anos, me ensinaram a ensinar melhor, e a amar melhor. São uma inspiração diária.

Aos meus professores, que a seu modo me ensinaram, o que eu queria ser e o que nunca iria querer ser.

Um especial agradecimento, à minha orientadora de Tese, Dr.ª Ana Patrícia Almeida, que foi quem me assegurou a tranquilidade necessária, para eu concluir este trabalho.

A todos os anónimos amigos e amigas, que de algum modo me aconselharam, alimentaram, ouviram e acompanharam até aqui.

Obrigada a todos e a todas.

Ana Prata

Resumo

AGIR para mudar- Uma Escola para todos, é um projeto de Educação para o Pluralismo e Inclusão de Pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais, no sentido de promover *uma visibilidade positiva* no meio escolar, e consequentemente na sociedade. Surge a partir de um estudo de caso, numa investigação de uma perspetiva orientada para a prática ou sob o paradigma Sociocrítico.

Assume-se que a escola desempenha um papel fundamental na construção da *identidade de género*[1], e que é a partir das interações que estabelecem com o meio que as rodeia, que crianças e jovens se afirmam em termos de *orientação sexual*. Salientando que é no contexto educativo, tanto os professores, como os Diretores de escola, tem um papel de responsabilidade acrescida, no sentido de os orientar para uma sociedade justa, pluralista e democrática.[2]

Este projeto, pretende envolver os alunos, os professores e os Diretores de dois dos Pólos da Escola Profissional Gustave Eiffel (Queluz – Concelho de Sintra e Lumiar- Concelho de Lisboa), e visa ser um contributo para *promover um ambiente seguro e facilitador em contexto escolar, capacitando os alunos, e os educadores para uma sociedade pluralista e democrática, com enfoque na orientação sexual e identidade de género.*

.**Palavras-Chave:** Formação; comunidade escolar; pluralismo; inclusão; orientação sexual; Identidade de Género.

[1] Por identidade de género entende-se o "sentido subjetivo do self em indivíduos como sendo masculino ou feminino", relacionando-se com os papéis de género, ou seja "todas as normas de comportamento e aparência estereotipadamente ligadas a cada género, incluindo tanto características adotadas por uma pessoa, como características baseadas no género que lhe são atribuídas pelos outros" ao passo que a identidade sexual se refere à autorrotulagem como heterossexual, lésbica, gay ou bissexual (Reiter, 1989; Appleby e Anatas, 1998, citados por Brandão, 2008, p.13)

[2] *In* Constituição da República Portuguesa […] Artigo 1.º República Portuguesa
Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

Abstract

ACT to change-A school for all, is a project of education for pluralism and inclusion of LGBT people-Lesbians, Gays, bisexuals and Transsexuals, in order to promote a positive visibility in middle school, and consequently on society. Arises from a case study, an investigation of a practice-oriented perspective or under the Sociocrítico paradigm.

It is assumed that the school plays a key role in the construction of gender identity, and that is from establishing interactions with the environment around them, that children and young people claim in terms of sexual orientation. Noting that it is in the context of education, both teachers, as school directors, has a greater responsibility to the Orient for a just society, democratic and pluralistic.

This project aims to engage students, teachers and the directors of two of the poles of the Professional Gustave Eiffel School (Queluz-Sintra Municipality and Lumiar-municipality of Lisbon), and aims to be a contribution to promote a safe environment and facilitator in school context, empowering students and educators for a pluralist and democratic society with a focus on sexual orientation and gender identity. .

Keywords: Training; school community; pluralism; inclusion; sexual orientation; Gender identity.

Lista de siglas e abreviaturas

APA - American Psychological Association

DSM - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

ILGA - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero

LGBT – Lésbico, Gay, Bissexual e Transgénero

OMS – Organização Mundial de Saúde

Rede Ex Aequo - Associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros e simpatizantes

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Introdução

Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar.

Carlos Drummond de Andrade

Este trabalho desenvolve-se no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, com Especialização em Administração Educacional, e tem como finalidade a elaboração de um estudo de caso, e posteriormente a apresentação de um projeto de intervenção na área dos Direitos Humanos, mais objetivamente, sobre o direito à dignidade enquanto ser humano singular, que segundo Oliveira (2013), "(…) *a dignidade da espécie humana repousa, pois, sobre a nossa singularidade entre todas as outras espécies e sobre a nossa singularidade de uns em relação aos outros".* É uma proposta que pretende abordar as resistências à proximidade e compreensão das pessoas LGBT[3], e encontrar conjuntamente com os diversos atores da comunidade escolar, estratégias de proximidade com a diferença que permitam ver uma pessoa LGBT com a mesma dignidade, do que qualquer outra.

É um estudo direcionado ao nível do Ensino Secundário, de uma Escola Técnico-Profissional, que pretende conseguir que professores, e restantes funcionários da mesma, alinhem uma responsabilidade conjunta, no sentido de educar/formar crianças e jovens para uma literacia do afeto saudável, sem a violência dos rótulos. " *A literacia do afeto surge associada ao conceito de "Literacia Emocional", conceito de "Inteligência Emocional"[4], que tem como principal objetivo desenvolver a capacidade de compreender, expressar e gerir as próprias emoções e responder adequadamente às emoções do outro* "(Goleman, 1995), no sentido de garantir que este espaço educativo tenha para todos os seus alunos, (independentemente do género ou orientação sexual), um ambiente plural e inclusivo.

[3] LGBT- Lésbica, Gay, bissexual ou Transgénero

[4] Literacia Emocional", conceito de "Inteligência Emocional" [4] que emergiu na Psicologia na década de 90 do século XX, inicialmente aplicado à área da liderança, e mais tarde integrado na área da educação, sendo o Reino Unido um dos países de referência no desenvolvimento de políticas educacionais e programas piloto, como o *Social and Emotional Aspects of Learning (2005).*

Não havendo uma data concreta do inicio dos estudos relativos a esta temática, optámos por escolher o *ano de 1973* como ponto de referência, ano em que a APA-Associação Americana de Psiquiatria, pressionada pelas várias investidas dos movimentos LGBT e feministas, retirou *a Homossexualidade da sua lista de transtornos mentais*, levando a uma outra abordagem na investigação, passando de uma leitura sobre as causas da dita patologia, para um estudo que daria destaque às características psicossociais e às preocupações de lésbicas e gays e consequentemente para estudos sobre as atitudes e respostas sociais para com a população LGBT.

Nos últimos anos, após inúmeras lutas de revindicação de direitos por parte de Associações LGBT e Outros movimentos sociais, a sociedade portuguesa apresenta uma transformação bastante positiva, embora gradual, da visibilidade das pessoas LGBT. Segundo a ILGA -(International Lesbian and Gay Alliance) no seu ultimo Relatório anual (2017) sobre a Homofobia Patrocinada pelo Estado, uma pesquisa de leis: criminalização, proteção e reconhecimento do amor entre pessoas do mesmo sexo, (este ano realizado por Aengus Carroll e Lucas Paoli Itaborahy), Portugal é um dos nove Estados do mundo a incluir na sua Constituição a proibição de discriminação em razão da orientação sexual. É um dos 23 Estados a reconhecer o casamento entre pessoas do mesmo sexo e um dos 28 a reconhecer outras formas de união. É ainda um dos 26 Estados a aceitar o direito à adoção conjunta e um dos 27 a aceitar o direito à co-adoção. E igualmente, um dos 72 Estados, a ter disposições legais contra a discriminação no emprego com base na orientação sexual.

Apesar dos avanços significativos, que os movimentos de ativismo Gay/Lésbico tem vindo a alcançar desde a década de 60, tanto ao nível social como legal, tanto na esfera pública como ao nível das mentalidades e do reconhecimento tacitamente aceite por todos (comunidade cientifica e politica): que a homossexualidade é uma variante natural da expressão da atração erótica e dos relacionamentos entre indivíduos do mesmo sexo, que a adoção de uma identidade gay ou lésbica é considerada uma orientação positiva e saudável, assiste-se ainda a uma intensa resistência por parte de muitos grupos sociais, que tanto pela via do preconceito, como da desinformação persiste em caraterizar a

homossexualidade, como um desvio negativo à luz da normatividade vigente, alimentando assim discursos negativos e posturas homofóbicas.

Observa-se ainda que o impacto destas mudanças não foi suficiente para a criação de projetos educativos que abordem de forma clara e sem tabus a *identidade sexual, a sexualidade e o sexismo nas escolas.* Deve-se olhar para a questão da(s) sexualidade(s), com a preocupação de (re)construir uma interpretação abrangente, em que a heterossexualidade normativa perca a sua hegemonia, favorecendo assim uma visibilidade positiva das minorias sexuais até aqui marginalizadas, por um sistema social que as tem nomeado como desviantes e anormais. Como nos afirma Ferreira (2011), "*a invisibilidade das demonstrações públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo, reforça a heteronormatividade dos espaços públicos e acentua as desigualdades e discriminação em função da orientação sexual. É importante banir a palavra e o ato de tolerar- expressão infeliz de quem se acha no direito de selecionar/diferenciar o que é bom do que é mau. Não permitir a perseguição, a humilhação, a germinação da violência, uma violência, ainda que invisível, marcante para quem dela é alvo".*

"Temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza". (Boaventura de Souza Santos, 2006, p. 316) - Para ser visível, não chega estar presente, mas ser aceite como igual - ao outro diferente.

AGIR PARA MUDAR- Uma escola para todos, tem como tema central, ***estratégias de proximidade com a diferença*** - a escola deverá ser um espaço seguro e de referência para todos, inclusive pessoas LGBT- lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais. O Problema de partida que se coloca, são ***as resistências à proximidade e compreensão LGBT***- Como fazer para que professores, e restantes funcionários de uma escola, *alinhem* uma responsabilidade conjunta, no sentido de educar/formar crianças e jovens para uma literacia do afeto saudável, sem a violência dos rótulos. Como garantir que a escola tenha para todos os seus alunos (independentemente do género ou orientação sexual), um ambiente favorável e seguro, no sentido de um desenvolvimento pessoal e social digno.

Recorremos às orientações do IV Plano Nacional para a Igualdade, Género, Cidadania e Não Discriminação, 2011-2013, o XVIII Governo Constitucional Português que propõe uma educação alicerçada no combate aos estereótipos de género provendo as raparigas e os rapazes de iguais possibilidades e direitos de escolha ao longo do seu percurso

escolar e profissional, bem como na construção dos seus projetos de vida ou nas respetivas participações, a todos os níveis, na vida social, política e económica, sendo que a escola deve ser um espaço de *empoderamento*[5] pessoal, fomentadora de práticas educativas inclusivas e respeitadoras da pluralidade nela existentes.

Procura-se ainda neste estudo abordar outras questões levantadas:

- De que modo podem os Diretores, os professores, a escola ser mais inclusiva, pluralista e democrática?

- De que modo é que a escola lida com a homofobia e identidade de género?

- De que modo é que os alunos veem e sentem a escola em relação à homofobia e identidade de género?

A Hipótese que se apresenta - Através de projeto ***Agir para mudar – uma escola para todos***, é possível formar a comunidade escolar para mais pluralismo e Inclusão, sobretudo no que diz respeito às orientações sexuais, criando uma "visibilidade positiva", ou seja se os alunos, e os professores tiverem acesso privilegiado a uma informação/formação clara, objetiva e sistemática sobre a diversidade de orientações sexuais e identidade de género, então poderão (re) agir de uma forma mais adequada e favorável à multiplicidade de identidades existentes na escola.

Estes são os objetivos que foram determinados para este trabalho de projeto, e que derivam da análise realizada ao diagnóstico efetuado nos dois Pólos da Escola Profissional Gustave Eiffel,

- Recolher e analisar a opinião da comunidade educativa, no sentido de "medir" o clima da EPGE- Escola Profissional Gustave Eiffel, em relação às pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais.

– Formar a comunidade escolar para mais pluralismo e inclusão, sobretudo no que diz respeito às orientações sexuais, criando uma "visibilidade positiva".

- Envolver os diversos atores (internos e externos), no combate e prevenção à homofobia e garantia dos direitos humanos;

[5] tornar(-se) mais forte e confiante, controlando a própria vida e conquistando os seus direitos *in*

A elaboração deste projeto aspira a uma concretização no campo educativo, isto é quebrar o medo e o silêncio em relação à homossexualidade nas escolas. De uma ideia de não discriminação a uma prática real inclusiva, aceita-se tacitamente a invisibilidade das pessoas LGBT, reproduzindo tabus e preconceitos, reforçando a homofobia e a ausência de respeito por todas as pessoas que fogem à normatividade heterossexual.

Ser Gay ou Lésbica ou heterossexual, não deve ser premissa para faltar ao compromisso que tanto a família, como a escola, deve garantir a todas as crianças e jovens que procuram a sua verdadeira identidade. Apoiar e orientar no sentido amplo, de um desenvolvimento integral da pessoa humana.

Desta forma, e na tentativa de uma abordagem à realidade que se vive em dois dos Pólos da Escola Profissional Gustave Eiffel, um situado em Queluz, pertencente ao concelho de Sintra, e outro no Lumiar, pertencente ao concelho de Lisboa, procedeu-se à realização de um estudo de caso, seguindo uma metodologia de teor qualitativo, de modo a produzir uma análise mais rica e completa dos fenómenos em estudo.

Seguir-se-á uma metodologia de trabalho de projeto, pois será fundamental que os objetivos de intervenção se foquem na resolução das causas dos problemas e não sobre as suas manifestações. Segundo Barbier (1993), *a metodologia de trabalho de projeto caracteriza-se por ser desenvolvida em equipa, com pesquisa no terreno, por dinamizar a relação teoria e prática e aprender, num processo aberto, produzir conhecimentos sobre os temas em estudo ou intervir sobre os problemas identificados.*

O desenvolvimento do projeto parte de uma planificação flexível e passível de ser alterada segundo as necessidades dos intervenientes.

Durante o desenvolvimento do trabalho de projeto, o professor deve assumir papéis diversificados. Será líder de grupo, coordenador, tutor, recurso, facilitador de contactos, encenador, proporcionando o alargamento da sua capacidade de atenção sobre o real físico, social e relacional, assim como sobre o desenvolvimento intelectual e sócio - afetivo dos alunos (Mateus, 1995, p. 79).

Este trabalho encontra-se organizado em duas partes principais:

- Na primeira parte é apresentada uma Revisão da Literatura que situa este estudo, bem como o Estado da Arte, e as questões inerentes a esta pesquisa.

- Na segunda parte, em primeiro lugar é apresentada a metodologia que serviu de base ao estudo. De seguida apresentam-se e analisam-se os resultados decorrentes do diagnóstico da situação.

Na primeira parte, correspondente à Revisão da literatura, contextualizou-se o estudo através de uma breve exposição dos conceitos relativos à sexualidade, orientação sexual e identidade de género.

Na segunda parte, a problematização, colocando algumas das questões que atribuem relevância a este estudo, o paradigma que circunscreve esta investigação - Paradigma Sociocrítico, que orienta para uma metodologia de investigação-ação, onde o investigador é mais um participante. Realiza-se o diagnóstico da situação, através da aplicação de questionários e análise documental. Caracteriza-se a Instituição e os participantes, determinam-se e justificam-se os instrumentos de recolha e de análise de dados a utilizar, sublinhando-se a importância da análise do diagnóstico realizado. Fez-se a descrição e análise dos resultados, do processo de recolha e registo de dados e apresentam-se os resultados obtidos.

A finalidade deste estudo de caso, será apresentar posteriormente uma proposta de projeto de intervenção, à Escola Profissional Gustave Eiffel.

Capitulo 1 – Revisão da Literatura

"(…) o único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la."

Guacira Lopes Louro

1.1 Conceitos e definição de variáveis

Neste capitulo serão apresentados os conceitos envolvidos neste estudo de caso e as respetivas variáveis.

Sobre a não existência de estudos conclusivos sobre a origem ou causas que definem a orientação sexual dos indivíduos, as investigações realizadas até à atualidade, acreditam que será uma conjunção de fatores biológicos e ambientais, e que esta começa a ficar definida a partir da nossa infância.

A orientação sexual refere-se ao envolvimento emocional, amoroso e/ou sexual duradouro por homens ou mulheres (sexo oposto), ou por indivíduos do mesmo sexo. APA (2017). Segundo Murray (2002), *"A ''orientação sexual'' é distinta do ''comportamento homossexual'' porque apesar de os indivíduos terem uma determinada orientação sexual, não quer dizer que o representem em atos. "*

"A orientação sexual é geralmente categorizada em três dimensões: heterossexualidade, bissexualidade e homossexualidade. Por heterossexualidade entende -se a atracão sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso com/entre pessoas de sexo diferente "APA (2008). "*Por outro lado, a bissexualidade consiste na atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso por pessoas de ambos os sexos "*APA (2008). "*As pessoas com uma orientação homossexual, podem ser chamadas gays (tanto os homens como as mulheres), ou lésbicas (só as mulheres)."*

A Identidade de género, não é imutável, é o modo como as caraterísticas sexuais são compreendidas e representadas, como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo social, cultural e histórico. Segundo Rodrigues (2003)," *o termo género está associado aos (…) componentes não fisiológicos do sexo que são culturalmente esperados como apropriados aos homens e às mulheres, referindo-se a um rótulo social pelo qual se distinguem dois grupos de pessoas. A identidade de género vai-se construindo a partir do contexto sociocultural envolvente, com toda a pressão de estereótipos socialmente impostos nessa determinada geografia física e temporal,*

sendo que é muitas vezes nesse processo de construção que se fomenta a desigualdade de género (masculino ou feminino). Para Scott (1989), *o género não é uma mera decorrência dos corpos, mas parte da diferença que nós percebemos e, ao percebê-las, hierarquizamos. Pensar relações de género sem discutir o corpo, é como pensar relações raciais sem discutir a cor da pele.*

O termo sexo é usado para distinguir os indivíduos com base nas suas diferenças anatómicas internas e externas do corpo, considerando-se assim pertença de uma das categorias biológicas: sexo feminino e sexo masculino. Considera-se ainda atual a discussão à volta das questões de género,

De acordo com a APA (2009), "*atualmente, considera -se que o transgenderismo abarca todas as identidades ou expressões de género fora das normas de género convencionalmente aceites. Assim, a transexualidade é lida pela APA como uma forma de transgenderismo e que inclui outras formas como o/a travesti, o/a drag, entre outras"*.

Identifica-se como transexual um individuo (sexo masculino/feminino) que através de tratamento hormonal, alcance algumas mudanças físicas, ainda que não deseje ser alvo de uma intervenção cirúrgica. Segundo Oliveira (2009)", *a transexualidade implica, contudo, um desejo de viver ou uma experiência de vida de acordo com que é convencionalmente atribuído a outro género. No caso de pessoas cujo sexo biológico de nascimento é masculino e que vivem no género feminino, falamos de transexuais MTF (male to female). No caso de pessoas cujo sexo biológico é feminino e que vivem no género masculino, falamos de transexuais FTM (female to male). "*

1.1.1 A Escola e o respeito pela pluralidade

Lê-se no relatório do Conselho da Europa (2011) sobre a discriminação em razão da orientação e da identidade de género, "*que os sistemas educativos dos países membro devem "salvaguardar o direito das crianças e jovens à educação num ambiente seguro, livre de violência, bullying, exclusão social, ou outras formas de tratamento discriminatório e degradante relacionado com a orientação ou identidade de género" (Recomendação do Comité de Ministros CM/Rec, 2010, in Conselho da Europa, 2011, p.112). Para a concretização deste propósito, destacam-se as seguintes medidas (i) a promoção de campanhas, políticas e regulamentos de combate à agressão homofóbica no espaço escolar; (ii) a introdução destas temáticas nos materiais escolares e pedagógicos;*
(iii) a formação e informação de professores, auxiliares de educação, alunos e pais. Os resultados deste estudo chamam sobretudo a atenção para estes dois últimos aspetos."

No sentido de responder a esta necessidade, Oliveira e colaboradores (2010) "*propõem, a criação de ações de formação que de forma pertinente e científica saibam fornecer informação sobre as realidades das pessoas LGBT em todos os sectores de atividade e instituições públicas. Igualmente a criação de currículos onde a orientação sexual e a identidade de género sejam discutidas de forma não preconceituosa – em todos os níveis escolares e académicos nos parece relevante. (...) dar atenção particular, através de políticas públicas que envolvam vários níveis da sociedade portuguesa, às instituições vistas como mais discriminatórias, como no caso das forças de segurança, vistas como mais homo/transfóbicas."*

Em Portugal, o *V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e Não - discriminação 2014 -2017 (V PNI)* enquadra–se nos compromissos assumidos por Portugal nas várias instâncias internacionais, designadamente no âmbito da Organização das Nações Unidas, do Conselho da Europa, da União Europeia e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). "(…) *pretende reforçar a intervenção nos domínios da educação, saúde e mercado de trabalho, por se considerar que estas áreas são merecedoras de um maior investimento no sentido do alargamento e aprofundamento das respetivas medidas".* A partir deste Plano prevê-se mais concretamente para a *Educação, Ciência e Cultura*: Produzir materiais pedagógicos, em todos os suportes, promotores da igualdade de género e da cidadania: a) Elaborar o Guião de Educação, Género e Cidadania para o ensino secundário; b) Elaborar um Referencial de Educação para a Igualdade de Género;) Promover a divulgação e a aplicação dos materiais pedagógicos produzidos; Integrar a

temática da igualdade de género como um dos eixos estruturantes das orientações para a educação pré -escolar, ensino básico e secundário.

A implementação da Obrigatoriedade e transversalidade na Educação Sexual nas escolas tem por objetivo seguir, tal como previsto na lei 120/99, o programa que inclui trabalhar a diminuição da gravidez na adolescência e das doenças sexualmente transmissíveis (DST's). Estas orientações revelam em si, uma pobreza deliberada nos objetivos que estão determinados para servir de orientação a quem os irá transmitir, ou quem for alvo deles. A educação sexual deve abordar os afetos, a igualdade de género, as diversas orientações sexuais" (…).*Ainda de acordo com a Organização Mundial de Saúde que refere que, (…) A sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental. "*

Embora a Lei da Educação Sexual portuguesa inclua, entre os seus objetivos, *o "respeito pela diferença entre as pessoas e pelas diferentes orientações sexuais" e a "eliminação de comportamentos baseados na discriminação sexual ou na violência em função do sexo ou orientação sexual"* (Diário da República, 2009, p. 5097), estes propósitos parecem longe de estar concretizados.

Segundo o estudo *Educação sexual em Portugal: Legislação e avaliação da implementação nas escolas,* realizado pela Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde (2013), que teve como finalidade avaliar a implementação da educação sexual em meio escolar, nas escolas portuguesas, no sentido de informar e dar suporte às políticas de educação sexual, aos programas e intervenções dirigidos a adolescentes a nível nacional, Gaspar e outros (2014), "*considera que se deve manter o caráter prioritário da Educação Sexual em meio escolar, garantindo para isso a formação necessária aos professores (…); realizar a manutenção da Lei nº60/2009 e da Portaria nº 196-A/2010, no sentido de abrir o debate à importância desta matéria."*

Analisamos ainda o ultimo Relatório bianual do OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO LGBT (2014), da rede ex aequo[6] – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans,

[6] A rede ex aequo foi criada em 2003, está inscrita no Registo Nacional do Associativismo Jovem e é uma organização membro da Direção do Conselho Nacional de Juventude e da IGLYO – International Gay, Lesbian, Bisexual, Transgender and Queer Youth and Student Organization. As suas atividades têm o apoio financeiro do Instituto Português do Desporto e Juventude.

intersexo e apoiantes sobre discriminação em função da orientação sexual e/ou da identidade ou expressão de género no espaço escolar em Portugal, que foi realizado entre janeiro de 2013 e dezembro de 2014, a adolescentes a partir dos 16 anos até adultos com 30 anos, tendo a maioria dos indivíduos se caraterizado como alunos.

A partir deste relatório percebemos que a maioria das situações relatadas ocorreram no âmbito escolar, particularmente no nível do Ensino Secundário, e que os testemunhos de homofobia foram vivenciados na primeira pessoa ou na presença dela. Contudo as agressões que ocorrem na rua e na família, também apresentam percentagens preocupantes. As causas destas agressões (físicas, psicológicas, emocionais, verbais…), tem a sua origem nas abordagens realizadas à orientação sexual e identidade ou expressão de género. e num ainda elevado desconhecimento sobre os mesmos. Salienta a falta de informação correta e científica sobre uma questão, que também é uma questão de direitos humanos, atribuindo ao nosso sistema de ensino a responsabilização pela falta de um efetivo reforço positivo sobre estes temas.

Estes relatos apontam para uma violência invisível que ainda ocorre atualmente, e que impede que o sistema de ensino seja inclusivo. *"Existe um ambiente hostil no dia-a-dia de muitos jovens do nosso país que vivem diariamente situações de desconforto direto e/ou indireto sem que nada possam fazer para evitá-lo".*

Ainda que não se possa considerar este Relatório, enquanto amostra representativa do âmbito nacional, visto que muitas das vitimas não tem acesso ou conhecimento deste observatório é, no entanto, nosso dever, considerar as inúmeras situações de discriminação que acontecem dentro e fora das instituições portuguesas, e que nele foram relatadas e assim confiadas, no sentido de procurarem uma resolução.

A este propósito, foi já introduzido no Estatuto do Aluno e Ética Escolar" Lei n.º51/2012, de 05 de Setembro, Artigo 7.º, Capitulo - Direitos do aluno, o seguinte:

Que o aluno tem direito a:

a) Ser tratado com respeito e correção por qualquer membro da comunidade educativa, não podendo, em caso algum, ser discriminado em razão da origem étnica, saúde, sexo, ***orientação sexual,*** *idade****, identidade de género****, condição económica, cultural ou social ou convicções políticas, ideológicas, filosóficas ou religiosas;*

A escola deve ser um fator de alavancagem social, ser mais justa e plural. Uma escola que tenha no seu ADN a defesa de valores moralistas e conservadores, é um travão ao desenvolvimento e à mudança necessária para o progresso. Apesar da alteração da lei, o Estado deve ter um papel preponderante na aplicação da mesma, promovendo estratégias para a sua implementação e mecanismos que monitorizem o seu cumprimento na prática.

Como nos diz Daniel Sampaio (2010), "*falar de sexualidade na escola é falar de uma força estruturante que acompanha as nossas vidas desde que nascemos até que morremos. Uma vida sexual que nos forneça bem-estar contribui para o nosso equilíbrio. Por isso, a Escola não deve perder esta oportunidade de contribuir para uma vivência mais gratificante da sexualidade por parte dos seus estudantes.*"

1.1.2 O papel dos Professores e das professoras

Sendo a sexualidade parte integrante do individuo, deve ser encarada desde cedo como veiculo principal do seu relacionamento com o outro e a sua comunidade. Educar para a Sexualidade deve fazer parte da formação básica de cada pessoa, não descurando nesse processo a necessária transmissão de valores coerentes com as demais dimensões do ser humano. A Organização Mundial de Saúde, "*sublinha que a sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da vida e inclui o sexo, género, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experienciada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações* ***(…).***"

A indiferença dos outros, reforça qualquer tipo de violência, inclusive a violência homofóbica[7], e são relatadas diariamente situações de insulto, humilhação e sofrimento de crianças e jovens que dentro das paredes da escola, escolhem esconder, negar ou silenciar a sua verdadeira identidade, com vergonha ou receio de virem a ser julgados ou maltratados por colegas ou professores – crianças e jovens que não sabem o que esperar da reação dos outros. Segundo Borrillo (2009), "*a primeira tarefa pedagógica seria questionar a ordem heterossexista e tornar evidente que a hierarquia de sexualidade, é tão insustentável quanto a de raças ou de sexos. Contudo o que prevalece dentro do sistema educativo é o silêncio em relação à sexualidade não-heterossexual, e esta omissão reforça a censura e uma oposição deliberada, que remete para a clandestinidade uma dimensão vivencial da sexualidade, que não se vê reconhecida ou apreciada pela sociedade".*

Enquanto a heterossexualidade, é emoldurada em explicações biológicas ou religiosas, naturalizada pela conceção de família ou pelas dinâmicas socioculturalmente aceites, todas as outras orientações sexuais são consideradas desajustadas e consequentemente marginalizadas. Esta normatividade da heterossexualidade ganha dimensão no espaço público, que segrega com facilidade tudo o que a pretende comprometer.

[7] A homofobia é uma atitude de hostilidade para com os homossexuais. O termo parece ter sido utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1971, mas foi somente no final dos anos 1990 que ele começou a figurar nos dicionários europeus.

A escola, os professores têm a responsabilidade de fomentarem uma prática de vivências inclusiva, que permita a afirmação da diversidade sexual e da dignidade de todos ou de apenas um. A educação para os afetos e sexualidade, deve ser um assunto transversal a todas as disciplinas, ainda que não esteja diretamente ligada aos conteúdos a lecionar. A sexualidade e o afeto estão presentes em todas as ações humanas, e constituem uma parte estruturante da identidade, o que pressupõe uma preocupação na formação das crianças e jovens que introduza essa ilustração da diversidade existente.

Sobre Ética Profissional[8] A IE- *International Education*, *"recomenda a adoção da seguinte Declaração, a fim de orientar os professores e outros trabalhadores da educação e seus sindicatos para o respeito pelos padrões éticos requeridos pela profissão: No ponto 2. Compromissos com os estudantes - Os profissionais da educação devem: e) ajudar os estudantes a desenvolver um conjunto de valores de acordo com os padrões internacionais de direitos humanos; e ainda devem, h) proporcionar aos estudantes o sentimento de pertença a uma comunidade, baseada em compromissos mútuos de comprometimento com a existência de um lugar para todos;(…)".*

A homossexualidade não está representada nos livros escolares, carece de uma simbologia positiva que represente a diversidade das sexualidades. Contudo, ainda que os livros não tenham imagens, nem histórias, nem personalidades relevantes, elas existem, e os professores devem considerá-las naturalmente e ilustrá-las positivamente no seu discurso, no sentido de garantir os mesmos direitos para todos os seus alunos: o reconhecimento da sua existência, da sua dignidade sexual.

Em Portugal, o E*statuto da Carreira Docente,* no CAPÍTULO II-Direitos e deveres, Artigo 10º, "*diz ser o Dever profissional do professor – alínea a) contribuir para a formação e realização integral dos alunos, (…) E ainda na alínea b) reconhecer e respeitar as diferenças culturais e pessoais dos alunos e demais membros da comunidade educativa, valorizando os diferentes saberes e culturas e combatendo processos de exclusão e discriminação (…)".* O professor enquanto elemento ativo neste processo de construção de valores, deve legitimar a compreensão e a aceitação da

[8] *in* www.fenprof.pt -Ética Profissional

diferença, seja ela de que natureza for. Deve combater o tabu em relação á diversidade sexual, e incluir no seu discurso orientações, limites, ou outras referências que ilustrem a auto- determinação do corpo.

1.2 Estado de Arte

"Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar."

Paulo Freire - Pedagogia da indignação, 2000

1.2.1. Outros países, outros modelos, as mesmas lutas

Neste capitulo apresentamos alguns dos projetos em intervenção LGBT e outras iniciativas realizadas a nível internacional e nacional, no sentido de demonstrar o esforço que tem vindo a ser desenvolvido tanto por entidades estatais como privadas, pela conquista de direitos para as pessoas LGBT.

Nas ultimas duas décadas tem aumentado consideravelmente as ações de âmbito internacional efetuadas por órgãos governamentais, ONGS e organizações, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo (ILGA), que tem dado o seu grande contributo para por fim ao preconceito anti-gay, e à violência de que ainda na atualidade, são alvo tantas crianças e jovens nas escolas.

A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura criou no ano de 2012 para uma consulta internacional o Book nº 8, intitulado *Good policy and practice in HIV and health the education – Education sector responses to homophobic bullying,* que pretende sugerir orientações politicas para a prática tanto na área da saúde como na educação sobre o HIV, e inclui respostas concretas para o combate do bullying homofóbico nas escolas e Universidades.

A União Europeia apesar de apresentar competências limitadas no campo da educação, tem, no entanto, desempenhado um papel importante com medidas não legislativas, que orientam para práticas inclusivas, para criação de iniciativas juvenis anti-discriminação e programas que promovam a formação dos professores no âmbito da sexualidade e identidade de género.

O Conselho da Europa, expressou igualmente em 2010, através do Comité de Ministros uma recomendação clara sobre as medidas que devem ser tomadas para combater a

discriminação das pessoas LGBTI, com base na orientação sexual e na identidade de gênero na educação.

A ILGA - Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo, federação mundial que congrega grupos locais e nacionais dedicados à promoção e defesa da igualdade de direitos para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersex (LGBTI) em todo o mundo. Por sua vez, a ILGA-Europe tem tido como prioridade no seu trabalho, aumentar a proteção legal contra a discriminação das pessoas LGBTI no acesso à educação, apoiando projetos e iniciativas em vários países da Europa, estabelecendo contatos e parcerias com atores relevantes na área politica e social, tanto ao nível nacional como internacional. Fornece informações atualizadas a professores, e a associações que atuam no terreno, no sentido de reforçar o conhecimento e a partilha de todos os aliados nesta luta, por uma escola mais inclusiva e segura para todos e todas.

O grande objetivo deste trabalho, é conseguir que os decisores políticos implementem uma nova legislação europeia contra a discriminação e façam aplicar efetivamente os instrumentos legais em matéria de direitos humanos.

A Suécia, é um dos países pioneiros na implementação da Educação Sexual[9], e desde 1956 que a Educação Sexual nas escolas é obrigatória. Tem um o programa de Educação Sexual nas escolas bastante amplo, que se apresenta dividido em 4 fases, consoante a faixa etária dos alunos e o grau de maturidade. Dos 7 aos 10 anos, estuda-se a menstruação, o prazer com o próprio corpo, os contracetivos, a fertilização, a gravidez e o parto. Entre os 10 e os 13 anos são estudadas as alterações físicas na puberdade, as doenças venéreas, o exibicionismo, a homossexualidade e a pedofilia. No nível seguinte (dos 13 aos 16 anos) fazem parte do programa a desconstrução dos papéis sexuais e dos estereótipos, a família e o casamento do ponto de vista de diversas culturas, o aborto, a pornografia, a prostituição, a troca de carícias, a SIDA e o sexo seguro. A partir dos 16 anos, são introduzidos temas como, o desejo sexual, orientação sexual, as paixões, as disfunções sexuais.

[9] *IN* DOSSIER 024: EDUCAÇÃO SEXUAL / EDUCAÇÃO SEXUAL NA SUÉCIA, SEM TABUS, DE ESQUERDA.NET. 2007

Ainda dentro da Europa, a BeLonG To[10], é uma organização Irlandesa de âmbito nacional que apoia jovens LGBT, dos 14 aos 23 anos, em áreas como a saúde, apoio parental de pessoas LGBT, e serviços diversos, todos eles relacionados diretamente com a eliminação da homophobia e transfobia. Tem criado, vários recursos didáticos, direcionados a professores e alunos, e tem ainda desenvolvido ações de formação para professores e jovens envolvidos em trabalho associativo. Desenvolve ainda, em parceria com o governo Irlandês, um programa que introduz orientações para a educação inclusiva da sexualidade nas escolas.

Outro dos exemplos internacionais, no Estado de Massachusetts (USA), onde nasceu em 1990, um grupo de professores, que se juntaram com a intenção de melhorar o Sistema educativo no que respeita aos direitos e abordagens da comunidade LGBT- Lésbicas, Gay(s), bissexuais e Transsexuais no interior das escolas secundárias. Após 25 anos de trabalho, o grupo cresceu e é atualmente uma organização a nível nacional que atua em escolas secundárias, no sentido de tornar o ambiente das escolas mais seguro para todos os estudantes. A **GLSEN, the Gay, Lesbian & Straight Education Network[11],"** *assegura que 8 em 10 estudantes, são ainda hoje assediados na escola por serem quem são. ".*

Esta organização trabalha nas escolas, promovendo uma identidade LGBT positiva, fomentando o respeito pela diversidade de orientações sexuais, e pelas várias expressões de género, e defendendo que todos os alunos merecem ter acesso a uma escola segura onde possam crescer e aprender. A **GLSEN**, faz-se representar em Congressos, nos Departamentos de Educação do Estado e na Comunidade.

A **Gay-Straight Alliance Network** é outro dos exemplos, de uma organização que nasceu em 1998, na Baia de San Francisco (EUA) no sentido de promover jovens ativistas, com a criação de 40 clubes que lutam contra a homofobia e transfobia nas escolas com alianças Gay-hetero, é atualmente uma organização do Estado que operacionaliza vários programas a nível nacional. A **GSA Network (GSA Network)[12]"** *promete ser a próxima geração*

[10] *In* http://www.belongto.org
[11] *In* https://www.glsen.org
[12] *In* https://gsanetwork.org

LGBTQ que lutará pela diversidade racial e de género e pela justiça, trabalhará no sentido de formar jovens líderes sociais que defendam, organizem e mobilizem os diversos atores para a existência de escolas mais seguras e comunidades mais saudáveis".

1.2.2 Os Projetos de intervenção LGBT: Informação e educação em Portugal

Portugal apresenta atualmente um vasto leque de órgãos não governamentais e associações LGBT do norte ao sul do país, que tem desenvolvido um trabalho relevante no combate à discriminação homofóbica, no entanto neste sub-capítulo iremos apenas apresentar alguns dos projetos que estão direcionados às escolas ou diretamente com as problemáticas dos jovens portugueses LGBT.

A Associação ILGA Portugal[13] - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, de reconhecida utilidade pública, sob a forma de Associação de Solidariedade Social - e é mais antiga associação de defesa dos direitos LGBTI em Portugal, sendo totalmente apartidária e laica.

Esta Associação data de 1995 e tem por principal objetivo a integração social da população lésbica, gay, bissexual, trans e intersexo (LGBTI) em Portugal através de um programa alargado de apoio no âmbito social que garanta a melhoria da sua qualidade de vida; através da luta contra a discriminação em função da orientação sexual, da identidade de género e características sexuais; e através da promoção da cidadania, dos Direitos Humanos e da igualdade de género.

A ILGA Portugal dispõe de vários serviços destinados à comunidade LGBTI, dos quais se destacam: - Centro de Documentação; Departamento Jurídico; Linha LGBT; Integração Social /asylum seekers; Apoio Psicológico; Serviço de Apoio a Vítimas LGBT. As suas áreas de intervenção são: a Educação; as Famílias; O Género; a Identidade de Género; Politicas; Saúde e Violência.

Em relação ao trabalho na área da Educação, a Associação sugere algumas ferramentas online de apoio para professoras/es de escolas básicas e secundárias, no sentido de lhes

[13] *In* http://ilga-portugal.pt

facultar ferramentas concretas para trabalhar a discriminação com base na orientação sexual e na identidade de género no contexto escolar, consultando o site http://teachers.ittakesallkinds.eu/pt/. [14] O website http://www.ittakesallkinds.eu/pt-pt/oferece igualmente a jovens visitantes (alunas/os dos 10 aos 17 anos), uma diversidade de exercícios coloridos, dinâmicos e informativos, inquéritos, testes, jogos e vídeos desenhados para promover a compreensão e o conhecimento de assuntos como a discriminação, a igualdade de tratamento, os Direitos Humanos, e a diversidade sexual e de género. Os materiais sugeridos já foram testados em várias escolas, no entanto não existem estudos para comprovar a sua eficácia no combate á discriminação LGBT.

1.2.2.1- O Projeto Porto Arco-Ìris[15]. é outra das iniciativas promovidas pela Associação ILGA Portugal. com sede na cidade do Porto, tem por missão uma intervenção direcionada à luta contra a discriminação com base na orientação sexual e na identidade de género na região norte do país, através da realização de um conjunto de ações de sensibilização e atividades de cariz sociocultural e formativo, dirigidas à população em geral, mas também a públicos específicos, como as escolas. Importa destacar aqui algumas das suas atividades, relacionadas com a sua intervenção junto das crianças, jovens e profissionais relacionados:

- participação em colóquios, conferências e workshops-; ações de disseminação em parceria com outras entidades organização de ciclos de cinema de temática LGBT; organização de feiras do livro de temática LGBT; distribuição de livros de temática LGBT por bibliotecas municipais e escolares; concurso para a publicação um livro infantil; promoção de exposições sobre direitos humanos LGBT; colaboração com estudos académicos; resposta a pedidos de apoio e informação; formação em áreas profissionais específicas (saúde, segurança, educação, etc).

Este trabalho é desenvolvido junto de grupos muitos específicos, muitos deles ligados ao trabalho nas escolas, como é o caso das ações de sensibilização para Auxiliares Educativos, técnicos de saúde, forças de segurança, professores/educadores,

[14] *In* http://ilga-portugal.pt/areas-trabalho/areas-trabalho.php?tipo=educacao
[15]*In* http://porto.ilga-portugal.pt/p/quem-somos.html

Estudantes universitários de na área da educação, da psicologia e criminologia. Esta intervenção é realizada em espaços diversificados, desde escolas, museus, bibliotecas, Universidades, instituições particulares, Centros Comunitários, feiras de livros, nos média (…), no sentido de uma maior abrangência de públicos e contextos. São abordados vários conceitos-chave e temas como o bullying homofóbico, bem como propostas e estratégias concretas de intervenção para promover a integração de jovens LGBT no contexto escolar, tanto ao nível da sala da aula como na definição global das estratégias pedagógicas e envolvimento com a comunidade. Em outro exemplo de intervenção nas instituições de ensino, diretamente com alunos, são debatidos temas como: os preconceitos no geral, a homofobia, a transfobia, os direitos das pessoas LGBT, o bullying, e as famílias arco-íris. São realizadas dinâmicas de grupo, discussões de grande grupo e são apresentados alguns vídeos e materiais informativos.

A rede ex aequo[16] é uma associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, Transgénero e simpatizantes com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos. Está sediada em Lisboa, desde o seu aparecimento em 2003, e tem como objetivo trabalhar no apoio à juventude lésbica, gay, bissexual ou Transgénero e na informação social relativamente às questões da orientação sexual e identidade de género. Está inscrita no Registo Nacional do Associativismo Jovem (RNAJ) e recebe apoio regular do Instituto Português do Desporto e Juventude. Faz parte do Conselho Nacional de Juventude, do Fórum dos Direitos das Crianças e dos Jovens e da IGLYO - International Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer Youth and Student Organisation.

Destacam-se alguns dos seus projetos, seguindo o critério de maior impacto:

1.2.2.2- edição de uma brochura informativa[17] para jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans ou com dúvidas. Esta brochura inclui adicionalmente um capítulo exclusivamente dedicado aos pais e familiares e já vai na sua 3ªedição. Reúne informações sobre questões de orientação sexual e de identidade de género, assim como testemunhos reais de jovens e familiares.

[16] *In* https://www.rea.pt
[17] *In* https://www.rea.pt/brochura-info

1.2.2.3 - O Observatório da educação[18]

É um projeto que disponibiliza formulários online para que as pessoas, possam fazer denúncias de casos de homofobia nas escolas de forma anônima, se desejado. Este instrumento de avaliação supõe dar voz e reportar todas as situações de discriminação, de qualquer espécie respeitantes ao tema da orientação sexual e identidade de género que tenham ocorrido em estabelecimentos escolares em Portugal.

De dois em dois anos, a rede ex aequo compila e analisa todas as queixas recebidas e envia estes resultados para o Ministério da Educação, no sentido de alertar o Estado para este tipo de problemas de agressão psicológica e/ou física sofrida por jovens, professores e funcionários, assim como das ocorrências de veiculação de informação incorreta, preconceituosa e atentatória dos direitos humanos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneras, no espaço escolar.

1.2.2.4- ***Projeto Educação LGBT***[19] - Este projeto envolve a realização de debates em Escolas Básicas ou Secundárias em Portugal, assim como a distribuição de brochuras informativas para professores e alunos, com o objetivo de educar contra a discriminação a pessoas lésbicas, gays, bissexuais ou transgêneras (LGBT). Procura-se, através destas estratégias, promover uma educação para a cidadania e para os direitos humanos, em específico na área da orientação sexual e da identidade do género, no sentido de uma transmissão de informação correta.

Alerta ainda a associação, para algumas das consequências da discriminação que é vivida por estes jovens, como seja a depressão e tentativa de suicídio, entre outras situações negativas tais como agressões verbais ou até mesmo físicas e perseguições da parte de elementos da comunidade educativa.

A partir do trabalho, que tem desenvolvido junto das escolas, a rede ex aequo afirma que estas situações só podem ser contrariadas através da criação de ambientes

[18] *In* https://www.rea.pt/observatorio-de-educacao
[19] *In* https://www.rea.pt/projeto-educacao

positivos, abertos e tolerantes em relação às pessoas LGBT, e de uma educação para a cidadania e os direitos humanos no campo da orientação sexual e identidade de género.

1.2.2.5- O Projeto Inclusão[20], à semelhança do Projeto Educação, é um projeto da Rede Ex Aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros (LGBT) e apoiantes, e apoiado financeiramente pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) via Programa EEA Grants, entre 2009 e 2011. Este projeto surgiu da preocupação face ao que tem sido indicado em estudos científicos e observado no nosso trabalho de terreno: dentro da população jovem, a juventude lésbica, gay, bissexual e transgénera tem taxas particularmente elevadas de risco de depressão, baixa autoestima, abuso de substâncias, auto-mutilação, ideação e tentativa de suicídio, em grande medida devido à discriminação e ao preconceito com que é confrontada no quotidiano, nomeadamente, nas nossas escolas.

Esta iniciativa pretende fazer frente à pouca informação e discriminação ainda vigentes no campo da Educação em Portugal em relação a estes temas, e que resultam na transmissão de informação incorreta, preconceituosa e estereotipada, assim como num ambiente negativo para o dia a dia dos jovens LGBT.

Entre outros objetivos, o Projeto Inclusão realizou uma **campanha de cartazes** contra o bullying homofóbico que arrancou em 2010 nas escolas do **3º Ciclo do Ensino Básico, Ensino Secundário e Ensino Universitário** em Portugal. Foi também lançada uma **campanha de sensibilização** através da PostalFree, com **100 mil postais distribuídos** pelos circuitos de ensino, cinema e lazer.

O Projeto Inclusão prevê ainda o **planeamento e realização de formações para profissionais que trabalhem com jovens**.

[20] *In* https://www.rea.pt/projeto-inclusao

1.2.2.6- O projeto "Stop Bullying![21] - *é uma abordagem baseada nos Direitos Humanos para combater a discriminação nas escolas"*, enquadrado no programa de Educação para os Direitos Humanos da **Amnistia Internacional**. Este projeto pretende contribuir para a redução do bullying e das atitudes discriminatórias em quatro países europeus que constituíram entre si esta parceria (Itália, Polónia, Irlanda e Portugal), para a integração dos direitos humanos em todos os aspetos da vida educativa das Escolas Amigas dos Direitos Humanos, que participaram no projeto (17 escolas). Terá uma duração de dois anos e no final pretende-se que haja uma redução em 33% das incidências de bullying, nas Escolas Amigas dos Direitos Humanos.

Pretende igualmente preparar as escolas para darem continuidade aos planos, atividades e estratégias construídas durante o decurso do projeto, para tornar cada contexto educativo mais seguro e participativo, com a alteração de um conjunto de princípios pedagógicos orientadores, referenciados de forma permanente nos planos anuais de atividades ou nos regulamentos internos de cada escola.

O projeto "Stop Bullying! - resultou de uma candidatura europeia no âmbito Daphne III, 2014-2016. e foi o integrado no plano de atividades para os anos 2015-2017, a par das atividades que já decorriam no contexto do dia-a-dia das escolas no sentido de se tornarem "amigas dos direitos humanos.

O projeto teve início em setembro de 2014, e, numa primeira fase, o balanço realizado até março de 2015 reconheceu que foram dinamizadas 31 oficinas de formação e sensibilização, envolvendo 389 alunos, 81 professores e 76 assistentes operacionais, nas seis escolas nacionais onde decorre ainda o projeto, nomeadamente:

Escola Básica e Secundária do Levante da Maia – Porto; Escola Secundária Dr. Serafim Leite - S. João da Madeira; Escola Básica e Secundária Pedro Ferreiro - Ferreira do Zêzere; Escola Secundária Professor Reynaldo dos Santos - Vila Franca de Xira; Escola Secundária Gama de Barros – Cacém; Escola Secundária Rainha D. Isabel – Estremoz.

[21] *In* https://www.amnistia.pt/projeto-stop-bullying

O plano estratégico do PROJETO STOP BULLYING 2017-2019, tem como tema: Be Yourself / Sê tu próprio: respeito pela tua identidade e individualidade, e já tem disponível as suas linhas de orientação[22], de onde gostaríamos de destacar estas: - *Melhorar ambientes escolares, tornando-os em espaços mais seguros, inclusivos, equitativos e menos discriminatórios; Aumentar a participação e o ativismo dos jovens, que passaram a sentir-se mais capacitados, autónomos e reconhecidos como agentes de mudança válidos na melhoria dos seus contextos educativos.*

Perante estas iniciativas desenvolvidas em território nacional, podemos reconhecer o importante papel dos movimentos associativos e a sua ação geradora de projetos, que tem envolvido os vários atores em redor da educação de crianças e jovens, não obstante ao trabalho até agora desenvolvido, seria de todo relevante a vivência de uma politica educativa a nível nacional, que fomente o desenvolvimento de ações educativas que permitam o dialogo para a desconstrução dos preconceitos instituídos culturalmente em relação às representações atribuídas à diversidade de orientação sexual e às diferentes identidades de género.

Acreditamos que o papel do Estado é fundamental para uma estratégia concertada dentro do sistema educativo, no sentido da consolidação do reconhecimento das identidades não heterossexuais e na eliminação de atitudes homofóbicas, promovendo, deste modo, uma cultura de respeito e de aceitação social efetiva.

[22] http://www.amnistia.pt/wpcontent/uploads/2017/07/Stop_Bullying_Plano_Estrategico_legado_2017_2019.pdf

Capitulo 2 – Metodologia

Neste capitulo apresentaremos o enfoque da investigação e o plano metodológico do estudo, a discrição da população alvo, da população acessível e da amostra dos participantes utilizada e do processo de definição da amostra. Será apresentada a justificação dos instrumentos selecionados e a sua descrição, as considerações sobre a fiabilidade e validade dos instrumentos, e por ultimo a descrição dos procedimentos adotados no estudo.

"A metodologia apresenta-se como a operacionalização do método, por outras palavras, é todo um conjunto de atividades e procedimentos que são necessários para alcançar os objetivos propostos" (Serrano, 2008).

2.1 Opções metodológicas

Decorrente de preocupações educativas e pedagógicas de ordem profissional e de preocupações de natureza pessoal e social, e no sentido de puder contribuir para a desconstrução de preconceitos e estereótipos a respeito das diferentes orientações sexuais e identidade de género em contexto educativo, e no contexto do Mestrado em Ciências da Educação, com especialização em Administração Educacional, surgiu a oportunidade de realizar um estudo de caso, numa perspetiva de aferir o "clima" da Escola Profissional Gustave Eiffel, em relação à aceitação das pessoas LGBT.

Os alunos, os professores e os respetivos diretores das duas escolas selecionadas, tiveram a oportunidade de responder, segundo as suas conceções, sobre o seu comportamento em relação a alguém LGBT? (no caso dos alunos) - Quais as suas conceções sobre as diferentes orientações sexuais? Quais as práticas educativo-pedagógicas que são desenvolvidas em contexto de educativo? (no caso dos professores, acrescenta-se) - Qual a postura e resposta que é dada em contexto de sala de aula, quando levantado este tema? Quais as razões que podem motivar a introdução dos temas relacionados com as pessoas LGBT? – aos diretores foi proposta uma entrevista, para aferir a sua opinião e resposta institucional: sobre o conhecimento do

numero estatístico da população LGBT na respetiva escola; que recursos e iniciativas são promovidos para habilitar alunos, professores e restantes funcionários, para a compreensão da diversidade sexual e identidade de género existente na sua escola.

Foi a partir destas questões que emergiu o interesse pela problemática em estudo e que se recorreu a uma metodologia mista na investigação sobre o tema, realizando um levantamento do estado da arte sobre os temas sugeridos, explorando as conceções e experiências dos adolescentes e dos professores de forma qualitativa e quantitativa (por via da realização de um questionário online), e com a recolha de dados qualitativos aos Diretores, por via de entrevistas semiestruturadas (modelos em anexo).

2.2 Problematização

Neste sub-capítulo iremos apresentar a discussão sobre o problema em estudo.

A construção da identidade começa muito cedo, após o nascimento, através das relações sociais e culturais que estão estabelecidas em torno do ambiente natal da criança. Será posteriormente através das brincadeiras e jogos de role-play que a criança desempenhará papéis de género, reconhecidos como masculinos ou femininos. A identidade de género, contrariamente ao sexo (masculino/feminino), está enraizada no nosso ADN, e manifesta-se por sua vez ao ritmo fisiológico de cada individuo.

Em pleno século XX, o género era visto como algo que se pudesse atribuir às crianças, influenciado pela educação ou pela sociedade. Segundo o psicólogo e sexólogo (Money. John) na década de 1950, o género era só uma construção social, seria possível atribuir o género através das pressões sociais dos papéis masculino ou feminino. Defendia que qualquer criança (macho ou fêmea), poderia ser obrigada a crescer como homem ou mulher, e isso só dependeria de como fosse criada pelos pais e pela sociedade. No entanto, essa teoria foi derrubada pela existência de um grupo de crianças existentes numa aldeia Dominicana, “os guevedoces”, inicialmente criados como meninas, sendo que mais tarde 95% fizeram a sua transição para viverem como homens. Esta descoberta, desmontou a teoria estabelecida pela maioria, em que o género podia ser

atribuído. Reconheceu-se, pois, que o sexo e a educação podem ser atribuídos, mas o género não pode ser atribuído, é algo interior, inato.

2.1.1 A orientação sexual

A escola como espaço privilegiado para a aquisição de múltiplos exemplos e estímulos, colocará a criança pela segunda vez em confronto com *o outro*, e com as suas diferenças. Alguns professores no sentido de promover uma orientação sexual "*adequada e normal"*, vão ajuizando e indicando as condutas que devem ter os meninos e as meninas, é, no entanto, crucial uma abordagem neste momento de formação da identidade, da parte do professor/orientador, que inclua todas as possibilidades no que respeita à orientação sexual dos seus alunos, uma visão da diversidade humana, que negue qualquer tipo de descriminação. Porque *"na perspetiva da diversidade humana, toda a gente tem uma cultura, uma raça, um género, uma orientação sexual e um lugar na ordem social"* (Trickett, Watts, & Birman, 1993 in Carneiro, Nuno, 2013).

Segundo o estudo Bullied Youth: The Impact of Bullying Through Lesbian, Gay, and Bisexual, realizado em 2014, por Caroline B. R. Evans and Mimi V. Chapman na University of North Carolina em Chapel Hill, que analisou algumas experiências de bullying numa amostra racial e etnicamente diversa do meio rural, e com jovens do ensino médio, o assédio sobre a população LGB, nas escolas analisadas, é notoriamente visível ao nível social, físico e virtual (redes sociais). Concluíram ainda, que existe uma grande lacuna no que concerne ao trabalho dos Centros de Saúde e Gabinetes de Serviço Social, no contexto escolar, visto que não prestam qualquer apoio ao nível da informação ou sensibilização, junto dos jovens LGB. A falta deste tipo de intervenção direcionada às questões LGB, no sentido de reduzir o preconceito e a homofobia, podem representar, segundo as autoras do estudo, o combustível para um comportamento cada vez mais agressivo e discriminatório por parte dos outros jovens.

Outro estudo realizado em 2014, por Michael Becker no German Institute for International Educational Research, Frankfurt am Main/Berlin Germany, sobre Sexual Orientation, Psychological Well-Being, and Mental Health: A Longitudinal Analysis From Adolescence to Young Adulthood, baseado nos dados recolhidos numa investigação de

(Kai S. Cortina, Yi-Miau Tsai, and Jacquelynne S. Eccles) da University of Michigan, com jovens dos 16 aos 28 anos, que tinha por objetivo analisar as trajetórias do funcionamento do desenvolvimento psicológico, da adolescência à idade adulta em pessoas não-heterossexuais, demonstrou que socialmente e culturalmente o stress induzido na população LGBT por ser alvo de discriminação, pode afetar o funcionamento psicológico e bem-estar físico e social, além disso, é um fator de risco substancial para determinados distúrbios psicológicos (por exemplo, Dohrenwend, 1998, 2000), Meyer (2003) "*propôs uma teoria do stress da minoria com enfoque na população LGBQ*[23]*- Lésbicas, gays, Bissexuais e Queers".*

Foram identificados três mecanismos que podem levar esta minoria não-heterossexual a transformar-se num fator de stress: (a) vitimização, ou seja, a experiência de eventos relacionados com o preconceito, (b) a antecipação de eventos relacionados com o preconceito e os custos de ocultação e (c) a internalização da homofobia. A experiência de eventos relacionados com o preconceito (por exemplo, agressão física e verbal, discriminação na escola/trabalho). Esta avaliação salientou ainda, que existe um maior desajustamento social e cultural da parte destes jovens, que o evidenciam através de comportamentos de risco, como alcoolismo, drogas, depressão, baixa auto-estima, alienação social, ou mesmo suicídio.

A partir da análise que fizemos dos últimos dados recolhidos (2014), pelo Observatório de Educação LGBT, da Associação rede ex aequo (já apresentada), foram denunciados problemas de agressão psicológica e/ou física sofrida por jovens, professores e funcionários, assim como das ocorrências de veiculação de informação incorreta, preconceituosa e atentatória dos direitos humanos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneras, no espaço escolar - a escola lida com a homofobia e identidade de género, continua a apresentar algum grau de ineficiência, relativamente ao modo como opera sobre os problemas da comunidade LGBT em ambiente escolar, no sentido de alertar o Estado para este tipo de problemas de agressão psicológica e/ou física sofrida por jovens, professores e funcionários, assim como das ocorrências de veiculação de informação incorreta, preconceituosa e atentatória dos direitos humanos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneras, no espaço escolar.

[23] A teoria queer, oficialmente queer theory (em inglês), é uma teoria sobre o género que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de género dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

Verifica-se que as faixas etárias com maior concentração de denuncias se encontram entre a adolescência e a entrada na vida adulta (80%), com a maior percentagem pertencendo à faixa entre os 16 e 18 anos (45%) e a soma maioritária entre os 16 e os 21 anos (55%). Contudo deste estudo não se podem generalizar conclusões visto que representa apenas uma parte da realidade. O estudo relata ainda, *que no âmbito das queixas recebidas, o valor mais elevado concentra-se no grande centro urbano de Lisboa, perfazendo 40% das queixas recebidas. Porto e Setúbal perfazem 20% das queixas, com o segundo valor mais alto, que no relatório anterior que pertencia a Leiria.*

A maior parte dos participantes são alunos do Ensino Secundário, e o estudo realça que a homofobia e a transfobia manifestam-se em todas as áreas, inclusive num sentido bidirecional. Ou seja, se muitos alunos sofrem discriminação vinda dos seus colegas heterossexuais, outros sofrem-na também de homo ou bissexuais que adotam posturas homofóbicas para que nenhum dos seus colegas desconfie da sua orientação sexual.

Este tipo de comportamento é mais comum do que se possa pensar e tem sido referido no testemunho de muitos homo ou bissexuais que mais tarde se assumem como tal. Importa dizer que a bidirecionalidade também existe entre alunos e professores ou outros funcionários. Se muitos destes perpetuam falsos estereótipos e preconceitos, alguns outros também sofrem na pele a discriminação com base na orientação sexual e identidade ou expressão de género por colegas de profissão ou por alunos.

Consideramos que a existência destes estudos (ainda que não sejam vinculativos), contribui para dar visibilidade às situações de discriminação no que concerne à identidade de género, e homofobia e transfobia, que é sentida e vivida por muitos jovens, na maior parte dos casos em ambiente escolar. Os estudos denunciam igualmente a grande dificuldade sentida pelos professores, em lidarem com o tema em sala de aula, muitas vezes por falta de formação para o fazer, e outras pelas suas próprias convicções adversas ao tema.

Estas situações trazem consequências para quem delas é alvo, pessoas LGBT, que não se vendo reconhecidas ou aceites socialmente, acusam comportamentos de risco como: apatia social; tendências suicidas, baixa auto-estima, insucesso e abandono escolar; isolamento e solidão; depressão; adições variadas – estudos realizados por todo o mundo, não podem ser ignorados, pois demonstram os efeitos negativos, da *negligente*

educação para o respeito e para a promoção da dignidade das pessoas LGBT, nos currículos educativos, nas salas de aula, no espaço da escola em geral. Não podemos ignorar o direito a uma cidadania plena para todos e todas.

Este estudo, surge, a partir de uma reflexão aprofundada sobre esta problemática, e uma sempre presente consciência pessoal e social de contribuir para a informação e formação correta de comunidades escolares: professores, alunos, psicólogos e assistentes operacionais, numa perspetiva de educação não formal. No que concerne à orientação sexual e identidade ou expressão de género, será relevante a monitorização da aplicação da "Lei da Educação Sexual em Meio Escolar" pois sendo um dispositivo legal, deve ter o impacto social esperado em termos dos objetivos decretados.

Este estudo, surge igualmente sustentado nas orientações do V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e Não- discriminação 2014- 2017 (V PNI)[24] que se enquadra nos compromissos assumidos por Portugal nas várias instâncias internacionais, designadamente no âmbito da Organização das Nações Unidas, do Conselho da Europa, da União Europeia e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), na Área Estratégica 4 "*(Orientação Sexual e Identidade de Género) nas seguintes medidas: "50) Sensibilizar a população para a não-discriminação em função da orientação sexual e identidade de género"; "51) Realizar campanhas de sensibilização contra a discriminação em função da orientação sexual e identidade de género"; e "52) Sensibilizar profissionais e especialistas das áreas estratégicas para as questões da orientação sexual e identidade de género".*

[24] Resolução do Conselho de Ministros n.º 103/2013 in https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2014/01/V_PL_IGUALD_GENERO.pdf

2.3 Paradigma Sociocrítico

2.3.1 Atitudes face à diversidade sexual no contexto educativo

Segundo (Coutinho, 2016, P.9), "*o paradigma[25], na investigação cientifica cumpre duas funções principais: a de unificação de conceitos, de pontos de vista, a de pertença a uma identidade comum com questões teóricas e metodológicas; a de legitimação entre os investigadores, dado que um determinado paradigma aponta para critérios de validez e de interpretação."* Ainda que atualmente, permaneça uma discussão à volta do conceito de paradigma, pois nem todos os investigadores partilham da mesma conceção, a opinião mais consensual defende a existência de três grandes paradigmas na investigação em Ciências Sociais e Humanas:" *o paradigma positivista ou quantitativo, o interpretativo ou qualitativo e o paradigma Sociocrítico ou hermenêutico" (*Bisquerra, 1989; Latorre et al., 1996; Morin, 1983). Iremos aqui abordar os dois últimos, na tentativa de justificar a nossa preferência.

Segundo (Coutinho, 2016, P.35), "*o que deve determinar a opção metodológica do investigador não será a adesão a uma ou outra metodologia, a um ou outro paradigma, mas o problema a analisar"*; e citando (Anguera, 1985, P.133) "*um investigador não tem de aderir cegamente a um dos paradigmas, podendo eleger livremente uma relação de atributos que, indistintamente, provenham de um ou outro, se assim se conseguir uma adaptação flexível à sua problemática."*

No sentido de reforçar a nossa posição metodológica, que se pretende abrangente, integrando várias perspetivas de análise da realidade, para que dela nasçam estratégias partilhadas de resolução dos problemas, e uma reflexão aprofundada sobre a necessidade emergente de mudanças, no que respeita ao tratamento das pessoas LGBT em contexto educativo, citamos (Salomon 1991, P.17) "*que diz que se deve transcender o debate qualitativo-quantitativo (…), para quem investiga a complexa realidade social e educativa (sala de aula, escola, família, cultura), onde conglomera a intervenção de variáveis interdependentes (comportamentos, perceções, atitudes, expetativas, etc.), cujo a análise e estudo não pode ser encarada à maneira das ciências exatas onde se consegue isolar variáveis e factos individuais. Refere ainda que (…) deve-se combinar a "precisão" analítica do paradigma quantitativo, com a "autenticidade" das abordagens sistémicas de cariz interpretativo (…)".*

[25] O conceito de paradigma deve-se ao historiador Thomas Kunh, que na célebre obra *The Structure of Scientific Revolution* (1962), o definiu como sendo, em primeiro lugar, o conjunto de crenças, valores, técnicas partilhadas pelos membros de uma dada comunidade cientifica e, em segundo, como um modelo para o "que" e para o "como" investigar num dado e definido contexto histórico/social.

Em suma, podemos considerar que o nosso estudo, pelas suas caraterísticas e opções de investigação, segue sob orientação do paradigma Sociocrítico, que para a sua melhor compreensão devemos abordar em primeiro a perspetiva qualitativa, ao nível conceptual, segundo Coutinho (2016), "*o objeto de estudo não são os comportamentos, mas as intenções e situações, ou seja, trata-se de investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo. Ao nível metodológico, baseia-se num método indutivo "...* "*porque o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da ação, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é o significado tem valo enquanto inserido nesse contexto" (*Pacheco,1993).

No que se refere à teoria hermenêutica é segundo Coutinho (2016), "*clarificadora, iluminativa e articulada no seu esforço de compreensão da prática social. (…)", por isso, se o que queremos é correlacionar acontecimentos numa situação concreta, é necessário observar a interação entre todos os intervenientes da forma como operam no seu contexto natural* (Pérez Serrano, 1998, P.27). Contudo, é a partir dos anos sessenta, que surge um terceiro enfoque de investigação numa ***perspetiva orientada para a prática, ou modelo Sociocrítico*** (Pérez Serrano, 1998) *constituindo-se como alternativa às duas perspetivas citadas anteriormente.* Segundo Serrano (1998), *trata-se de uma investigação com forte caráter instrumental, visando uma tomada de decisões, uma melhoria das praxis, o controlo da implantação de politicas socioeducativas, ou a avaliação dos efeitos de outras já existentes.* Coutinho (2016), *refere que face à perspetiva empírico-analista centrada na explicação dos fenómenos, ou à humanístico-interpretativa na compreensão das ações, esta perspetiva tem por fim otimizar a prática social mediante a aquisição de conhecimentos práticos.*

Bravo, (1992b), citado por Coutinho (2016), Pag.31 "*salienta o facto de a investigação orientada não possuir uma metodologia própria no sentido das duas perspetivas anteriores, antes se servir dos métodos de ambas. Contudo, consideramos, que desta relação dialética entre teoria-prática e dos valores de integração e partilha responsável que o paradigma Sociocrítico induz, resultará uma investigação rica em dinâmicas, divergente, interativa e comparticipada, que quanto a nós é já uma das finalidades deste estudo"..*

2.4 Desenho do Estudo

O trabalho de projeto que se apresenta, será desenvolvido a partir de uma metodologia própria dos estudos qualitativos, no entanto numa ***perspetiva orientada para a prática*****,** ou *modelo Sociocrítico*, que se servindo dos métodos das perspetivas teórico-práticas, tem por fim e segundo Coutinho (2016), "*otimizar a prática social mediante a aquisição de conhecimentos práticos. Este tipo de investigação prossupõe uma relação colaborativa entre o investigador e o investigado, de forma a "comprometer" os atores do estudo, na própria reflexão ou mudança do objeto investigado".*

Segundo Carr & Kemmis (1988)," *a investigação orientada centra-se em problemas da realidade social e na prática dos sujeitos nela implicados, é orientada para a ação, para a resolução de problemas que formam parte dessa realidade, num processo em que a teoria é emancipatória porque nasce na busca da modificação da situação real, assumindo uma visão democrática do conhecimento".*

Este estudo incluiu as seguintes etapas:

I Parte – Revisão de literatura:

1.ª Etapa – Revisão de literatura sobre a temática

II Parte – Diagnóstico:

2.ª Etapa – Construção do questionário (online) a aplicar aos alunos e aos professores selecionados para amostra; Construção do Guião da entrevista semi-estruturada a realizar aos Diretores de Pólo selecionados.

3.ª Etapa – Aplicação do questionário; Realização das entrevistas.

4ª Etapa –Análise dos dados do questionário; Análise das informações recebidas nas entrevistas.

5.ª Etapa – Descrição e interpretação dos dados recolhidos através da elaboração de sínteses (questionários e entrevistas);

III Parte – Construção do projeto de intervenção (que será desenvolvido posteriormente)

6.ª Etapa – Construção do projeto de intervenção.

2.4.1 Tipo do estudo quanto aos procedimentos técnicos – Estudo de caso

Escolhemos como estratégia de investigação, o estudo de caso, que tal como afirma (Cresweel, 1998, P.61), "*é uma exploração de um "sistema limitado", no tempo e em profundidade, através de uma recolha de dados profunda envolvendo fontes múltiplas de informação ricas no contexto. Sendo que a primeira tarefa do investigador é delimitar as fronteiras do caso de forma clara e precisa".*

Uma das caraterísticas do estudo de caso é que decorre em ambiente natural, o que permite ao investigador uma maior proximidade e envolvência com o contexto e com os participantes da investigação. Este estudo de caso, será conduzido pelo paradigma Sociocrítico, por se tratar de uma escola, e irá combinar métodos quantitativos e qualitativos, numa modalidade de "*investigação mista"* (Gómez et al.,1996). Os objetivos do estudo de caso, são para (Yin, 1994, P.13), *"explorar, descrever ou explicar".* Merriam (1998), refere: *"descrever, "interpretar e avaliar".*

Um estudo de caso apresenta-se como um modelo de análise intensiva de uma situação ou um caso específico, sendo flexível no recurso a técnicas *"permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização"* (Pardal & Lopes, 2011:P.33).

Este Tipo de caso, poderá identificar-se com a tipologia instrumental, que seguindo a proposta de Stake (1995*)", refere que quando um caso é examinado para fornecer introspeção sobre um assunto, para refinar uma teoria, para proporcionar conhecimento sobre algo que não é exclusivamente o caso em si; o estudo do caso funciona como um instrumento para compreender outro(s) fenómeno(s)".*

Quando se dá inicio a um processo de investigação, devem ser considerados um determinado número de procedimentos fundamentais para a sua correta aplicação, no sentido dos objetivos traçados inicialmente. Assim, na escolha dos procedimentos técnicos necessários à operacionalização do estudo, considerámos a opinião de Sousa (2005, P. 137, 138), *quando este afirma que "O estudo de um caso visa essencialmente a compreensão do comportamento de um sujeito, de um dado acontecimento, ou de um grupo de sujeitos ou de uma instituição, considerados como entidade única, diferente de qualquer outra, numa dada situação contextual específica, que é o seu ambiente natural."*

Neste sentido, considerando o tema escolhido e as questões de investigação equacionadas, bem como os objetivos definidos, ponderou-se a escolha de um estudo

de caso, a desenvolver numa instituição de ensino profissional, em dois Pólos diferentes pela sua área geográfica, no distrito de Lisboa, sendo em Queluz e Lumiar.

Esta instituição tem-se destacado ao longo dos anos, pela sua excelência no ensino técnico-profissional, e pela inovação de estratégias educativas. Este estudo é direcionado a alunos da Escola Profissional Gustave Eiffel, com idades compreendidas entre os 15 anos e os 21 anos, maioritariamente do ensino secundário técnico-profissional, a professores e aos diretores de dois polos de ensino, ou seja Queluz e Lumiar, que se predispuseram enquanto sujeitos ativos do contexto em estudo, com grande generosidade a participar nesta investigação, que nos ajudará a perceber o modo como a comunidade escolar (Diretores, professores e alunos), lida com a homofobia e identidade de género nesta instituição educativa.

A autora, apesar de ser docente apenas de algumas das turmas, está envolvida no *"campo de ação"* dos sujeitos da investigação, e procurou recolher o máximo de dados descritivos possíveis que nos permitiram observar o modo de pensar dos/as jovens participantes.

Inicialmente foi enviada uma apresentação da ideia deste estudo à Direção da escola, na pessoa do seu Presidente, e solicitada a sua aprovação, garantindo a inteira confidencialidade dos participantes envolvidos no processo. Apresentou-se igualmente o cariz da investigação aos respetivos Diretores dos Pólos (Queluz e Lumiar), que foram definidos para a investigação. Após ultrapassadas estas formalidades técnicas, foi enviada via email, uma apresentação do tema a investigar e a solicitação de colaboração a todos os Orientadores das turmas dos dois Polos, no sentido de responderem ao questionário e de acompanharem os seus alunos nessa ação. Foi elaborado um termo de consentimento, que foi entregue aos alunos, aos professores, e aos diretores de polo.

Nesta fase montou-se um dispositivo informático numa sala, onde os alunos-participantes foram informados sobre o cariz do estudo e puderam decidir de sua livre vontade a participação no mesmo. Foi-lhes fornecido o termo de consentimento para assinarem, e garantido pelo meio de recolha (questionário online), a sua inteira confidencialidade dos dados recolhidos. Este processo teve sempre o acompanhamento

de um/a professor/a, visto puder existir alguma complexidade na literacia das questões colocadas.

No sentido de reforçar a participação foi igualmente solicitado aos Centros de recursos, que solicitassem o preenchimento dos questionários aos alunos, que ainda não o tivessem feito. Para o efeito foram informadas as pessoas responsáveis dos espaços sobre a pertinência da investigação.

Deve-se referir que esta investigação, durante o tempo que decorreu, motivou um debate animado e uma exposição sobre os temas LGBT e Identidade de género entre os vários atores da comunidade educativa, de ambos os Pólos participantes, considerando-se desde logo salutar *a abordagem* aos temas, e à sua integração no discurso em contexto educativo.

2.5 Identificação do contexto do estudo de caso

A EPGE- Escola Profissional Gustave Eiffel[26], foi criada a partir de uma ideia existente nos meados da década de 80, quando se reconhecia a existência de assinaláveis insuficiências na formação técnico profissional de base, no sistema de ensino português. Este projeto de Escola contribui para o desenvolvimento e consolidação de um modelo – o do ensino profissional – no qual se tem empenhado desde o seu inicio.

A data da sua fundação ficou registada em agosto de 1989, com o grande objetivo de formar técnicos intermédios qualificados, de forma a corresponder às carências do mercado de trabalho, resultantes do rápido desenvolvimento tecnológico e das exigências decorrentes da integração de Portugal na União Europeia.

[26] *In* http://gustaveeiffel.pt/wordpress/polos

Foi atribuído a esta escola, o nome de "Gustave Eiffel"[27], Individualidade de grande mérito da História da Engenharia, responsável pela construção de grandes obras de arte, algumas delas em Portugal.

Desde 1989, ano em que se iniciou a atividade da EPGE, o Pólo/Escola de Queluz triplicou a área das suas instalações, tendo sido dotado de todos os espaços necessários ao seu bom funcionamento. A EPGE possui instalações em cinco localidades: Amadora, Arruda dos Vinhos, Entroncamento, Lumiar e Queluz.

Em 1989 iniciou a sua atividade num rés-do-chão do n.º 15 da Rua César de Oliveira em Queluz, adaptado à função de estabelecimento de ensino pelo seu grupo fundador, onde se instalaram 2 salas de aula e dois laboratórios destinados às componentes tecnológicas. Funcionavam 4 turmas e 2 cursos (Informática Fundamental e Construção Civil) e lecionavam 16 professores/formadores. A sua estrutura administrativa era constituída por 5 funcionários.

A EPGE funciona, atualmente, em 6 Polos /Escolas e 2 extensões:

Na Amadora, a EPGE está instalada no edifício de uma Escola centenária, o Externato Alexandre Herculano, na Rua Luís de Camões, 4 e 6, onde em 1991, com o apoio do FEDER, foram executadas obras de reabilitação e ampliação visando adaptá-lo às necessidades mais prementes do Ensino Profissional. Foi concluída, em finais de 1998, uma segunda fase de obras, com a comparticipação financeira do PRODEP, que permitiu dotar este Pólo/Escola de maior capacidade em termos de instalações e equipamentos. Hoje, com a aquisição de algumas áreas adjacentes, o pólo está dotado de todas as condições ajustadas às necessidades atuais dos nossos alunos.

No Entroncamento a EPGE está instalada em dois espaços. Um dos espaços situa-se num edifício adquirido em 1991, onde funcionou o Externato Mouzinho de Albuquerque, na

[27]GUSTAVE EIFFEL (1832-1923)- nasceu no dia 15 de dezembro de 1832, em Dijon (França), no seio de uma família abastada. Em 1843, Eiffel entrou para o Collège Sainte Barbe, tendo frequentado, a partir de 1852, a Escola Central de Artes e Ofícios de Paris, onde obteve resultados brilhantes, adquirindo o diploma de engenheiro químico ao fim de três anos. Trabalhou durante alguns meses numa fábrica de pólvora e numa companhia de caminhos-de-ferro.
A partir de 1856, tornou-se no braço direito de Charles Nepveu, um construtor de máquinas a vapor e de material para caminhos-de-ferro. Graças ao progresso da metalurgia, a construção metálica teve nesta época um grande impacto. Eiffel fez o seu primeiro grande trabalho, a ponte ferroviária de Bordéus, com apenas 26 anos, obra que o tornou reconhecido.

Rua Mouzinho de Albuquerque, nº 8. O edifício estava bastante degradado, tendo sido executadas obras de restauro e ampliação com o apoio do

A Sede da EPGE situa-se, a partir de 2001, no Pólo/Escola da Amadora - Venda Nova, na Rua Elias Garcia n.º 29.

Em 2007 e 2008 a EPGE ampliou as suas instalações com a criação de dois novos Polos/Escolas: O Pólo/Escola do Lumiar, situado na Alameda das Linhas de Torres n.º 179, Campus Universitário do Lumiar, em Lisboa e o Pólo/Escola de Arruda dos Vinhos situado no Pavilhão Multiusos - Vale Quente, em Arruda dos Vinhos e que, hoje, desenvolve a maioria da sua formação na Rua Engenheiro Francisco Borges, 2, Edifício Agrocamprest.

O tipo de ensino desenvolvido pela EPGE implica a existência de grande número de laboratórios, de forma a garantir aprendizagens baseadas na experimentação e na prática simulada.

Desde o início da sua fundação que a EPGE centrou a sua atividade nas áreas de Ciências Informáticas, Construção Civil e Engenharia Civil e Gestão e Administração. Na última década, para responder à procura dos candidatos, por um lado e do tecido empresarial, por outro, a EPGE alargou a sua oferta formativa às áreas de Design, Eletrónica e Automação, Trabalho Social e Orientação, Serviços de Apoio a Crianças e Jovens, Trabalho Social e Orientação, Marketing e Publicidade, Eletricidade e Energia, Segurança e Higiene no Trabalho, Audiovisuais e Produção dos Media, Proteção de Pessoas e Bens, Secretariado e Trabalho Administrativo, Comércio, Desporto, Saúde, Construção e Reparação de Veículos a Motor, Hotelaria e Restauração, Turismo e Lazer e Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica. Nestas áreas, tem vindo a diversificar a sua oferta de formação através da implementação de novos cursos dentro da oferta de formação do Ensino Profissional. Esta escola conta com um corpo docente bastante diversificado.

A missão da escola é assegurar um ensino de qualidade assente nos valores e saberes que preparem os alunos para a vida ativa e/ou académica, apresentando para isso uma oferta formativa coerente e diversificada de modo a responder às atuais necessidades laborais da região.

A EPGE orienta-se pelos seguintes princípios:

- Servir bem os alunos, as famílias e as empresas;
- Ser uma Escola para Todos sem olhar a origem social ou racial;
- Promover a valorização do indivíduo e apostar num processo de educação integral;
- Proporcionar cursos de ensino profissional de qualidade e implementar estratégias que acompanhem a evolução tecnológica;
- Manter fortes ligações com as empresas solicitando-lhes pareceres sobre as necessidades do mercado de trabalho;
- Estimular nos alunos o gosto e a necessidade de aprender e respeitar os seus ritmos de aprendizagem;
- Desenvolver uma pedagogia centrada no aluno e adaptar a formação às suas necessidades específicas, permitindo que realizem as escolhas apropriadas ao desenvolvimento de um processo de formação pessoal;
- Ter uma oferta formativa diversificada que dê resposta às necessidades de formação do mundo laboral, incrementando e adaptando, permanentemente, os cursos ao desenvolvimento tecnológico e produtivo das atividades económicas;
- Manter atualizados os recursos materiais existentes e necessários à aprendizagem;
- Respeitar todos os intervenientes, no processo de ensino/aprendizagem e atender a que evoluam na sua diversidade e ritmo;
- Investigar metodologias inovadoras de aprendizagem que permitam uma formação de qualidade;
- Estimular os docentes na diversificação das práticas pedagógicas, no gosto pela pesquisa de estratégias e metodologias inovadora e no incentivo de produção de materiais pedagógicos;
- Motivar os docentes a fazer formação contínua e a praticar autoformação.
- Manter atualizados os currículos dos cursos;
- Fornecer aos alunos elementos que permitam gerir de forma eficaz o seu processo de aprendizagem;
- Organizar a avaliação contínua de modo a permitir a certificação dos

conhecimentos e competências adquiridas;

- Promover uma avaliação da responsabilidade de todos os intervenientes no processo de ensino/aprendizagem, designadamente dos alunos, sem diluir a responsabilidade dos docentes;
- Fomentar o trabalho em equipa como forma de rentabilizar os conhecimentos, melhorar a qualidade da formação e a relação entre os atores envolvidos;
- Incrementar atividades que detetem, precocemente, insuficiências de progresso curricular de modo a evitá-las ou a ultrapassá-las rapidamente;
- Manter um sistema de controlo de qualidade, que avalie o grau de satisfação de todos os intervenientes, explorando alternativas de carácter organizativo que potenciem o seu aperfeiçoamento.

Política, Estratégia e Objetivos Organizacionais

A Cooptécnica – Gustave Eiffel pretende ser uma entidade de referência no desenvolvimento de soluções formativas dinamizadoras da valorização profissional, pessoal e social do indivíduo, quer sejam jovens ou adultos.

Outro objetivo da Cooptécnica – Gustave Eiffel é efetivar a melhoria contínua dos serviços prestados, através da antecipação das necessidades dos clientes e da superação das suas expectativas. Na Escola Profissional Gustave Eiffel, as turmas têm em média, no início da sua formação, no Ensino Profissional 26 alunos e vocacional/CEF, 20 alunos.

No início do ano letivo, a Escola perfazia um total de 1 663 alunos, sendo o corpo docente constituído por 88 professores e 111 formadores. O pessoal não docente perfaz no total 166 funcionários, distribuídos por pessoal dirigente, técnico, administrativo e assistentes operacionais.

A Escola Profissional Gustave Eiffel atualmente é constituída por 6 polos (*Queluz, Amadora, Venda Nova, Lumiar, Arruda dos Vinhos e Entroncamento*), sendo que o presente estudo está centrado em apenas dois polos (*Queluz e Lumiar*).

Fundamentação Legal

O presente Projeto Educativo atende ao enquadramento do Ensino Profissional decorrente do Decreto-Lei n.º 4/98, de 8 de janeiro, revogado pelo Decreto-Lei 92/2014 de 20 de junho.

A EPGE é uma instituição de ensino privada criada ao abrigo do Decreto-Lei n.º 26/89, de 21 de janeiro (alterado pelo Decreto-Lei n.º 70/93, de 10 de março), com base no contrato-programa assinado em 4 de outubro de 1989 entre a Cooptécnica Gustave Eiffel, Cooperativa de Ensino e Formação Técnico Profissional CRL., o Ministério da Educação e o Ministério do Emprego e Segurança Social.

População Escolar da EPGE

Atualmente, a EPGE tem, no Ensino Profissional, 31 turmas de 1º ano (com 6 agregações), 30 turmas de 2º ano (com 5 agregações) e 26 turmas de 3º ano (com 4 agregações), num total de 87 turmas (com 15 agregações), distribuídas da seguinte forma:

2.5.1 Caraterização dos Pólos da Amostra

No Pólo de Queluz, são ministrados os seguintes cursos: Técnico de Turismo (1 turma de 1º e 2º ano), Técnico Comercial (1 turma de 1º, 2º e 3º ano) e Animador Sociocultural (1 turma de 1º, 2º e 3º ano). No inicio do ano letivo este Pólo tinha um total de 250 alunos (valores que oscilam conforme as desistências ou mudanças de escola durante o ano).

No Pólo do Lumiar, são ministrados os seguintes cursos: Técnico de Apoio à Infância (2 turmas), Técnico Área de Saúde (2 turmas), Técnico de Cozinha/Pastelaria (2+0,5), Técnico de Restaurante /Bar (2+0,5), TPC (1+2*0,5), TOO (2+05), TER (2+0,5), Técnico de Higiene e Segurança no Trabalho (3*0,5), TCMRPP (1+2*0,5), Técnico Construção Civil (0,5), Animador Sociocultural (2*0,5), TMI-MEC AUTO (2). No inicio do ano letivo este Pólo tinha um total 780 alunos (valores que podem oscilar conforme as desistências ou mudanças de escola durante o ano)

Este estudo teve como foco de investigação, apenas dois dos Pólos da EPGE: Pólo de Queluz, pertencente ao Concelho de Sintra, zona geográfica com uma forte fixação populacional, e com elevado índice de migração de jovens e adultos de origem africana. Sintra é um concelho com grande dinamismo económico, sendo um dos municípios portugueses que mais investimento atrai, criando assim mais oportunidades de emprego. Por sua vez, o Pólo do Lumiar, está situado na área da grande Lisboa, numa das mais antigas freguesias do concelho. Apresenta, no entanto, um elevado aumento demográfico, e com o crescimento de novos bairros, tem vindo a atrair a população mais jovem para este espaço com características modernas (Alta de Lisboa).

2.5.2 Caracterização dos participantes e critérios de seleção

Para Bravo (1992b) a seleção da amostra num estudo de caso adquire em sentido muito particular, diríamos nós que é a sua *essência metodológica*. Stake (1995), *acrescenta que não se estuda um caso para compreender outros casos, mas para compreender o caso, admitindo assim que a constituição da amostra é sempre intencional.*

Neste sentido, e para concretizar os objetivos delineados para esta investigação, os participantes foram selecionados aleatoriamente, em dois, dos seis Pólos de ensino da Escola Profissional Gustave Eiffel, respetivamente: Lumiar e Queluz.

Quanto aos professores, a amostra foi recolhida de forma aleatória, visto que responderam a um questionário online. Também não foi possível controlar o número de respostas ao questionário, o género ou a área de formação dos respetivos participantes, de modo a ser mais equitativo em termos de representação da amostra.

Foram realizadas duas entrevistas aos diretores de Polo: 1 entrevista ao diretor do Polo de Queluz e 1 entrevista à diretora do polo do Lumiar.

No quadro 1, apresenta-se o total de Pólos, Diretores, professores e alunos da Escola Profissional Gustave Eiffel, que participaram neste estudo (refletido no número de respostas recebidas).

EPGE- Escola Profissional Gustave Eiffel			
Nº de Pólos	**Nº Diretores**	**Nº Professores**	**Nº Alunos**
2	2	16	51

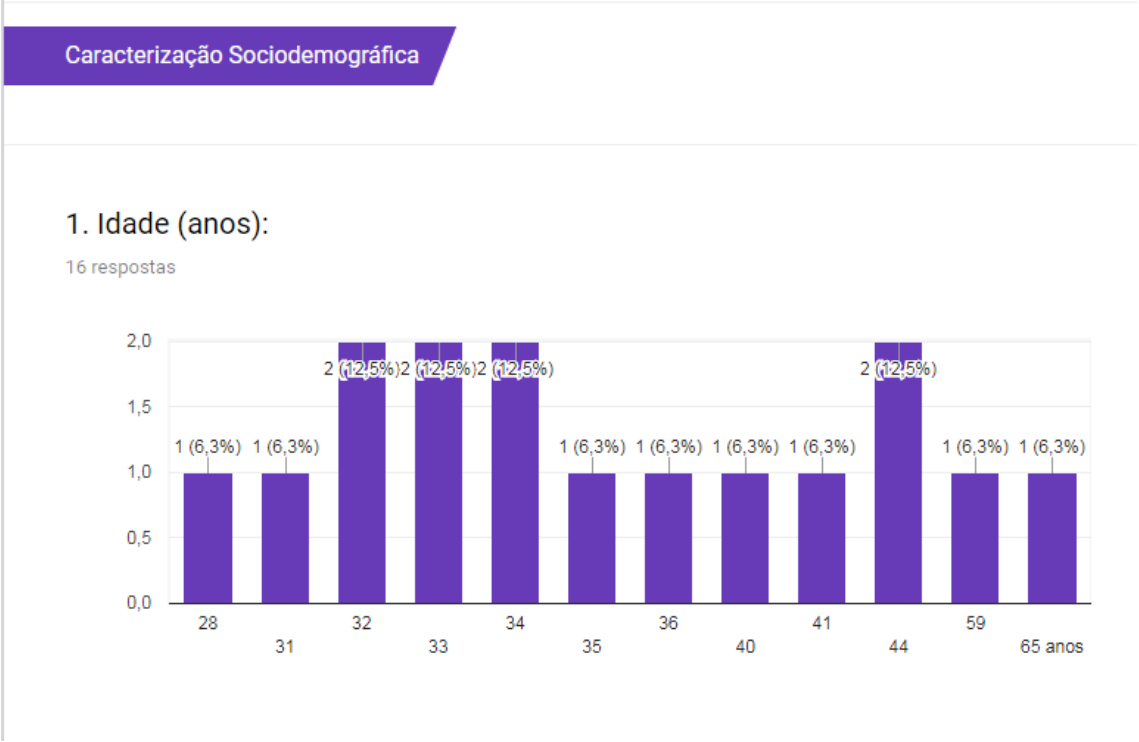
Quadro 1 – Pólos, Diretores, Professores e alunos da EPGE considerados no estudo

Esta investigação utilizou como instrumentos de recolha de dados inquéritos por questionário. "*Considera-se que o questionário é uma técnica de observação direta extensiva, especialmente adequada para conhecer determinadas caraterísticas de uma população, sendo útil para se proceder à medição de variáveis".* Marconi & Lakatos, (1996); Quivy & Campenhoudt, (1998)." *Salienta-se que umas das vantagens deste tipo de instrumento, é a garantia de maior anonimato e confidencialidade dos inquiridos, o que leva a uma predisposição para a sinceridade".*

2.5.3 Caracterização da amostra dos respondentes- Professores ao questionário online

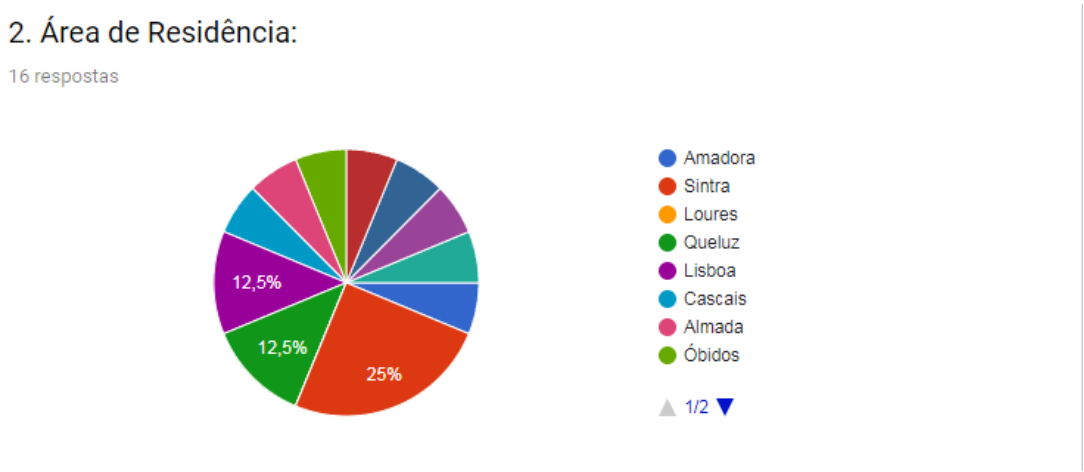
A primeira parte do questionário, incidiu sobre a caracterização da população em estudo. Procurou ter-se uma perceção das pessoas que responderam ao questionário considerando a idade, área de residência, género, sexo, orientação sexual, formação académica, área de formação, e disciplinas que leciona.

Gráfico 1- Idade da Amostra



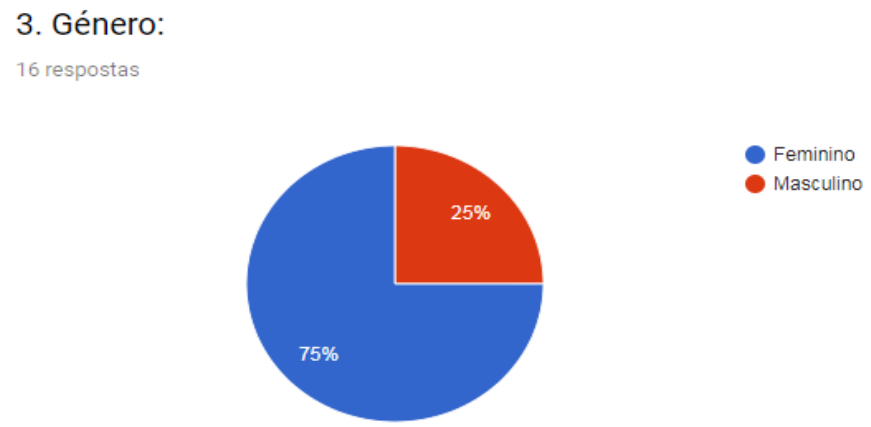
No gráfico 1, quanto às idades da amostra, com maior incidência neste estudo, estiveram compreendidas entre 32 e os 44 anos, com 12,5%.

Gráfico 2 – área de residência da amostra



No gráfico 2, quanto à área de residência da amostra, podemos observar que se situa maioritariamente na zona de Sintra, com 25%, em Queluz, com 12,5%, em ex aequo com Lisboa, com os mesmos 12,5%.

Gráfico 3- Género da Amostra



No gráfico 3, podemos observar de que este estudo teve uma amostra em maior percentagem do género feminino (75%), quando comparado com os 25% do género masculino. Esta situação estará relacionada com a tendência da população do corpo docente em estudo, ser maioritariamente feminina.

Gráfico 4- Sexo da Amostra

No gráfico 4, podemos observar de que este estudo teve uma amostra em maior percentagem do sexo feminino (75%), quando comparado com os 25% do sexo masculino. Esta evidência estará relacionada com a percentagem do gráfico anterior (género da amostra), que tem neste caso uma identificação direta da população representada, com a mesma percentagem em termos de sexo.

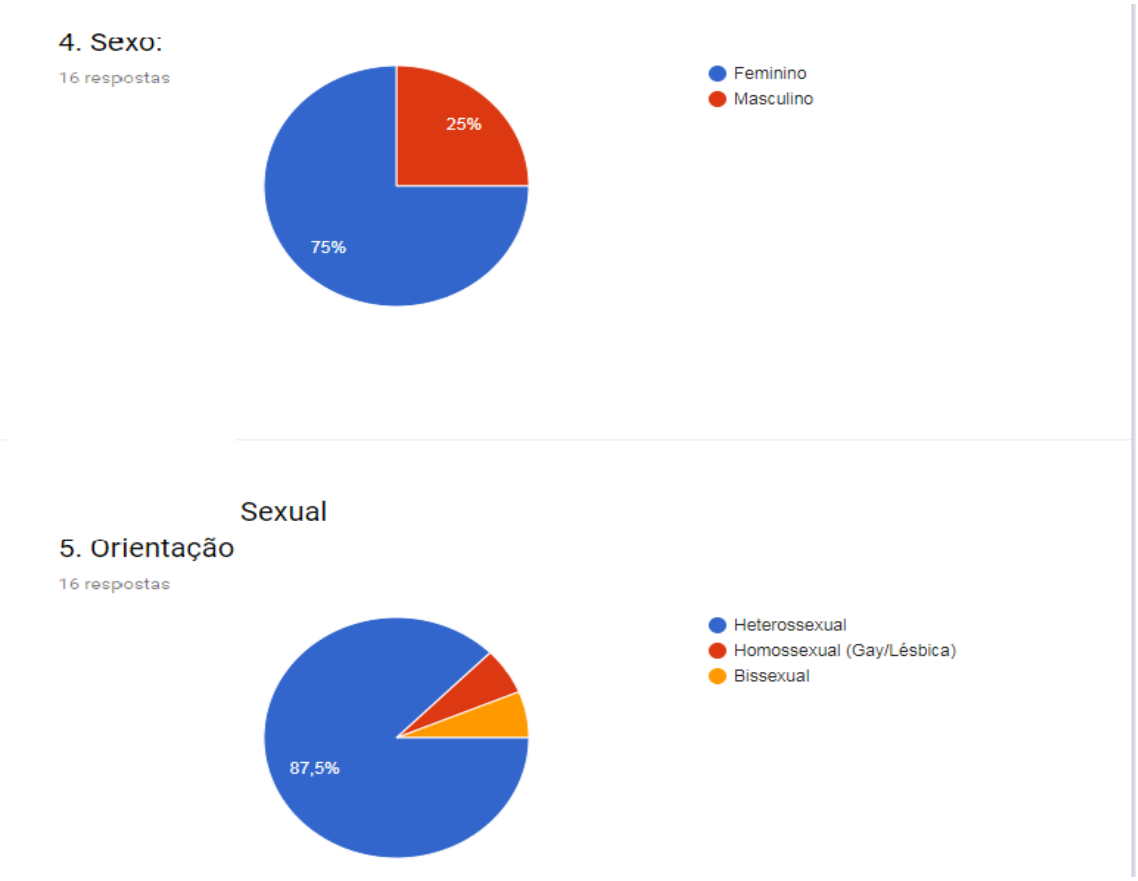
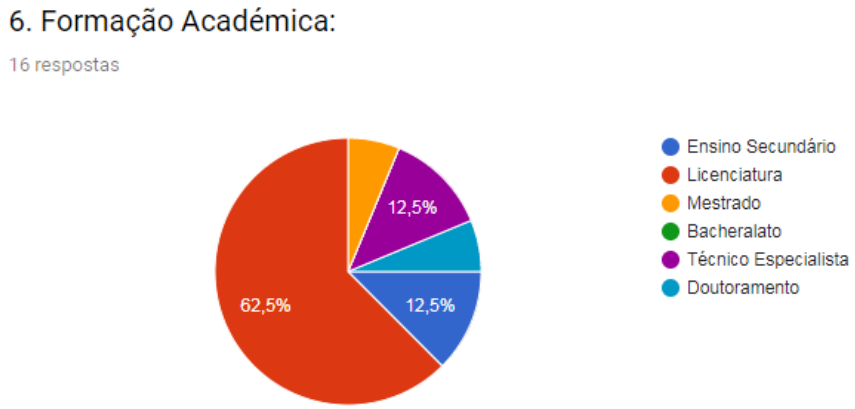


Gráfico 5- Orientação sexual da Amostra

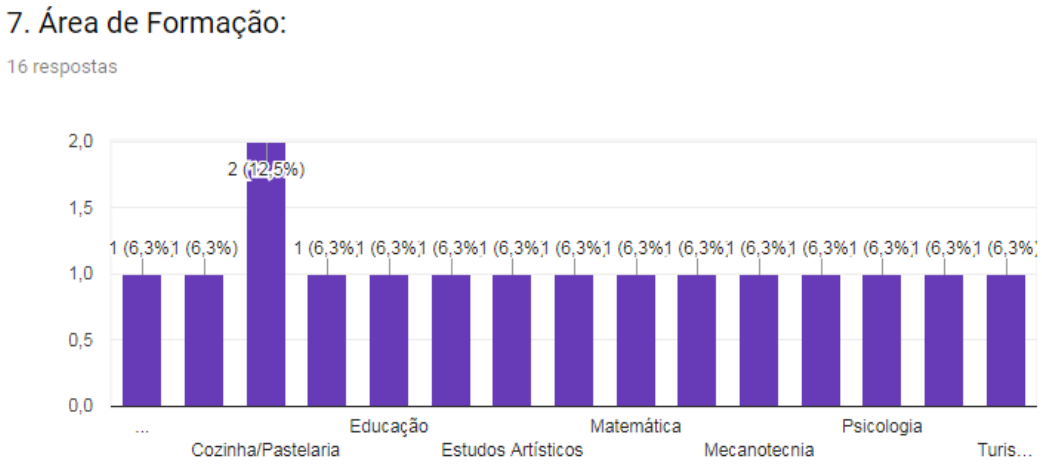
No gráfico 5, quanto à orientação sexual dos inquiridos, este estudo teve uma amostra em maior percentagem de orientação heterossexual (87,5%), quando comparado com as outras duas orientações assinaladas (homossexual e bissexual). É no entanto, de ressalvar que vários estudos apontam que da totalidade de uma população, 10% apresenta uma orientação sexual não normativa, ou seja será homossexual/bissexual.

Gráfico 6 – Formação académica da amostra



No gráfico 6, quanto à formação académica dos inquiridos, este estudo mostra que a maioria possui Licenciatura, com uma percentagem (62,5%), no entanto a formação académica dos inquiridos revela-se acima da média, visto que os outros 25%, dividem-se em Doutoramento, com 12,5% e Técnico Especialista com 12,5%.

Gráfico 7 – área de formação da amostra



No gráfico 7, quanto à área de formação dos inquiridos, o gráfico mostra que a maior percentagem (12,5%), dos inquiridos é da área de Cozinha/Pastelaria. Deve-se ressalvar, que esta percentagem, poderá ter a ver com o facto de existir um maior número de turmas neste curso, logo um maior número de professores relacionados com esta área de ensino.

Gráfico 8 – disciplinas que leciona a amostra

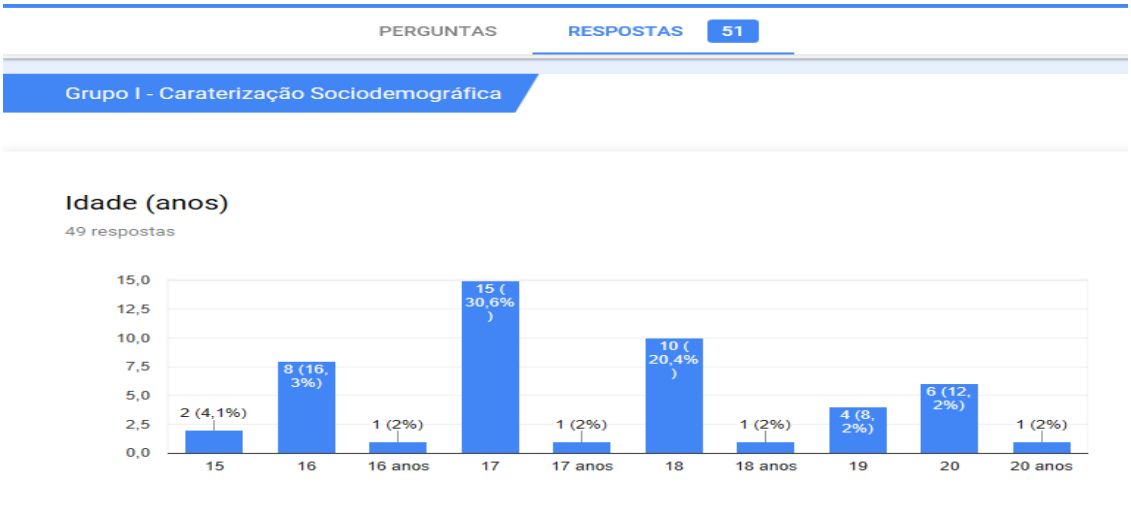
No gráfico 8, ao nível das disciplinas lecionadas pelos inquiridos, o gráfico mostra que a maior percentagem (12,5%), são disciplinas relacionadas com tecnologias e Processos, no entanto o restante da amostra divide-se pelas disciplinas de Matemática, Expressão Dramática, Psicossociologia, Turismo, Expressão Plástica, entre outras, garantindo assim a este estudo uma boa representação em termos de áreas de lecionação, dado que poderá vir a ser relevante nesta investigação.

2.5.4 Caracterização da amostra dos respondentes- Alunos ao questionário online

Quanto aos alunos, a amostra foi recolhida de forma aleatória, visto que responderam a um questionário online. Também não foi possível controlar o número de respostas ao questionário, o género ou a área de formação dos respetivos participantes, de modo a ser mais equitativo em termos de representação da amostra.

A primeira parte do questionário –, incidiu sobre a caracterização sociodemográfica da população em estudo. Procurou ter-se uma perceção das pessoas que responderam ao questionário considerando a idade, área de residência, ano de escolaridade, curso que frequenta, género, sexo, e orientação sexual.

Gráfico 10- Idade da Amostra



No gráfico 10, quanto às idades da amostra, com maior incidência neste estudo, estiveram compreendidas entre 16 e os 20 anos, no entanto a maior percentagem está situada nos 17 anos, com 30,6%, seguida dos 18 anos, com uma percentagem 20,4%, e dos 16 anos, com uma percentagem de 16,3%. Estes resultados são explicados pelo limite de idade imposto na frequência dos cursos lecionados na EPGE, ou seja, dos 15 aos 21 anos de idade. No entanto poderemos também relacionar que existe um maior interesse sobre este tema, numa faixa etária mais adulta, visto que várias estatísticas apontam, é também nesta faixa etária que as questões de orientação sexual e a sexualidade é começada a viver mais intensamente.

Gráfico 11- Frequência do Curso da Amostra

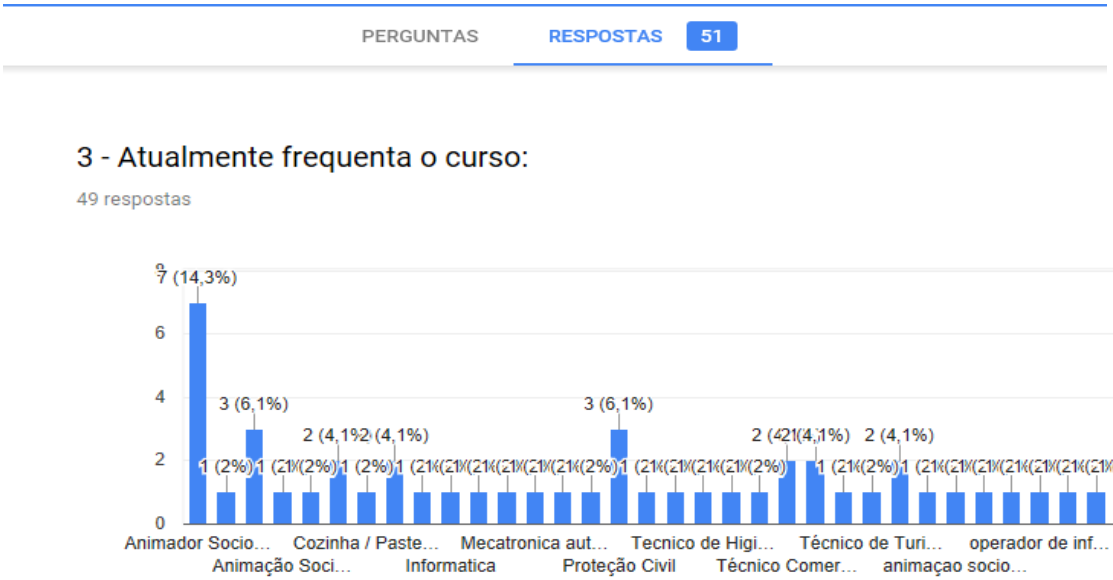
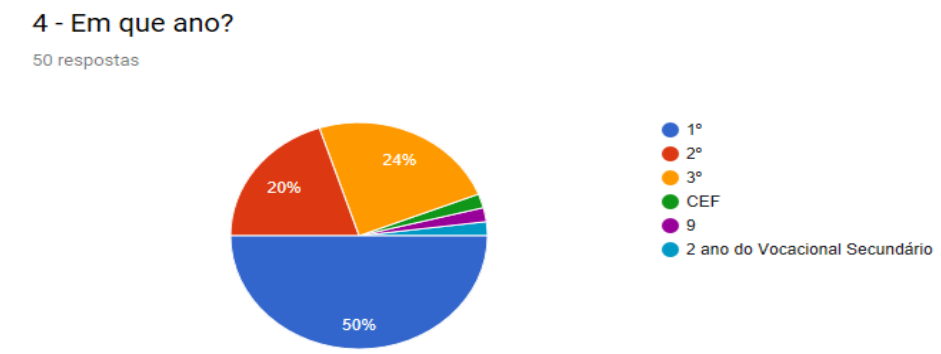


Gráfico 11- Frequência do Curso da Amostra

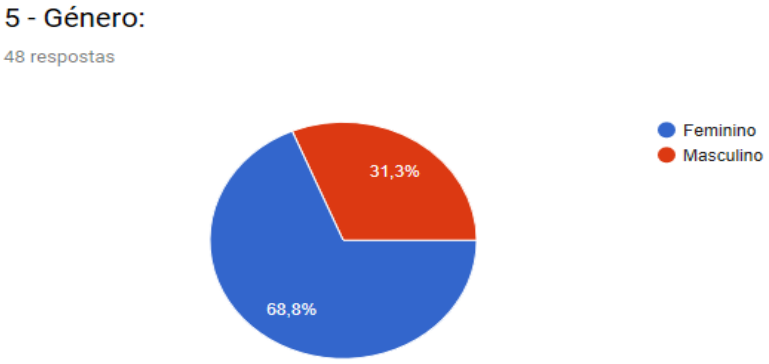
Quanto aos cursos mais frequentados pelos inquiridos desta amostra, no gráfico aparece com maior percentagem o curso de Animador Sociocultural, com 14,3%, e de seguida o curso de Proteção Civil, sendo que os restantes inquiridos estão divididos por Informática, Turismo, Higiene e Segurança, entre outros. Este resultado, poderá estar relacionado com o facto de a autora do estudo, ser da área do curso de Animador Sociocultural, e ter vindo a desenvolver um trabalho de proximidade com os alunos a quem leciona (aproximadamente 75 alunos), no que respeita a esta temática.

Gráfico 12 – Ano de frequência da Amostra



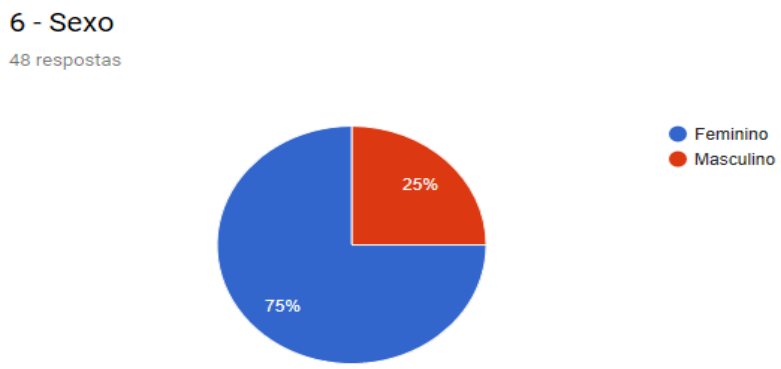
A maior percentagem dos alunos inquiridos neste estudo frequenta o 1ºano, com uma percentagem de 50, %, em segunda posição aparece com 24%, a frequência no 3ºano.

Gráfico 13- Género da Amostra



Em relação ao género, a maior percentagem, com 68,8%, diz-se do género feminino, o que pode ser explicado pela maioria de alunas ser do sexo feminino.

Gráfico 14- Sexo da Amostra



Em relação ao Sexo, a maior percentagem, com 75%, é diz-se do sexo feminino, sendo os outros 25% apresenta-se como sendo do sexo masculino. Comparando este gráfico com o anterior, podemos aferir que uma percentagem de 13% dos inquiridos ou inquiridas apresentam diferenças entre o sexo biológico que lhes foi atribuído à nascença, e a identidade de género com a qual se identificam.

2.5.5 Entrevistas – Diretores de Pólo

Quanto aos Diretores de Pólo, a amostra foi recolhida de forma direcionada, visto que responderam a uma entrevista semiestruturada. A entrevista é uma fonte privilegiada de recolha de informação, visto que através dela o investigador percebe a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências, sendo que ela é, segundo Bogdan & Biklen (1994), utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.

2.5.6 Caracterização da amostra dos respondentes- Diretores à entrevista semiestruturada

A primeira parte da entrevista, incidiu sobre a recolha dos dados pessoais e profissionais dos entrevistados para este estudo. Procurou ter-se uma perceção das pessoas que responderam à entrevista, considerando a Idade, Área de residência, Género, Sexo,

Orientação sexual, Formação académica, Área de formação, Disciplinas que leciona, e Tempo de serviço como Diretor/a.

1ª Questão – Idade

	Diretor **Pólo de Queluz**	**Diretora** **Pólo do Lumiar**
Idade	65 (anos)	36 (anos)

2ª Questão – Área de residência

	Diretor **Pólo de Queluz**	**Diretora** **Pólo do Lumiar**
Área de residência	Sintra	Amadora

3ª Questão –Género

	Diretor **Pólo de Queluz**	**Diretora** **Pólo do Lumiar**
Género	masculino	Feminino

4ª Questão –Sexo

	Diretor **Pólo de Queluz**	**Diretora** **Pólo do Lumiar**
Sexo	masculino	Feminino

5ª Questão – Orientação sexual

	Diretor **Pólo de Queluz**	**Diretora** **Pólo do Lumiar**
Orientação sexual	Heterossexual	Heterossexual

6ª Questão – Formação académica

	Diretor **Pólo de Queluz**	**Diretora** **Pólo do Lumiar**
Formação académica	Bacharelato	Licenciatura

7ª Questão – Área de formação

	Diretor **Pólo de Queluz**	**Diretora** **Pólo do Lumiar**
Área de formação	Matemática	Geografia

8ª Questão – Disciplinas que leciona/lecionou

	Diretor **Pólo de Queluz**	**Diretora** **Pólo do Lumiar**
Disciplinas que leciona/lecionou	Matemática (lecionou)	Área de Integração Mundo Atual Geografia (leciona)

8ª Questão – Tempo de serviço como Diretor/Diretora

	Diretor **Pólo de Queluz**	**Diretora** **Pólo do Lumiar**
Tempo de serviço como Diretor/Diretora	20 (anos)	5 (anos)

2.6 Instrumentos de recolha e análise de dados

Considerando os objetivos propostos para este estudo, orientado sob o paradigma conceptual de uma *perspetiva orientada para a prática***,** num formato de estudo de caso, e o público-alvo, ponderou-se a utilização de diferentes instrumentos de recolha de dados, tendo em consideração o que nos sugere Vilelas (op. cit.): "*neste formato pode recorrer-se a uma multiplicidade de fontes e de instrumentos de recolha de dados, o que constitui, também, uma das suas vantagens".*

Segundo Black (1999), *"a natureza da variável determina o tipo de dados a obter e estes os instrumentos que melhor se adequam, ou seja, antes de escolher qualquer tipo de instrumento de medida, deve ser preocupação do investigador definir de forma clara e operacional a variável dependente que pretende medir".*

Para este estudo selecionámos, para recolha de dados, a pesquisa documental, Conversas informais/Diário de bordo, o inquérito por questionário (online) e Inquérito por entrevista semiestruturada, que passamos a justificar.

2.6.1 Pesquisa Documental e recolha exploratória de dados

No decorrer desta investigação, foi sendo de extrema relevância a consulta de estudos e projetos similares aos temas investigados, desenvolvidos em Portugal e no Estrangeiro, igualmente a consulta de relatórios de observação realizados no âmbito da Orientação sexual, por parte das associações LGBT, bibliografia diversa, e outros materiais, como jornais e revistas. Foram também consultados decretos de lei, e o projeto educativo da EPGE. Contudo esteve sempre presente que nem toda a informação documental que se recolhe é *digna* de ser usada. Yin (1994), *alerta para a importância de se respeitarem 3 princípios básicos, ou seja, resumindo: a) usar múltiplas fontes de evidências; b) construir, ao longo de estudo, uma base de dados; c) formar uma cadeia de evidências.*

2.6.2 Conversas informais/Diário de bordo

Dada a envolvência da investigadora no contexto investigado, esta técnica revelou-se um instrumento de grande apoio à tomada de decisões no decorrer da investigação. Teve ainda o propósito de servir de meio de divulgação, pois os participantes motivados, acabariam por levar para os *intervalos letivos,* a discussão sobre a temática. A investigadora foi registando as notas retiradas da sua observação de campo. Bogdan & Biklen (1994, p.150) referem que essas notas são *"o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha de dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou elas foram influenciadas pelos dados."*

2.6.3 Inquérito por Questionário (online)

O questionário foi elaborado através da plataforma Google docs, tendo sido gerado um link de acesso que foi enviado por e-mail para os participantes. Foi assim escolhido, por não se tratar de uma amostra muito lata, por garantir o anonimato dos participantes, pela flexibilidade que é dada na escolha do momento de preenchimento, pela hipótese de usar vários tipos de abordagem nas questões, podendo ser abertas ou fechadas, diretas ou indiretas, e por fim, por motivos de gestão de tempo da investigadora.

Apesar das vantagens referidas, Coutinho (2016) *refere que dependendo da complexidade das variáveis em estudo, os questionários exigem sempre um nível mínimo de literacia de leitura, que tem de ser equacionada tendo em conta a população alvo a quem se destinam*. No entanto Teddlie &Tashakorri (2009), *afirmam que se a literacia não for um problema, o questionário constitui um meio eficiente e rápido de obtenção de dados para uma investigação.*

Os questionários que se construíram destinaram-se aos professores e professoras (Anexo1) e aos/às alunos e alunas (Anexo 2). Através destes questionários objetivou-se conhecer a opinião, e a conceção sobre a identidade de género e as orientações sexuais não normativas (LGB), e o modo como são tratados estes temas em contexto educativo. Sabemos que este instrumento fomentou discussões em torno do assunto, e reflexões que permitiram que os inquiridos respondessem após reflexão individual/grupal.

2.6.4 Inquérito por Entrevista

As entrevistas são uma poderosa técnica de recolha de dados porque pressupões uma interação entre o entrevistado e o entrevistador, possibilitando a este último a otenção de informação que nunca seria conseguida através de um questionário, uma vez que pode sempre pedir esclarecimentos adicionais ao inquirido no caso da resposta obtida não ser suficientemente esclarecedora (Silverman, 2000). Foram realizadas duas entrevistas (ANEXO 3) aos Diretores dos Pólos de Queluz e Lumiar, que permitiram a obtenção de informações de fonte original sobre as posições pessoais e profissionais dos principais orientadores e responsáveis pela gestão dos Pólos. A realização das entrevistas garantiu desde logo maior credibilidade a este estudo.

As entrevistas semiestruturadas, foram realizadas a partir de questões pré-elaboradas, e foram gravadas com o devido consentimento dos entrevistados e depois transcritas. Houve o cuidado de durante as entrevistas manter uma posição neutra, em relação às

conceções antagônicas entre os entrevistados e a entrevistadora. Evitou-se igualmente, não induzir o entrevistado em respostas desejadas.

Considerou-se a análise de conteúdo como a forma mais adequada ao tratamento dos dados obtidos das entrevistas aos diretores de Pólo, na medida em que a análise de conteúdo representa *"um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens"* (Bardin, 2008: 40). **O grupo I / Entrevista – Dados Pessoais e profissionais**, teve como objetivo recolher as seguintes informações: Q1 a caraterização da amostra em relação idade, Q2 Área de residência, Q3 género, Q4 sexo, Q5 orientação sexual, Q6 formação académica, Q7 área de formação, Q8 disciplinas que leciona, Q9 tempo de serviço como diretor/a. Consideram-se relevantes estas informações, para que se possam analisar os tipos de respostas dados pelos participantes, e a relação que elas poderão ter com a temática em investigação.

O grupo II / Entrevista – **Opinião pessoal**, realizaram-se as seguintes questões, com o objetivo de recolha de dados, que permitam uma leitura das conceções simbólicas que estes Diretores de Pólo têm, que podem influenciar diretamente o modo como a escola vê e vive a questão da discriminação ao nível da identidade de género e das orientações sexuais não normativas.

1. Qual é a sua opinião em geral, sobre as pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?
2. Considera a orientação sexual uma parte significativa da vida de uma pessoa? De que modo?
3. Acha que uma pessoa pode escolher a sua orientação sexual?
4. Como acha que a nossa sociedade vê atualmente as pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais?
5. Considera que os avanços conseguidos em relação a direitos civis de gays e lésbicas melhoram de forma geral toda a sociedade? Explique de que modo.
6. Na sua opinião, de que modo a escola pode ser um lugar seguro e de referência positiva para todos os alunos?

O grupo III/ Entrevista – Informações relativas ao cargo que desempenha. As questões deste grupo pretendem recolher dados sobre a perceção dos diretores sobre o ambiente que se vive dentro da escola, em relação às questões LGBT, e às iniciativas que a escola desenvolve para fomentar um ambiente inclusivo para todos, tanto em relação às orientações de conteúdos, como de recursos de consulta para os alunos, ou outras iniciativas que possam trazer uma visibilidade positiva a todas as formas de orientação sexual.

1. Tem conhecimento do nº de alunos LGBT-Lésbicas, Gays, bissexuais ou Transsexuais existentes neste Pólo?

2. Acha que este Pólo tem um ambiente seguro para os alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

3. Acharia relevante incluir no registo biográfico do aluno/a o sexo/género/orientação sexual?

4. O Regulamento Interno, é claro em relação à punição de atos discriminatórios em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

5. Que tipos de iniciativas são promovidas pela Direção da escola, no sentido de prevenir situações de risco em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

6. Quer referir algumas das iniciativas, que tenham sido realizadas neste Pólo sob sua orientação, nos últimos 2 anos?

7. Que tipo de recursos de informação/sensibilização a escola põe ao serviço dos alunos e professores, no sentido de melhorar a *aceitação* da população LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

8. Orienta os professores no sentido do uso uma linguagem inclusiva durante as suas aulas?

   Acharia importante promover formação específica para os professores sobre esta matéria, no sentido de ficarem habilitados e mais confiantes, para abordarem estas questões em sala de aula?

2.7 Técnicas de análise do estudo

Utilizaram-se como técnicas de análise de dados a estatística descritiva e a análise de conteúdo, conforme os instrumentos de investigação que foram utilizados. Desta forma, os dados recolhidos através dos inquéritos por questionário (Q Professores- Anexo I e Q Q Alunos - Anexo II) foram tratados através da estatística descritiva, enquanto que os dados recolhidos através dos inquéritos por entrevista semi - estruturada, das questões abertas**,** inseridas nos inquéritos por questionário, foram tratados através da análise de conteúdo.

2.7.1 Questionário Professores

Questionário Professores – Procedeu-se à aplicação do inquérito por questionário (online) aos professores que lecionam nos Pólos de Queluz e Lumiar, a amostra foi definida aleatoriamente, visto que o pretendido era os resultados não sofrerem nenhuma influência negativa, pela imposição de critérios mais ou menos valorizados pelo investigador. Como todos os professores que receberam (via email), os questionários lecionam na Escola profissional Gustave Eiffel, este questionário teve como objetivo recolher as seguintes informações: Q1 a caraterização da amostra em relação idade, Q2 área de residência, Q3 género, Q4 sexo, Q5 orientação sexual, Q6 formação académica, Q7 área de formação, Q8 disciplinas que leciona. Consideram-se relevantes estas informações, para que se possam analisar os tipos de respostas dados pelos participantes, e a relação que elas poderão ter com a temática em investigação.

Grupo I – Caracterização Sociodemográfica

Embora *a idade* possa não ser um fator de influência na leitura sobre a temática LGBT, para este estudo servirá para perceber a frequência da idade dos participantes, aqueles que poderão achar relevante contribuir para este tipo de estudo. A questão sobre a área de *residência dos participantes* foi colocada no sentido de a relacionar com as respostas da Q1, do grupo II que se reporta às relações de amizade, o que poderá supor ao participante também relações de vizinhança. As questões do *género, do sexo e da*

orientação sexual, estão para permitirem compreender se tem algum peso nas respostas posteriores, tanto as de cariz pessoal, como profissional. E os resultados também poderão denunciar a percentagem (ainda que relativa), dos professores que se identificam com as respetivas variáveis. Através do *nível da formação académica*, poderemos tentar perceber se existe alguma relação de relevância entre a formação e a predisposição para uma leitura da realidade educativa inclusiva. A *área de formação e as disciplinas que leciona* poderão servir para demonstrar a disponibilidade dos professores das referidas áreas, para a introdução dos temas em análise na sua sala de aula.

Grupo II – Caraterização de aspetos relacionados com a orientação sexual

As restantes questões pretendem aferir:

Q1/Grupo II - Saber se o participante tem algum amigo ou conhecido das suas relações que seja pessoa LGBT. Nesta questão utilizou-se a resposta fechada dando duas hipóteses de resposta: sim ou não.

Q2/Grupo II – Saber qual é o comportamento imediato, em relação a alguém que tem uma orientação sexual diferente (Homossexual/Bissexual). Nesta questão usou-se uma tabela com as respetivas variáveis, para facilitar a resposta ao participante e para mais rapidamente escolher a opção que mais se aproxima do seu comportamento. Colocou-se as seguintes opções de resposta (Quase sempre/ás vezes/quase nunca).) Colocou-se no fim um campo de resposta aberta para *Outros*.

Q3/Grupo II – Aferir entre as afirmações descritas sobre a homossexualidade, aquelas que mais se aproximam da opinião dos professores. Para esta questão propôs-se uma tabela com várias variáveis, e opções de resposta (Sim/não/Não sei). Colocou-se no fim um campo de resposta aberta para *Outros*.

Q4/Grupo II – Aferir o nível de conhecimento a respeito do ambiente em relação ao tema LGBT, que se vive nos Pólos (Lumiar/Queluz) onde o professor leciona, assinalando a sua opinião sobre as afirmações que lhe são propostas. Para esta questão propôs-se uma tabela com várias variáveis, e opções de resposta (Sim/não/Não sei).

Q5/Grupo II – Perceber com que frequência os professores incluem os temas relacionados com a Homossexualidade ou Identidade de género, nas suas aulas e quais as razões que os levam a fazê-lo. Para esta dupla questão propôs-se uma resposta a partir de 4 opções de a (Frequentemente/Ocasionalmente/Raramente/Nunca), e ainda uma pergunta de resposta aberta, para puder melhor explicar as razões que o/a levam a fazê-lo.

Q6/Grupo II – Perceber o modo como os professores respondem a situações de intolerância ou discriminação às pessoas LBT, em contexto de sala de aula. Para esta questão propôs-se uma tabela com várias variáveis, e opções de resposta (Sim/não/talvez). Colocou-se no fim um campo de resposta aberta para *Outras razões*.

Q7/Grupo II – Recolher a opinião dos professores sobres as razões que os levariam a introduzir os temas da Homossexualidade e Identidade de género nas suas aulas. Para esta questão propôs-se uma tabela com várias variáveis, e opções de resposta (Sim/não/Não se aplica). Colocou-se no fim um campo de resposta aberta para *Outras razões*.

2.7.2 Questionário Alunos

Questionário Alunos – Procedeu-se à aplicação do inquérito por questionário (online) aos alunos que frequentam os Pólos de Queluz e Lumiar, a amostra foi definida aleatoriamente, visto que o pretendido era os resultados não sofrerem nenhuma influência negativa, pela imposição de critérios mais ou menos valorizados pelo investigador. Os alunos que responderam aos questionários, foram todos aqueles que de livre e espontânea vontade se viram interessados em fazê-lo. Este questionário não foi imposto a nenhum aluno. Teve como objetivo recolher as seguintes informações: Q1 a caraterização da amostra em relação idade, Q2 área de residência, Q3 A escola que Frequenta Q4 género, Q5 sexo, Q6 orientação sexual. Consideram-se relevantes estas informações, para que se possam analisar os tipos de respostas dados pelos participantes, e a relação que elas poderão ter com a temática em investigação.

Grupo I – Caracterização Sociodemográfica

Embora *a idade* possa não ser um fator de influência na leitura sobre a temática LGBT, para este estudo servirá para perceber a frequência da idade dos participantes, aqueles que poderão achar relevante contribuir para este tipo de estudo. A questão sobre a área de *residência dos participantes* foi colocada no sentido de a relacionar com as respostas da Q1, do grupo II que se reporta às relações de amizade, o que poderá supor ao participante também relações de vizinhança. As questões do *género, do sexo e da orientação sexual,* estão para permitirem compreender se tem algum peso nas respostas posteriores. E os resultados também poderão denunciar a percentagem (ainda que relativa), alunos que se identificam com as respetivas variáveis.

Grupo II – Caraterização de aspetos relacionados com a orientação sexual

As restantes questões pretendem aferir:

Q1/Grupo II - Saber a quem recorre o participante quando tem alguma questão/problema de foro sexual. É relevante. No sentido de perceber a necessidade de uma resposta educativa a este respeito, que se poderá verificar na resposta à Q2. Nesta questão utilizou-se a resposta fechada dando duas hipóteses de resposta: sim/não. Colocou-se no fim um campo de resposta aberta para *o participante, justificar a sua resposta.*

Q2/Grupo II – Aferir o grau de importância sobre a existência de lecionar uma disciplina sobre Educação sexual, na escola, no sentido de perceber se o participante tem consciência dessa necessidade. Nesta questão usou-se uma tabela com as respetivas variáveis, para facilitar a resposta ao participante e para mais rapidamente escolher a opção que mais se aproxima do seu comportamento. Colocou-se as seguintes opções de resposta (Quase sempre/ás vezes/quase nunca).) Colocou-se no fim um campo de resposta aberta para *Outros*.

Q3/Grupo II – saber se o participante tem contato com pessoas LGBT, dentro das suas relações próximas. Este dado poderá ser relevante no sentido de o relacionar com a questão da proximidade ao tema em estudo. Para esta questão propôs-se uma tabela com várias variáveis, e opções de resposta (Sim/não.

Q4/Grupo II – Conhecer o comportamento dos participantes em relação às pessoas LGBT. Para esta questão propôs-se uma tabela com várias variáveis de resposta fechada, e opções de resposta (Quase sempre/às vezes/quase nunca). Colocou-se no fim um campo de resposta aberta para *Outros*.

Q5/Grupo II – Recolher a opinião dos alunos, sobre algumas afirmações estereotipadas e preconceituosas sobre a Homossexualidade, no sentido de perceber o nível de confusão ou preconceito em relação aos temas abordados. Para esta questão de resposta fechada propôs-se uma resposta a partir de 3 opções (sim/Não (Não sei).

Q6/Grupo II – Perceber de que modo os alunos percecionam o ambiente que se vive na escola em relação às pessoas LGBT, e se estão atentos à resposta que a própria escola dá a este assunto. Para esta questão propôs-se uma tabela com várias variáveis, e opções de resposta (Sim/não/Não sei).

2. 8 **Análise dos dados recolhidos**

Neste capítulo, iremos apresentar e analisar os resultados da investigação efetuada atendendo aos objetivos definidos no Capítulo I. Assim, tendo em conta os resultados obtidos, dividiu-se o Capítulo em cinco sub-capítulos, de acordo com os instrumentos utilizados, nomeadamente, o questionário aplicado aos professores (4.2), o questionário aplicado aos alunos (4.3), a entrevista aplicada aos Diretores dos Pólos de Queluz e Lumiar.

2.8.1 Análise do Questionário aplicado aos professores

Os participantes entrevistados responderam às questões colocadas no questionário, sendo possível conhecer algumas das suas conceções sobre os temas identidade de género e pessoas LGBT, em contexto escolar. Começámos por identificar a faixa etária de maior resposta a este estudo, que apresenta maior incidência, entre 32 e os 44 anos, com 12,5%. O que poderá significar maior abertura de reflexão sobre estes temas.

Gráfico 15

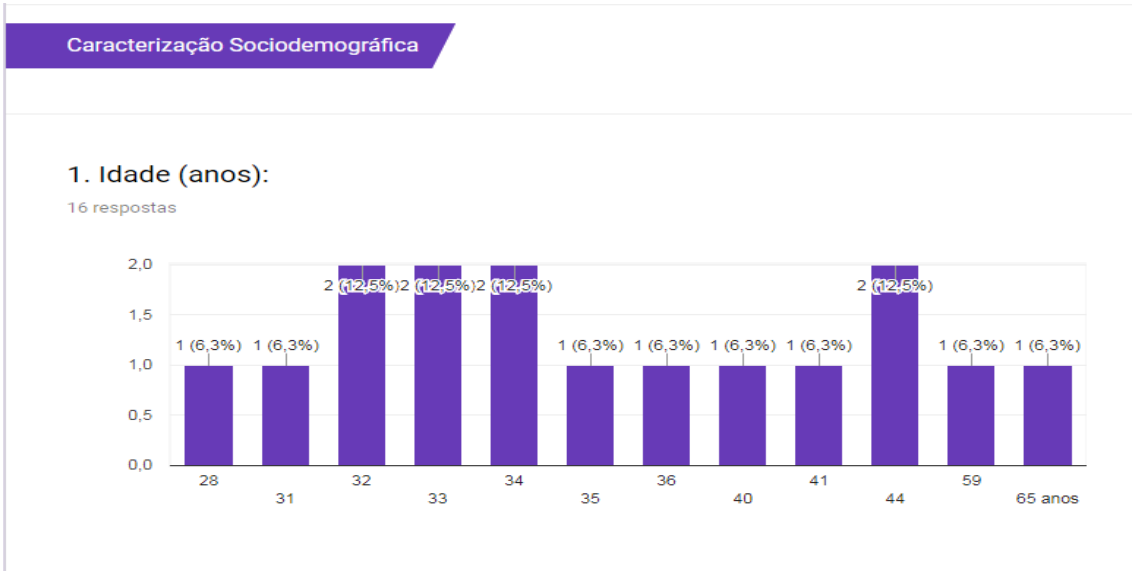
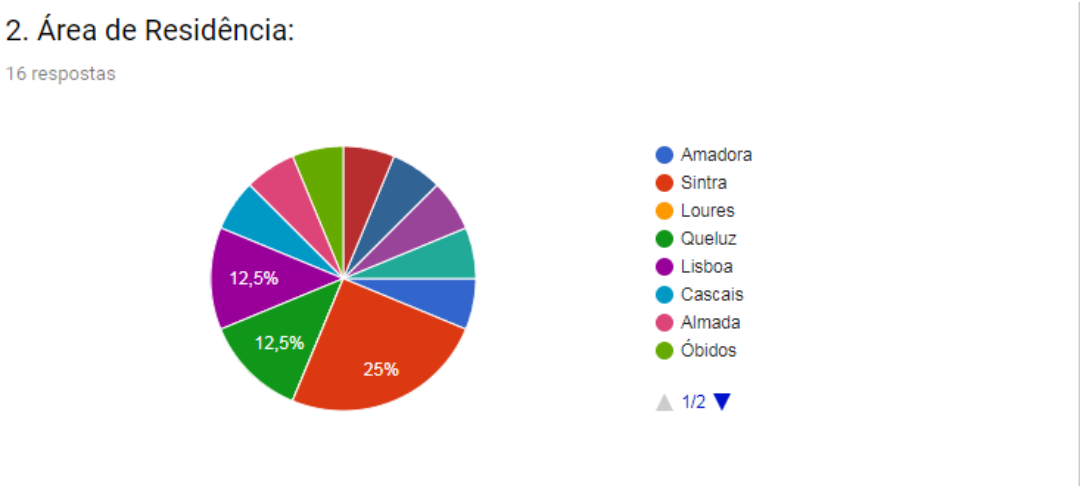


Gráfico 16 – área de residência da amostra



No gráfico 16, quanto à área de residência da amostra, podemos observar que se situa maioritariamente na zona de Sintra, com 25%, em Queluz, com 12,5%, em ex aequo com Lisboa, com os mesmos 12,5%.

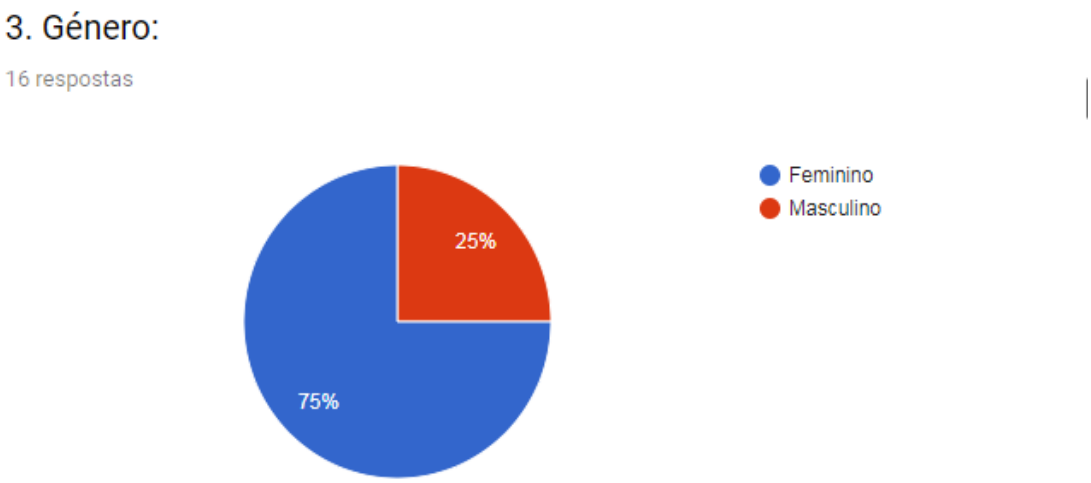


Gráfico 17- Género da Amostra

No gráfico 17, podemos observar de que este estudo teve uma amostra em maior percentagem do género feminino (75%), quando comparado com os 25% do género masculino. Esta situação estará relacionada com a tendência da população do corpo docente em estudo, ser maioritariamente feminina.

Gráfico 18- Sexo da Amostra

No gráfico 18, podemos observar de que este estudo teve uma amostra em maior percentagem do sexo feminino (75%), quando comparado com os 25% do sexo masculino. Esta evidência estará relacionada com a percentagem do gráfico anterior (género da amostra), que tem neste caso uma identificação direta da população representada, com a mesma percentagem em termos de sexo.

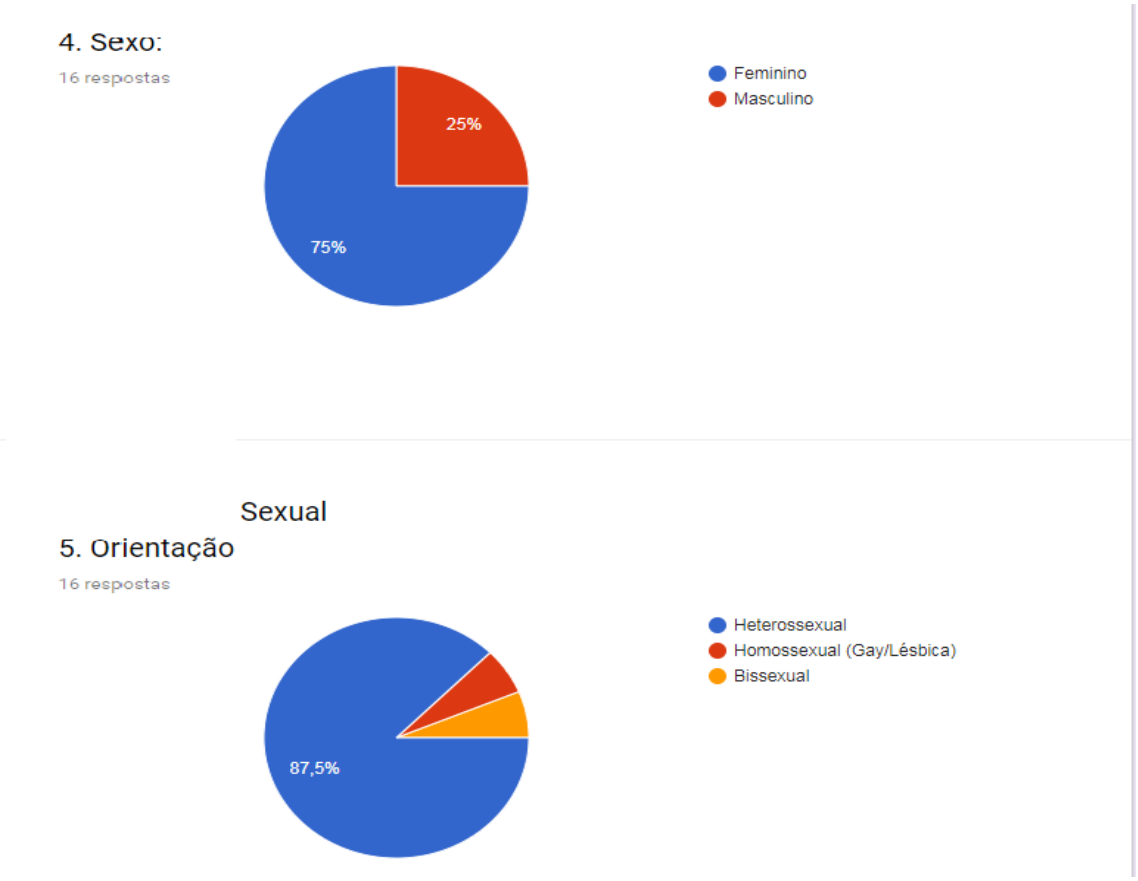
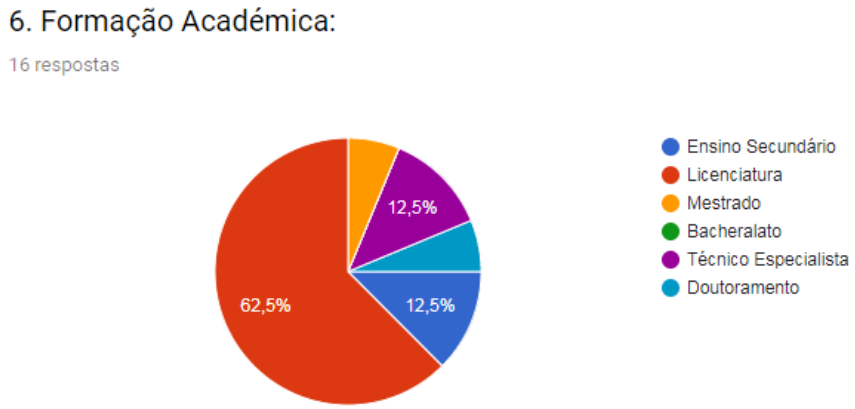


Gráfico 19- Orientação sexual da Amostra

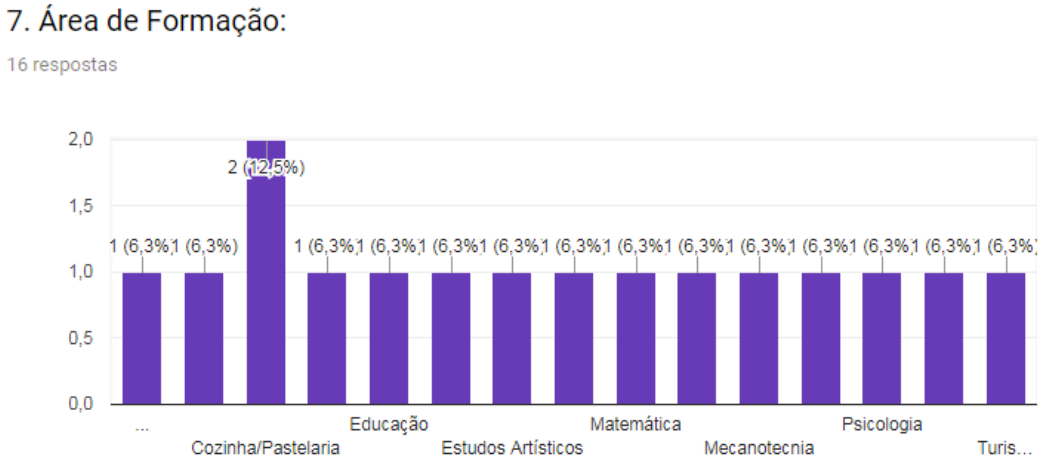
No gráfico 19, quanto à orientação sexual dos inquiridos, este estudo teve uma amostra em maior percentagem de orientação heterossexual (87,5%), quando comparado com as outras duas orientações assinaladas (homossexual e bissexual). É no entanto, de ressalvar que vários estudos apontam que da totalidade de uma população, 10% apresenta uma orientação sexual não normativa, ou seja será homossexual/bissexual.

Gráfico 20 – Formação académica da amostra



No gráfico 20, quanto à formação académica dos inquiridos, este estudo mostra que a maioria possui Licenciatura, com uma percentagem (62,5%), no entanto a formação académica dos inquiridos revela-se acima da média, visto que os outros 25%, dividem-se em Doutoramento, com 12,5% e Técnico Especialista com 12,5%.

Gráfico 21 – área de formação da amostra

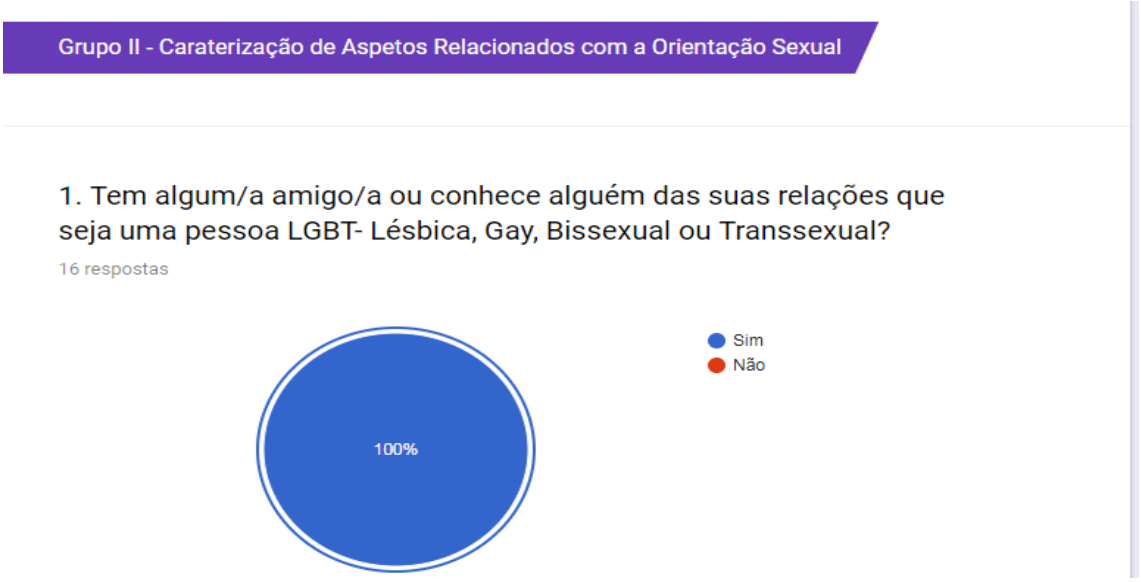


No gráfico 21, quanto à área de formação dos inquiridos, o gráfico mostra que a maior percentagem (12,5%), dos inquiridos é da área de Cozinha/Pastelaria. Deve-se ressalvar, que esta percentagem, poderá ter a ver com o facto de existir um maior número de turmas neste curso, logo um maior número de professores relacionados com esta área de ensino.

Gráfico 22 – Disciplinas que leciona a amostra

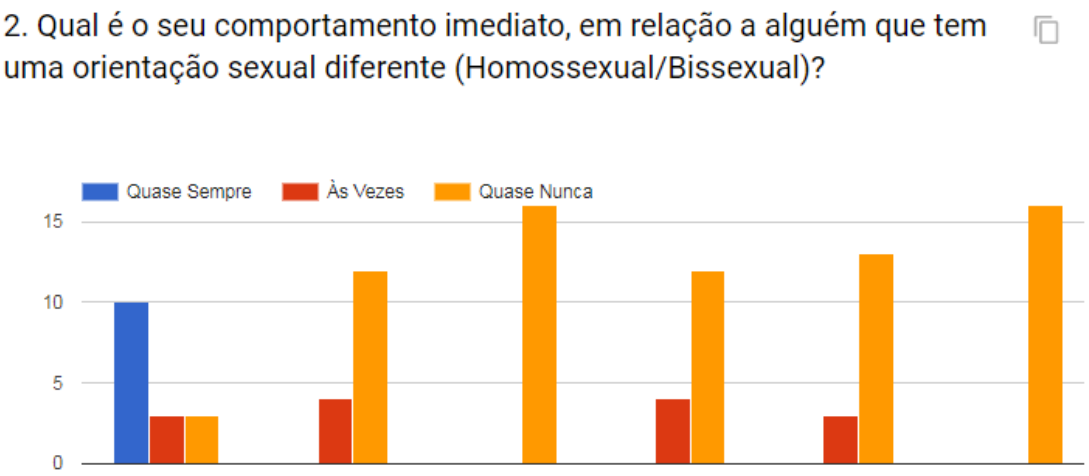
No gráfico 22, ao nível das disciplinas lecionadas pelos inquiridos, o gráfico mostra que a maior percentagem (12,5%), são disciplinas relacionadas com tecnologias e Processos, no entanto o restante da amostra divide-se pelas disciplinas de Matemática, Expressão Dramática, Psicossociologia, Turismo, Expressão Plástica, entre outras, garantindo assim a este estudo uma boa representação em termos de áreas de lecionação, dado que poderá vir a ser relevante nesta investigação.

Gráfico 23 – Relações com pessoas LGBT



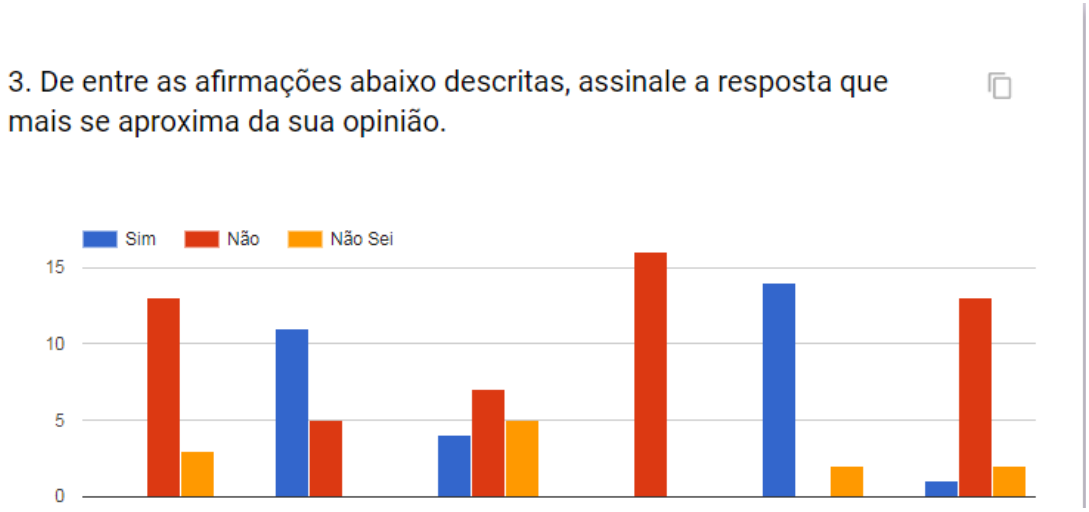
À questão "*Tem algum/a amigo/a ou conhece alguém das suas relações mais próximas que seja uma pessoa LGBT- Lésbica, Gay, Bissexual ou Transsexual?",* a totalidade dos inquiridos respondeu que sim. Considera-se este dado importante, pois reflete que as relações dos participantes são variadas ou pelo menos estes, admitem conhecer pessoas com orientações sexuais não normativas.

Gráfico 24 – Comportamentos imediatos em relação a pessoas LGBT



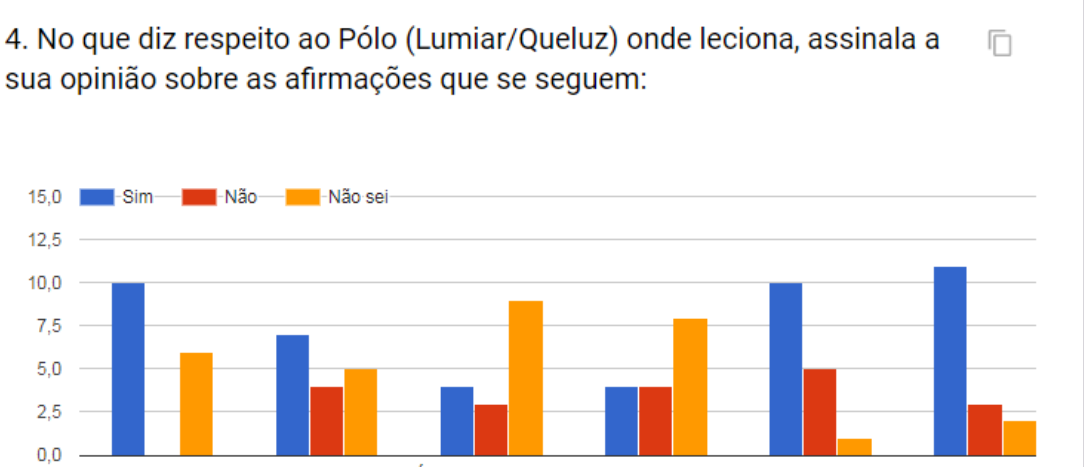
A esta questão "*Qual é o seu comportamento imediato, em relação a alguém que tem uma orientação sexual diferente (Homossexual/Bissexual)?",* os inquiridos responderam que na maior parte das vezes *mostram satisfação/aceitação* (10 respostas, em 16), comparativamente com as (3 respostas), que dizem *quase nunca.* Neste gráfico as respostas apontam para um comportamento positivo e inclusivo por parte dos inquiridos, pois a maior parte afirma que o seu comportamento ao contato imediato, com pessoas LGBT, é confortável, não questionando a pessoa sobre a sua orientação sexual, não gozando com a pessoa, não manifestando qualquer ação de repulsa ou desagrado. À variável – *não demonstra qualquer reação*, as respostas dividiram-se *entre ás vezes e quase nunca.,* o que de uma perspetiva da investigadora, pode ser positivo, visto que não é suposto reagir-se de maneira especial á presença de uma pessoa LGBT.

Gráfico 25 – Opinião sobre a Homossexualidade



Segundo os dados recolhidos sobre a opinião dos inquiridos em relação à *Homossexualidade* (exclusivamente), afirma a maioria (13 respostas) que ser homossexual não é uma moda, embora a maioria (11 respostas) também afirme que se pode ser homossexual, mas não é necessário assumi-lo publicamente. A maioria (7 respostas) afirma que a nossa sociedade ainda não aceita a homossexualidade. Para a totalidade dos inquiridos ser homossexual já não é considerado uma doença, e para a maioria, é tão positivo como ser heterossexual. Na opinião da maioria dos inquiridos, os homossexuais não são pessoas mais sensíveis que as heterossexuais. Na variável, *A orientação sexual não é uma opção*, a maioria diz que não (7 respostas), no entanto, de seguida com (6 respostas) quase metade dos inquiridos afirmam que sim. Esta questão revela ainda alguma confusão na origem da orientação sexual, por parte dos professores. Afirma a maioria que ser LGB ou T, não é uma caraterística que defina totalmente uma pessoa, o que revela que essa caraterística pelos inquiridos não é valorizada, deixando assim em aberto a sua razão: não é valorizada porque é aceite como "normal", ou porque é "*ignorada"* essa mesma caraterística. Responde a maioria (10 respostas), que as famílias homossexuais não apresentam mais problemas do que as heterossexuais. E por fim, sobre este gráfico (14 respostas*), a maioria dos inquiridos afirma que uma sociedade justa e democrática aceita todas as orientações sexuais como normais*, revelando aqui uma postura bastante integradora da diferença existente ao nível das orientações sexuais.

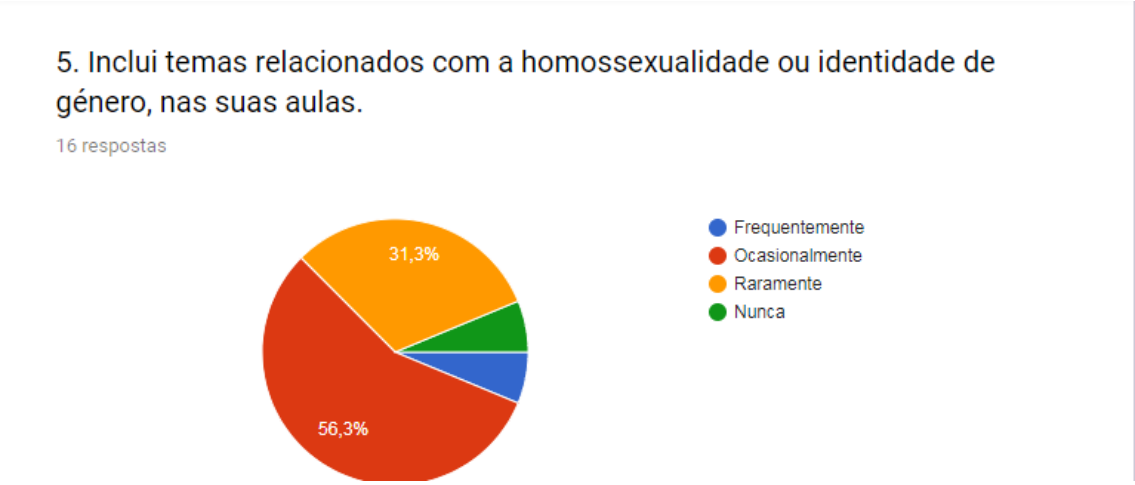
Gráfico 26 – Opinião sobre o ambiente que se vive na escola onde leciona, em relação às questões de género e LGBT.



Nesta questão a maioria dos inquiridos demonstra não conhecer bem a realidade da sua escola, em relação aos recursos informativos à disposição da comunidade escolar, que afirmam não saber se existem, dizem no enanto que é comum afixarem nas paredes cartazes com o tema da diversidade sexual existente. Em relação à variável: *A minha escola aceita bem a homossexualidade e a bissexualidade,* as opiniões equilibram-se entre o (sim, não e o não sei), revelando que tem duvidas sobre o nível de inclusão das pessoas LGBT na sua escola., pois a configurar esta resposta, na variável: *Na minha escola existem alunos que escondem a sua orientação sexual,* a maioria (10 respostas) afirma que sim, o que leva a investigadora a pensar que existe uma relação direta com estas situações – Se existir dúvidas na inclusão da diferença, dentro da escola, naturalmente os alunos irão esconder a sua orientação sexual, caso seja diferente. A maioria dos inquiridos afirma, que na escola são punidos atos de agressão/discriminação contra os homossexuais. A maioria (10 respostas) afirma também não ter conhecimento do número de homossexuais existentes na escola, o que mais uma vez reafirma a teoria anterior- eles não são visíveis, talvez com receio das consequências dessa visibilidade. Na varável: *o ambiente da minha escola é seguro para todos,* as opiniões dividem-se pelas três opções de resposta (sim/não/não sei), o que nos parece grave, pois são os professores a reconhecer a fragilidade e insegurança que se viver no interior da escola. As respostas à seguinte variável*: Não existe discriminação de género na minha escola*, as opiniões dividem-se equitativamente entre o (não/sim/ não sei), o que vem mais uma vez reforçar que existe alguma incerteza na estabilidade do ambiente em relação aos temas em debate, na comunidade escolar. Sobre se os professores abordam estes temas, *ocasionalmente* em sala de aula, a maioria (10 respostas), reconhece que o faz. Na variável*: os meus colegas professores*

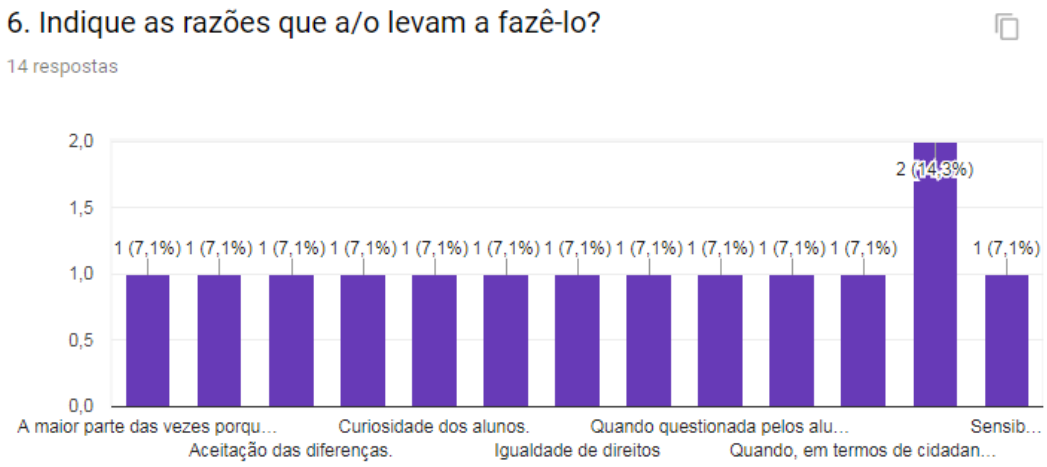
tem uma postura inclusiva e respeitadora das diferenças dos alunos, as respostas do sim e do não sei estão equiparadas, o que deixa em dúvida a existência dessa postura.

Gráfico 27– Sobre a inclusão dos temas Homossexualidade e Identidade de género, nas aulas.



A esta questão, a maioria dos inquiridos (56,3%), responde ocasionalmente, contudo também uma grande maioria (31,3%) responde que raramente, o que no nosso entendimento é um dado preocupante, pois a ausência de debate sobre estes temas, poderá ser por si, um dos fatores de discriminação, e uma forma de manter o assunto como tabu, prejudicando assim o objetivo de uma escola inclusiva.

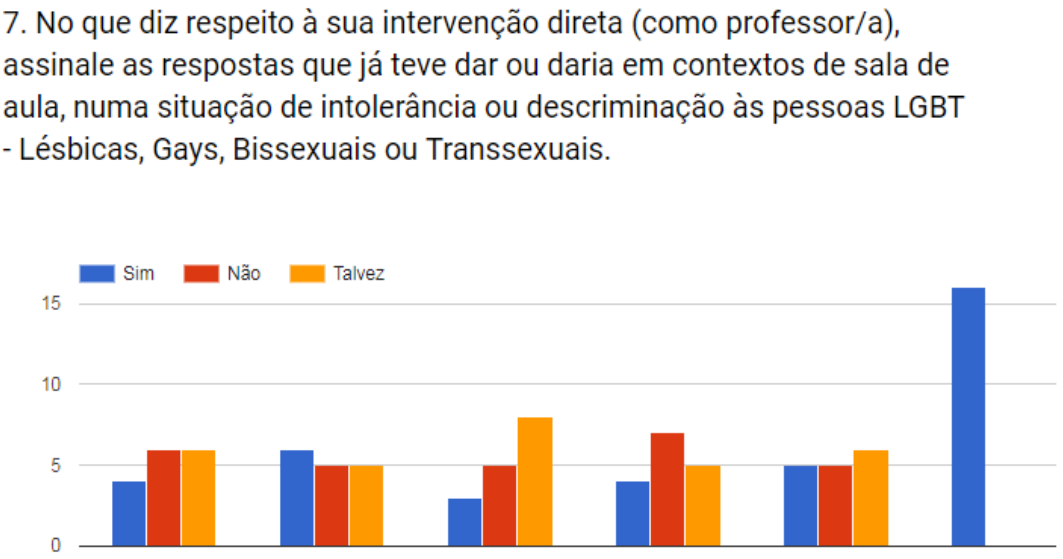
Gráfico 28 – Sobre quais as razões, que levam os professores a incluir estes temas nas suas aulas (questão de resposta aberta).



No sentido de perceber *quais as razões, que levam os professores a incluir estes temas nas suas aulas,* usámos uma segunda questão neste quadro (5.1).

As razões apresentadas resumidamente foram: - quando o programa da disciplina o sugere; quando os alunos apresentam dúvidas sobre o assunto; quando os alunos apresentam uma postura menos positiva aos temas; quando os alunos têm posturas de discriminação; quando se quer abordar a igualdade de direitos/ou se fala de cidadania; só quando há conflito em sala de aula sobre os temas referidos; quando é necessário esclarecer duvidas sobre algum evento na escola, relacionado com o tema; para sensibilizar/formar para a diversidade que se vai encontrar no mundo do trabalho; não aborda o tema em sala de aula, pois não se sente à vontade para falar dele.- Estas respostas sugerem-nos que a maioria dos professores só aborda estes temas em sala de aula, se realmente houver uma razão muito forte para o fazer, dado que por si, já é demasiado revelador da ausência de um discurso inclusivo por parte do professor, e de uma manutenção consciente da heteronormatividade, colocando os alunos em questões de cidadania: uns como de 1ª, outros como de 2ª categoria. Não querendo radicalizar esta leitura, poderemos ainda reconhecer que a maior parte dos professores não se sente com competências para falar sobre estes temas.

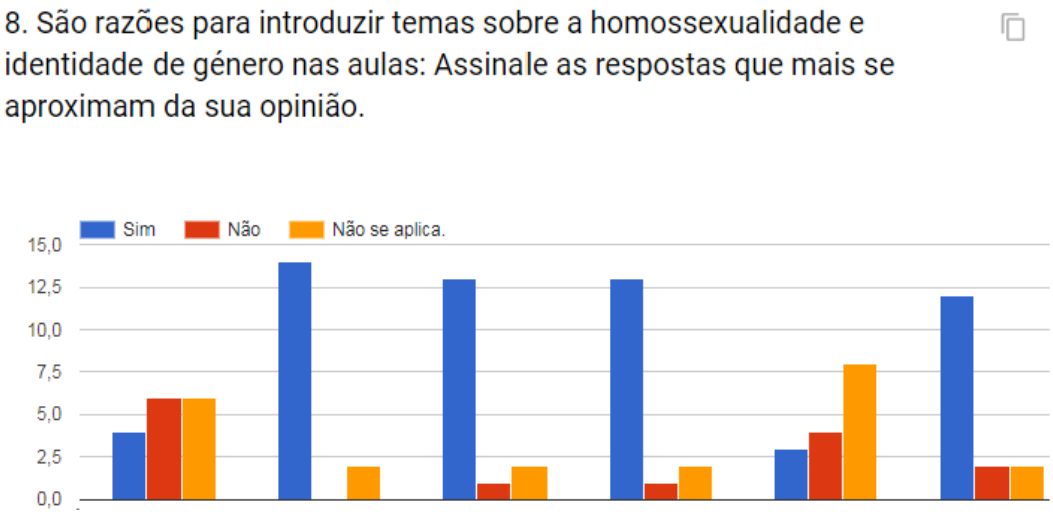
Gráfico 29 – Sobre as respostas que se dariam em sala de aula, numa situação de intolerância/discriminação às pessoas LGBT.



A *resposta,* que gerou consenso total entre os inquiridos, foi: *se queres ser respeitado, tens de respeitar os outros,* contudo as outras afirmações fazem divergir as respostas entre o (sim/não/talvez), - Já chega dessas conversas; estás a ultrapassar os limites; vai para a rua; atua atitude em relação a este assunto é inaceitável. Os inquiridos revelam neste quadro de afirmações, que seriam pouco tolerantes às atitudes de discriminação em sala de aula, como se

denota na resposta à variável: *nesta escola não permitimos nenhum tipo de exclusão.* Contudo regista-se pelas evidências dos dados, que na maior parte das afirmações, muitos dos inquiridos não revelam firmeza nas suas tomadas de posição, logo o seu discurso torna-se bastante ambíguo, em relação às posturas discriminatórias dos seus alunos.

Gráfico 30 – Sobre as razões de introdução dos temas Homossexualidade e Identidade de género, nas aulas. (questão de resposta fechada)

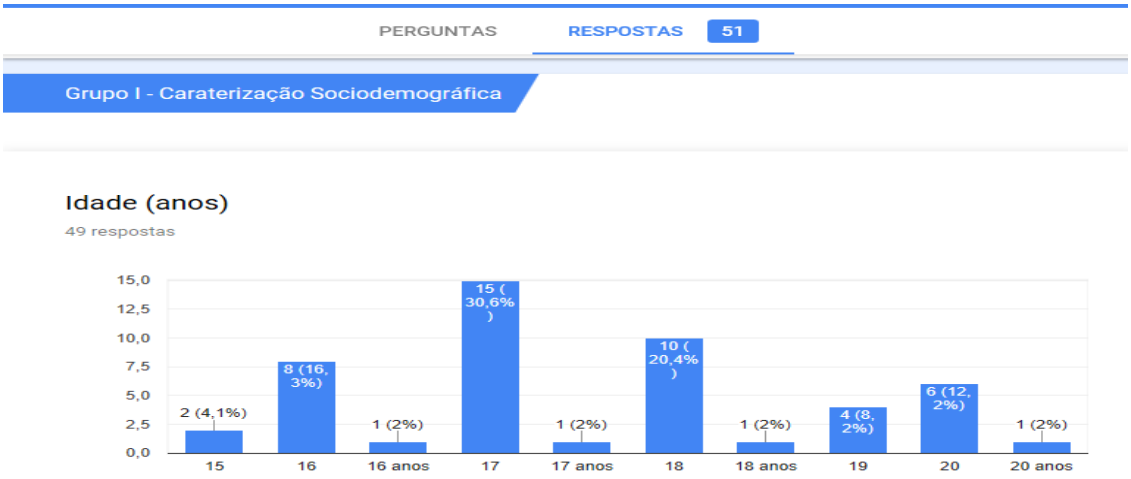


Esta questão foi introduzida no sentido de puder comparar com as respostas já dadas na questão anterior similar, (onde se procurou em resposta aberta) as razões que na opinião dos professores, seriam válidas para a introdução dos temas Homossexualidade e Identidade de género nas suas aulas. Podemos observar pelas respostas, que o fariam sempre que: achem necessário para a formação pessoal /profissional dos alunos, quando ajudar a clarificar os conceitos, quando isso fomentar uma relação de confiança com os alunos, quando promove valores de compreensão e respeito pelas diferenças do outro, e quando isso pode facilitar o *coming out* dos jovens. Alertam também para o facto de existir uma grande falta de formação dos professores para abordar estes temas com segurança e para a falta de recursos de apoio técnico.

2.8.2 Análise do Questionário aplicado aos alunos

A primeira parte do questionário –, incidiu sobre a caracterização sociodemográfica da população em estudo. Procurou ter-se uma perceção dos alunos que responderam ao questionário considerando a idade, área de residência, ano de escolaridade, curso que frequenta, género, sexo, e orientação sexual.

Gráfico 31 - Idade da Amostra



No gráfico 31, quanto às idades da amostra, com maior incidência neste estudo, estiveram compreendidas entre 16 e os 20 anos, no entanto a maior percentagem está situada nos 17 anos, com 30,6%, seguida dos 18 anos, com uma percentagem 20,4%, e dos 16 anos, com uma percentagem de 16,3%. Estes resultados são explicados pelo limite de idade imposto na frequência dos cursos lecionados na EPGE, ou seja, dos 15 aos 21 anos de idade. No entanto poderemos também relacionar que existe um maior interesse sobre este tema, numa faixa etária mais adulta, visto que várias estatísticas apontam, é também nesta faixa etária que as questões de orientação sexual e a sexualidade é começada a viver mais intensamente.

Gráfico 32- Frequência do Curso da Amostra

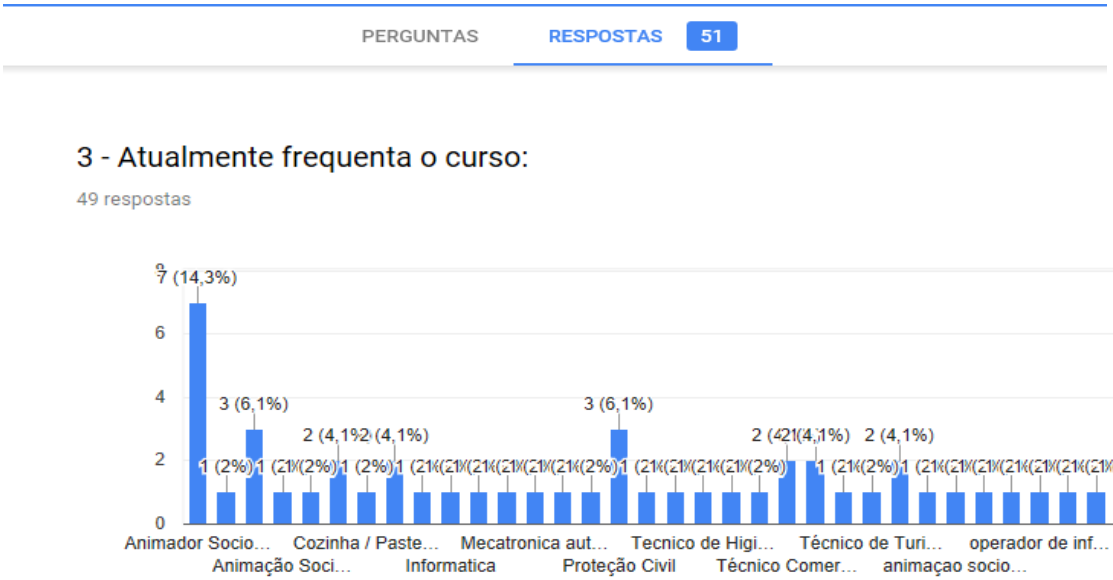
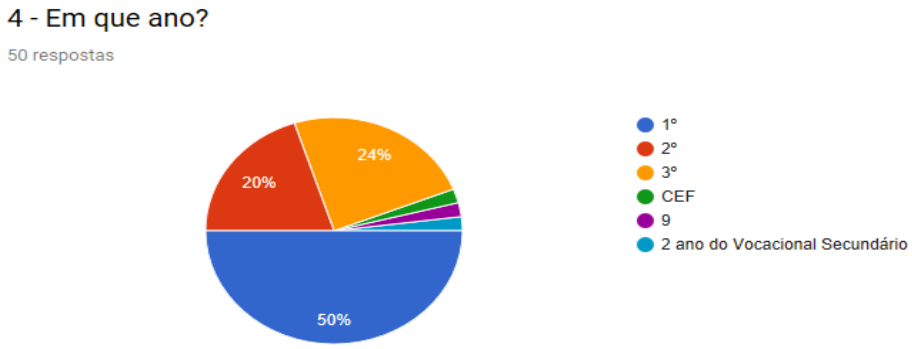


Gráfico 32- Frequência do Curso da Amostra

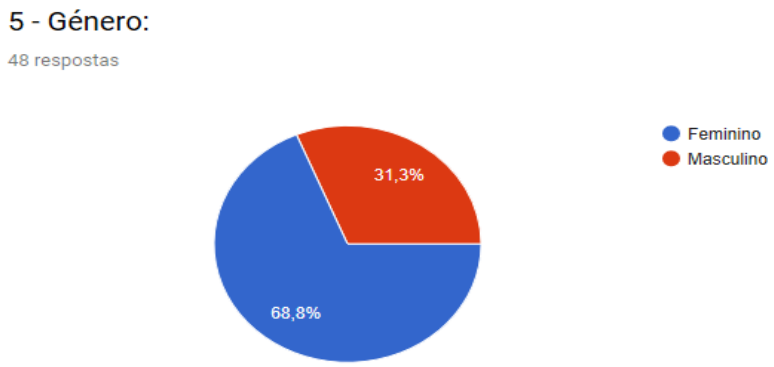
Quanto aos cursos mais frequentados pelos inquiridos desta amostra, no gráfico aparece com maior percentagem o curso de Animador Sociocultural, com 14,3%, e de seguida o curso de Proteção Civil, sendo que os restantes inquiridos estão divididos por Informática, Turismo, Higiene e Segurança, entre outros. Este resultado, poderá estar relacionado com o facto de a autora do estudo, ser da área do curso de Animador Sociocultural, e ter vindo a desenvolver um trabalho de proximidade com os alunos a quem leciona (aproximadamente 75 alunos), no que respeita a esta temática.

Gráfico 33– Ano de frequência da Amostra



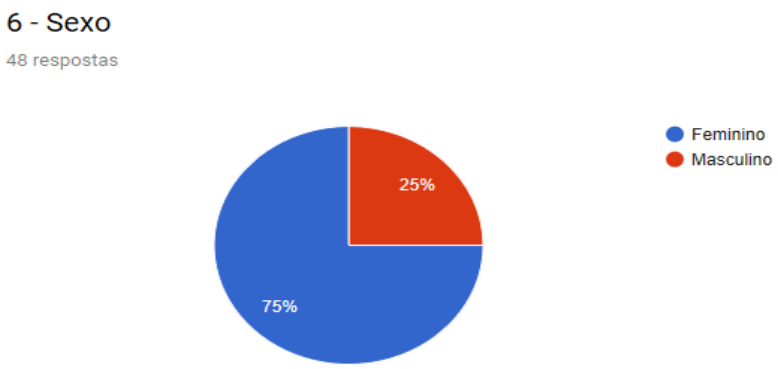
A maior percentagem dos alunos inquiridos neste estudo frequenta o 1ºano, com uma percentagem de 50, %, em segunda posição aparece com 24%, a frequência no 3ºano. Estes resultados poderão estar relacionados com o maior interesse dos alunos, ou dos professores que os motivaram para o preenchimento do questionário, logo não poderemos dizer com exatidão a razão destes valores, visto que o preenchimento do questionário foi sobre uma amostra aleatória e disponível.

Gráfico 34- Género da Amostra



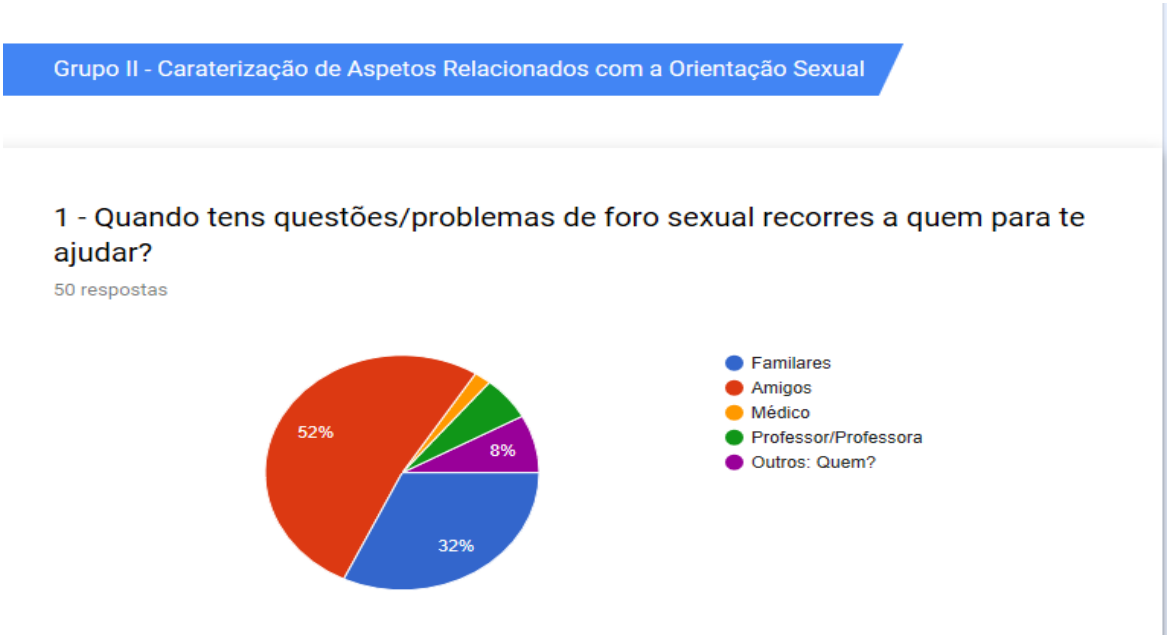
Em relação ao género, a maior percentagem, com 68,8%, diz-se do género feminino, o que pode ser explicado pela maioria de alunas que frequenta os nossos cursos, ser do sexo feminino.

Gráfico 35- Sexo da Amostra



Em relação ao Sexo, a maior percentagem, com 75%, diz-se do sexo feminino, sendo que os outros 25% apresenta-se, como sendo do sexo masculino. Comparando este gráfico com o anterior, podemos aferir que uma percentagem de 13% dos inquiridos ou inquiridas apresentam diferenças entre o sexo biológico que lhes foi atribuído à nascença, e a identidade de género com a qual se identificam.

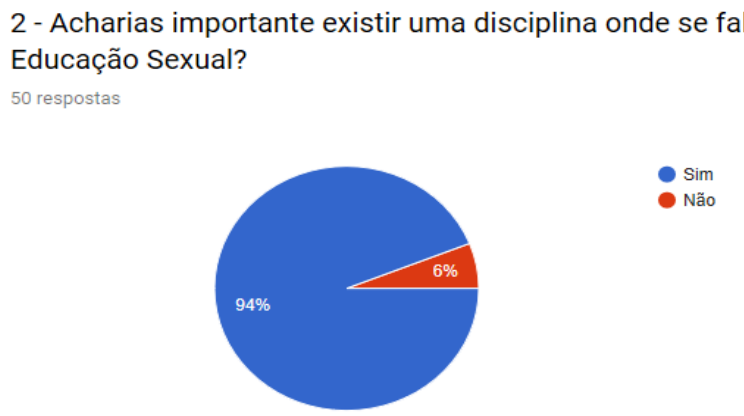
Gráfico 36 – A quem recorre quando tens dúvidas/problemas de foro sexual



A maioria dos participantes, com 52% responde que recorre aos amigos. Em segundo lugar aparecem os familiares, em terceiro lugar referem-se a outros (?), e poucos recorrem aos professores e ainda menos aos médicos. Poderemos assumir que os professores não estabelecem relações de confiança ou de proximidade, para serem

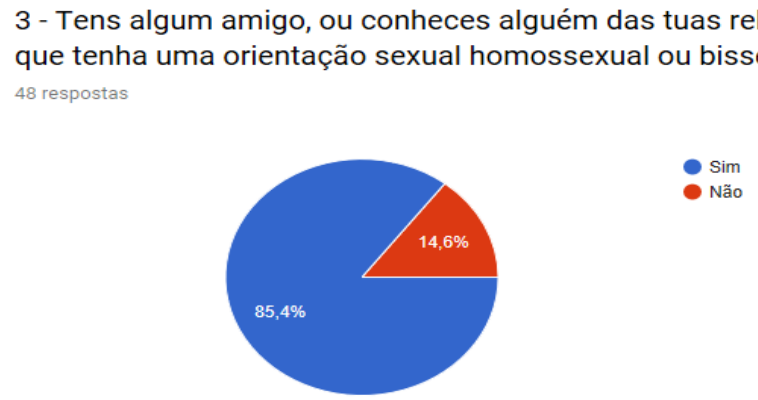
abordados sobre estes assuntos. A massiva procura dos amigos para obter respostas nestas áreas é compreensível, pois procuram os seus pares que vivem as mesmas duvidas, poderá ser, no entanto, um fator que permite uma troca de informação incorreta, baseada em preconceitos e leituras imediatas divulgadas pelos canais de internet mais consultados pelos jovens nestas faixas etárias (…),

Gráfico 37 – Sobre a importância de existir uma disciplina de educação sexual



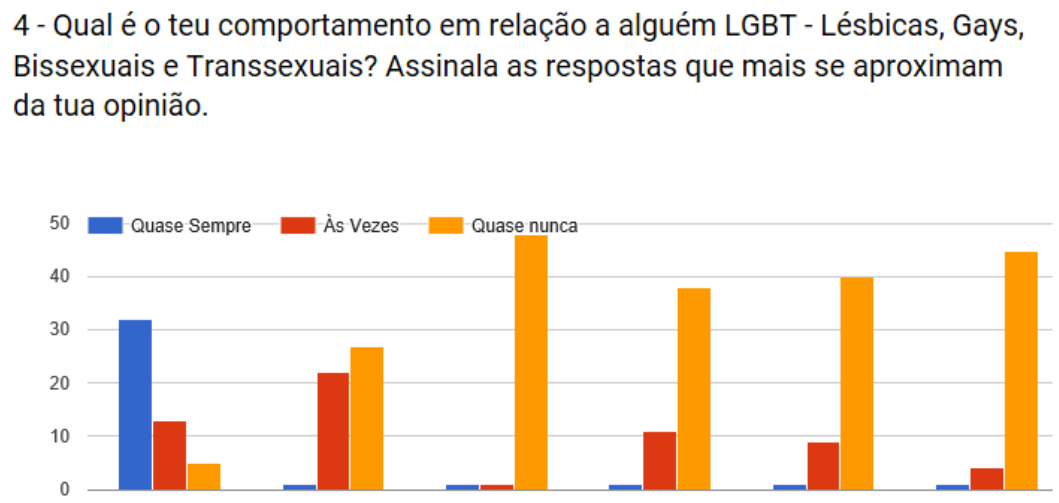
A maioria dos participantes, ou seja 94%, responderam que sim, o que deixa inequivocamente a mensagem da necessidade da existência de uma disciplina sobre educação sexual, na escola.

Gráfico 38 – Sobre as relações próximas com pessoas com uma orientação sexual homossexual ou bissexual



A maioria dos participantes assinalam com 85% do sim à questão. Reconhecem pois, que tem amigos ou conhecidos próximos com essa carateristica. Afirmam portanto, serem conhecedores do facto.

Gráfico 39 – Sobre o comportamento em relação a pessoas LGBT



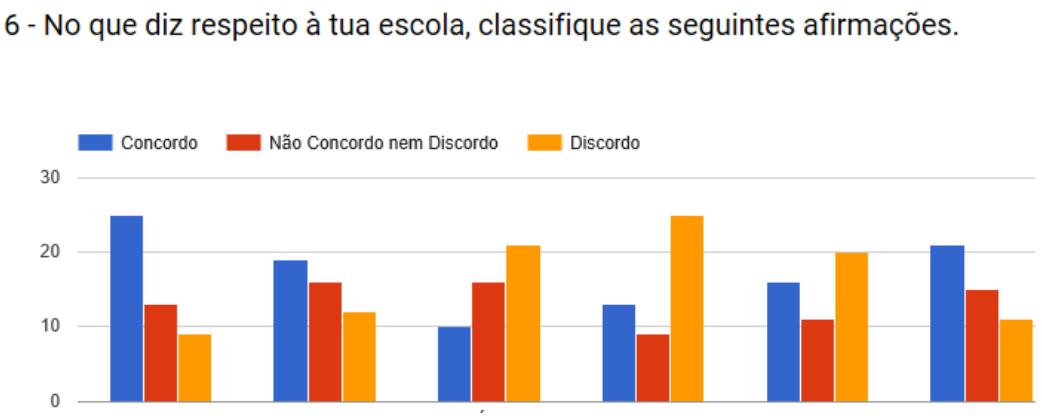
A partir da leitura dos gráficos, podemos observar que a maioria (32 respostas)dos participantes mostram satisfação/aceitação em relação a alguém LGBT, não provocando conflitos ou questionando a sua orientação sexual. A maioria afirma não gozar, nem manifestar desagrado/repulsa, nem fingir que aceitam as pessoas LGBT. Estes resultados são bastante positivos e revelam que da parte dos jovens participantes neste questionário, existe uma grande predisposição para a inclusão da diferença.

Gráfico 40 – Sobre a opinião, em relação a alguns estereótipos discriminatórios sobre orientações sexuais não normativas.

Os resultados a esta questão são bastante esclarecedores: a maioria dos participantes não apresenta dificuldades em relação à aceitação da diferença das orientações sexuais, afirmam que *ser gay não é uma moda, que os homossexuais não são pessoas deficientes, que os*

homossexuais não são mais sensíveis do que os heterossexuais, e sobre as famílias LGBT, que estas apresentam os mesmos problemas que as restantes. Contudo existe alguma confusão em questões como*: a orientação sexual não é uma opção (?), ou pode-se ser homossexual, mas não é necessário assumi-lo publicamente (?).* Por fim, a maioria (34 respostas) não tem dúvidas que *a nossa sociedade ainda não aceita a homossexualidade*, e com (36 respostas), que uma *sociedade justa e democrática aceita todas as orientações sexuais como normais.*

Gráfico 41 – Sobre a opinião em relação à realidade que se vive na escola.



Em relação a esta questão, a maioria dos participantes com (25 respostas), afirmam que: *na minha escola existem alunos que escondem a sua orientação sexual,* em relação às (13 respostas, que afirmam que não. À variável, *a minha escola aceita bem a homossexualidade/bissexualidade,* a maioria (com 19 respostas), afirma que sim, no entanto com (16 respostas), os participantes dizem que não. Este resultado é demasiado próximo, o que sugere que poderá estar dependente das experiências pessoais dos alunos em relação a esta questão, ou da idealização que fazem sobre a ideia de que a escola deve ou não deve aceitar. Contudo fica a questão: o que leva os alunos (do não ou do sim), a terem a certeza desse facto(?).

Em relação *a cartazes afixados na escola sobre o tema da diversidade de orientações sexuais*, a maioria (20 respostas), diz não saber. Sobre *a existência de informação sobre homossexualidade/bissexualidade*, a maioria (21 respostas) diz não saber se existe, e a seguir com (16 respostas), os alunos participantes dizem não existir qualquer informação sobre o tema. No entanto, a maioria com (21 respostas), declara *que a escola organiza frequentemente eventos que promovem a diversidade e aceitação das diferenças.* Sobre a abordagem destes temas nas aulas, pelos professores, afirma a

maioria (33 respostas), que o fazem ocasionalmente. À variável: *os professores assumem a sua hossexualidade,* a maioria (26 respostas), diz não saber, o que nos leva mais uma vez à questão da invisibilidade do assunto, sendo que, quando o professor não assume a sua diferença, caso seja LGBT, deixa que os alunos assumam que é heterossexual, o que empobrece, em termos de uma possível visibilidade positiva ou de referencia (caso tenha bom carater), o seu papel enquanto educador para a inclusão e para o respeito sobre a diversidade existente na escola.

Sobre a variável: *os meus professores, tem uma postura inclusiva e respeitadora das diferenças dos alunos*, o sim (18 respostas) e o não (18 respostas) empatam, com a maioria das respostas. Os outros 11, afirmam não saber se o fazem ou não. Podemos concluir que nesta pequena amostra, se reflete ainda uma grande lacuna da parte das posturas dos professores em relação à inclusão da diferença, tanto no seu discurso, como na sua ação.

Em relação à variável: *na minha escola são punidos atos de agressão/discriminação contra os homossexuais,* a maioria (17 respostas), respondeu que não. No entanto 16 respostas foram pelo sim., o que leva a crer que a escola faz valer o seu regulamento interno, e pune qualquer ato de discriminação seja a quem for, se dele tiver conhecimento. Sobre a discriminação em relação ao género, as respostas do *sim e do não,* foram iguais (17/17 respostas), o que poderá revelar uma necessidade de trazer para debate este tema, visto a resposta *não s*er tão representativa.

Por fim, à variável: *o ambiente na minha escola é seguro para todos*, a maioria respondeu (24 respostas), que não, em contraposição com as 14 respostas de sim. Este resultado é muito preocupante, embora se possa admitir que os alunos participantes, possam ter atribuído esta ideia de insegurança que se vive na escola, a outras questões não relacionadas apenas com a discriminação. Devemos, no entanto, tentar perceber porque é que as escolas selecionadas para este estudo, não transmitem uma ideia de segurança aos seus alunos, seja pelo fator de inclusão, ou outro qualquer. A escola dever um espaço de referência: na saúde e higiene, no conforto, na alimentação saudável, na segurança, na aceitação das diferenças, e principalmente deve ser um espaço de cidadania plena, onde todos e todas estejam representadas.

2.9 Análise das entrevistas efetuadas aos Diretores dos Pólos selecionados.

Segundo uma abordagem qualitativa foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas aos Diretores dos Pólos selecionados. Neste sub-capítulo iremos analisar os dados recolhidos e explorar a sua posterior aplicação.

A presente entrevista teve como objetivo recolher informação junto dos/as Diretores/as de Pólo (Queluz e Lumiar), da Escola Profissional Gustave Eiffel, em relação à aceitação das pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais, e das medidas implementadas pela escola para garantir um ambiente seguro para todos.

2.9.1 Escola Profissional Gustave Eiffel | Diretor do Pólo: QUELUZ

Grupo I – Dados Pessoais e profissionais

1. **Idade**: 65 (anos)

2. **Área de Residência**

☐ Amadora X Sintra ☐ Loures ☐ Outras:_____

3. **Género**

X Masculino ☐ Feminino

4. **Sexo**

X Masculino ☐ Feminino

5. **Orientação sexual**

X Heterossexual ☐ Homossexual (Gay/Lésbica) ☐ Bissexual

☐ Outra. Qual_____

6. **Formação académica**

☐ Licenciatura ☐ Mestrado

X Bacharelato ☐ Outra (especifique) _____

1. **Área de Formação (Bacharelato/Licenciatura/Mestrado)**

   BACHARELATO

2. **Disciplina (s) que lecionou**

   MATEMÁTICA

3. **Tempo de serviço como Diretor/a**

   20 (anos)

Grupo II – Opinião pessoal

1. Qual é a sua opinião em geral, sobre as pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? –

   R: ÓTIMA.

2. Considera a orientação sexual uma parte significativa da vida de uma pessoa? De que modo?

   R: SIM EM TODOS OS ASPETOS – PROFISSIONAIS E INTELECTUAIS.

3. Acha que uma pessoa pode escolher a sua orientação sexual?

   R: NÃO. ESTA DEPENDE DA SUA PERSONALIDADE E CARÁCTER.

4. Como acha que a nossa sociedade vê atualmente as pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais?

   R: A NOSSA SOCIEDADE ATUALMENTE É INDIFERENTE.

5. Considera que os avanços conseguidos em relação a direitos civis de gays e lésbicas melhoram de forma geral toda a sociedade? Explique de que modo.

R: SIM PELO MENOS DEU-SE A CONHECER A SOCIEDADE, QUE O SER HUMANO NÃO É DIFERENTE, POR TER UMA ORIENTAÇÃO SEXUAL DIFERENTE DA DOS OUTROS.

6. Na sua opinião, de que modo a escola pode ser um lugar seguro e de referência positiva para todos os alunos?
   R: MANTENDO AS CONDIÇÕES QUE HOJE EXISTEM E NÃO DIFERENCIANDO UNS DOS OUTROS.

Grupo III – Informações relativas ao cargo que desempenha

1. Tem conhecimento do nº de alunos LGBT-Lésbicas, Gays, bissexuais ou Transsexuais existentes neste Pólo?
   R: TENHO CONHECIMENTO QUE EXISTEM, MAS NÃO DIFERENCIO UNS DOS OUTROS, TODOS SÃO ALUNOS.

Análise: esta postura apesar de aparentemente positiva, pela não diferenciação, é também uma postura que fomenta a indiferença sobre as pessoas LGBT, que não tendo de ser tratadas como especiais, devem, no entanto, sentir que são aceites pela sua visibilidade efetiva.

2. Acha que este Pólo tem um ambiente seguro para os alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?
   R: SIM, MANTENDO O AMBIENTE QUE EXISTE SEM DIFERENCIAR NINGUEM.

Análise: esta resposta reforça mais uma vez, uma postura de desvalorização em relação às questões de segurança em relação às pessoas LGBT.

3. Acharia relevante incluir no registo biográfico do aluno/a o sexo/género/orientação sexual?
   NÃO.

4. O Regulamento Interno, é claro em relação à punição de atos discriminatórios em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

   R: OS REGULAMENTOS SÃO PARA TODOS, PELO QUE NÃO SE DEVEM CRIAR REGULAMENTOS DESCRIMINATIVOS.

Análise: os regulamentos não devem ser omissos em relação às especificidades das agressões/ofensas, pois se o forem pactuam com a violência sobre quem a sofre.

5. Que tipos de iniciativas são promovidas pela Direção da escola, no sentido de prevenir situações de risco em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

   R: DANDO TODA A LIBERDADE DE EXPRESSÃO SOBRE TUDO, E TODOS.

Análise: nesta resposta, podemos observar que: Primeiro, este facto não pode ser verdade, pois não se podem atribuir liberdades de expressão ilimitadas. Existem regulamentos que determinam o contrário na dinâmica da escola. Exemplo: proibido usar boné dentro da escola; proibido comer dentro das salas; proibido usar telemóvel em sala de aula (…), segundo, mais uma vez se denota que existe uma intenção clara de ignorar a necessidade de existirem iniciativas propostas pela própria escola, que promovam a diversidade e a inclusão plena de todas as representações sexuais.

6. Quer referir algumas das iniciativas, que tenham sido realizadas neste Pólo sob sua orientação, nos últimos 2 anos?

   R: NÃO ME OCORRE, MAS FORAM EFETUADAS ALGUMAS AUTORIZADAS POR MIM, E OUTRAS DA RESPONSABILIDADE DOS PROMOTORES, QUANDO ACHARAM QUE AS DEVIAM FAZER.

Análise: A autora deste estudo leciona há doze anos (aproximadamente) neste Pólo, e confirma esta declaração, no entanto reconhece que as poucas atividades realizadas, foram de modo avulso, e pouco sistematizado. E sendo verdade que esta Direção, aprova todas as atividades propostas pelos

professores/coordenadores destas temáticas, também é verdade que a direção tem um papel fundamental, na orientação de princípios e valores de uma cidadania plena, e deve ser a partir dela que devem sair também iniciativas que fomentem o respeito pela diversidade e pelo direito à dignidade de existir e de amar quem se quiser.

7. Que tipo de recursos de informação/sensibilização a escola põe ao serviço dos alunos e professores, no sentido de melhorar a *aceitação* da população LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?
   R: TODA A QUE FOR NECESSÁRIA OU SOLICITADA.

Análise: Não querendo colocar em questão a verdade desta afirmação, a investigadora, reconhece que os recursos de informação/sensibilização são escassos ou praticamente inexistentes, e torna-se necessário coloca-los à disposição dos alunos, visto que muitas vezes recorrem a outras fontes, que lhes transmitem dados incorretos, estereotipados e discriminatórios.

8. Orienta os professores no sentido do uso uma linguagem inclusiva durante as suas aulas?
   R: NÃO, NEM O DEVO FAZER, POIS O PROFESSOR COMO PROFISSIONAL DEVERÁ SABER FALAR, INDEPENDENTEMENTE DO TIPO OU CARACTERISTICAS DOS ALUNOS.

9. Acharia importante promover formação específica para os professores sobre esta matéria, no sentido de ficarem habilitados e mais confiantes, para abordarem estas questões em sala de aula?
   R: NA SEQUÊNCIA DO QUE JÁ DISSE ANTERIORMENTE, ACHO QUE NÃO, POIS TAMBEM NÃO SE DÁ FORMAÇÃO PARA OS OUTROS CASOS.

Análise: nos questionários realizados aos professores, podemos verificar que estes, só ocasionalmente tocam nestes temas em sala de aula, e existem ainda alguns que dizem não o fazer, por não se sentir competentes ou à vontade com os temas para o fazer. Isto resume uma necessidade de formação nestas áreas, e a escola do mesmo modo que promove formações

sobre gestão de conflitos em sala de aula, o que segundo a teoria do entrevistado, já o deveria saber fazer, ainda assim a necessidade de aprender novas estratégias/ou aplicar outros conhecimentos mais atuais sobre os temas, deve ser uma constante e deve ser fomentada pela direção da escola.

2.9.2 Escola Profissional Gustave Eiffel | Diretora do Pólo: Lumiar

Grupo I – Dados Pessoais e profissionais

1. **Idade: 36** (anos)

2. **Área de Residência**

   X Amadora ☐ Sintra ☐ Loures ☐ Outras:_____

3. **Género**

   ☐ Masculino **X** Feminino

4. **Sexo**

   ☐ Masculino **X** Feminino

5. **Orientação sexual**

   X Heterossexual ☐ Homossexual (Gay/Lésbica) ☐ Bissexual

   ☐ Outra. Qual_____

6. **Formação académica**

   X Licenciatura ☐ Mestrado

   ☐ Bacharelato ☐ Outra (especifique) _____

7. **Área de Formação (Licenciatura/Mestrado)**

   Geografia

8. **Disciplina (s) que leciona**

   Área de Integração; Cidadania e Mundo Atual; Geografia

9. **Tempo de serviço como Diretor/a**

   5 (anos)

Grupo II – Opinião pessoal

1. Qual é a sua opinião em geral, sobre as pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

   R: Não tenho nenhuma opinião específica sobre estas pessoas, são pessoas como todas as outras, todos têm o seu lugar no mundo e direito a tudo por igual.

2. Considera a orientação sexual uma parte significativa da vida de uma pessoa? De que modo?

   R: Sim, pois tal como todas as outras dimensões do caráter da pessoa, a orientação sexual faz parte da pessoa, como tal é importante para o seu equilíbrio e bem estar.

3. Acha que uma pessoa pode escolher a sua orientação sexual?
   R: Não, penso que é algo que nasce com a mesma, não é algo que se escolha.

4. Como acha que a nossa sociedade vê atualmente as pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais?
   R: Com indiferença e discriminação.

5. Considera que os avanços conseguidos em relação a direitos civis de gays e lésbicas melhoram de forma geral toda a sociedade? Explique de que modo.
   R: Sim, tanto os direitos civis como legais, muito se conseguiu no que concerne à aceitação.

6. Na sua opinião, de que modo a escola pode ser um lugar seguro e de referência positiva para todos os alunos?
   R: Sim pode e deve.

Grupo III – Informações relativas ao cargo que desempenha

1.Tem conhecimento do nº de alunos LGBT-Lésbicas, Gays, bissexuais ou Transsexuais existentes neste Pólo?
R: Não, pois não é que seja necessário a escola ter conhecimento.

2. Acha que este Pólo tem um ambiente seguro para os alunos LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

R: Sim.

2 Acharia relevante incluir no registo biográfico do aluno/a o sexo/género/orientação sexual?
R: Não.

3 O Regulamento Interno, é claro em relação à punição de atos discriminatórios em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?
R: Sim, um dos artigos pune a discriminação de várias formas.

4 Que tipos de iniciativas são promovidas pela Direção da escola, no sentido de prevenir situações de risco em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?
R: Ações de sensibilização sobre esta temática.

5 Quer referir algumas das iniciativas, que tenham sido realizadas neste Pólo sob sua orientação, nos últimos 2 anos?
R: Ações com a UMAR- União de Mulheres Alternativa e resposta-Associação de defesa dos Direitos da Mulheres.

6 Que tipo de recursos de informação/sensibilização a escola põe ao serviço dos alunos e professores, no sentido de melhorar a *aceitação* da população LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?
R: Cartazes.

7 Orienta os professores no sentido do uso uma linguagem inclusiva durante as suas aulas?
R: Não o fazemos de forma generalizada, só especificamente em alguma situação em que a direção da escola considere necessária a sua atuação.

9.Acharia importante promover formação específica para os professores sobre esta matéria, no sentido de ficarem habilitados e mais confiantes, para abordarem estas questões em sala de aula?

R: Sim.

Análise: denota-se a partir das respostas dadas, que existe alguma preocupação da direção do Pólo, com a abordagem ao tema da diversidade nas atividades que promove, contudo, mantém-se a necessidade de se criarem mais programas de sensibilização, bem como medidas de proteção e redes de apoio formais e informais contra a homofobia e o bullying homofóbico, em ambiente escolar. Pois pelo facto de ele não ser denunciado, não quer dizer que não exista. A escola apresenta uma grande deficiência ao nível dos recursos de informação/sensibilização, que podem favorecer a procura de respostas corretas para responder às dúvidas dos alunos. E ao nível da sensibilização, os cartazes são um bom instrumento de promoção da visibilidade positiva, no entanto são

necessárias outras iniciativas, de modo sistematizado que não deixe cair no esquecimento os direitos humanos, relativamente às diversas sexualidades e identidades de género.

Acrescenta-se ainda que a entrevistada à questão 7. *Como acha que a nossa sociedade vê atualmente as pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais? Respondeu:* com indiferença e discriminação, o que revela que a entrevistada apresenta com clareza uma leitura da nossa sociedade, que apesar dos avanços significativos na lei, ainda não detém a atitude correta com as pessoas LGBT. Sendo assim, com respeito a estas evidências, e enquanto responsável por uma instituição de ensino, a entrevistada tem a responsabilidade de concretizar mais ações nesta área, que possam influenciar de forma positiva à comunidade escolar, que ela representa.

Considerações finais

"Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome".

Clarisse Lispector

Em Portugal, a invisibilidade das pessoas LGBT nas escolas permanece uma questão por resolver. Podemos considerar que existem vários protagonistas, que contribuem para que se mantenha ainda esta situação: O Estado, porque não impõe politicas de inclusão que promovam a sistematização de um trabalho educativo e preventivo no sentido do *bullying homófico escondido,* de que são alvo tantas crianças e jovens; As direções das escolas, que não introduzem estratégias de visibilidade e equidade para a diversidade existente, preferindo acreditar que o fenómeno da inclusão se faz sozinho; e por fim, os professores/as, que na sua grande maioria, mantém uma postura de afastamento e consciente desvalorização do problema de exclusão, que vivem os jovens LGBT nos espaços escolares.

A partir do Estado da Arte levantado nesta investigação, e os últimos estudos e projetos (nacionais e internacionais investigados), sobre esta problemática têm revelado, entre outros fatores, que jovens de grupos minoritários são especialmente vulneráveis, quer seja pela sua etnia, género, contexto social ou orientação sexual, onde se destaca a população LGBT. No entanto apesar das grandes alterações na lei, e de já existir uma maior abertura e entendimento da sociedade perante esta realidade, ainda assim a revolução de mentalidades não se deu com a mesma ligeireza. Posto isto, é ainda necessário que continuem a realizar-se estudos relacionados com a vitimização motivada pela orientação sexual, ou questões relacionadas com o género, pois servirão para alertar para um fenómeno, que está longe de estar assimilado ou resolvido pela nossa sociedade.

No âmbito da revisão da literatura sobre os conceitos relacionados com o tema, podemos verificar que este problema da homofobia, está profundamente enraizado na

cultura das sociedades, que tem preferido lidar com o medo e a discriminação, do que orientar para uma educação para uma cidadania plena de direitos. A escola deve ser um lugar de confiança e de pertença, onde todos os alunos, independentemente das suas caraterísticas pessoais se possam ver identificados e respeitados, no sentido de reforçar um desenvolvimento pessoal e social integro e saudável.

Esta investigação foi realizada no sentido de procurar mais uma vez, as respostas para a desconstrução de estereótipos e preconceitos em relação às pessoas LGBT. Neste estudo de caso, direcionado aos alunos selecionados em dois dos Pólos de ensino da Escola Profissional Gustave Eiffel, pretendeu-se entender a extensão deste problema dentro das nossas escolas, e procurar, junto com outros atores da comunidade escolar, e parceiros exteriores da comunidade, estratégias que possam devolver a dignidade e a segurança a todos, sem que haja por isso prejuízos para nenhuma das partes.

Neste estudo de caso, confrontámo-nos com duas grandes dificuldades que se centraram principalmente ao nível da recolha de dados: a primeira em relação à dificuldade em aceder à população LGBT, pois muitas destas pessoas evitam a exposição, e a segunda, à própria amostra, que sendo de conveniência, não reúne muitas das vezes o número necessário de respondentes, e por isso corre o risco de não se tornar representativa da realidade.

A metodologia usada na recolha de dados, foi facilitada através da aplicação de um inquérito por questionário via online (Google docs), que não sendo o melhor instrumento de diagnóstico, permitiu maior acessibilidade ao questionário, por parte dos participantes, e foi direcionado aos professores e alunos de dois Pólos da EPGE. Foram ainda realizadas duas entrevistas aos diretores atuais, dos mesmos Pólos, visto ser preponderante a sua opinião. A partir da observação do pré-teste realizado à priori, ficamos a conhecer algumas das caraterísticas mais relevantes para esta investigação.

A partir dos resultados aferidos neste estudo apontamos algumas sugestões, que poderiam **enfraquecer algumas das resistências à proximidade e compreensão das pessoas LGBT,** como seja: a implementação de políticas educativas ao nível da prevenção, com o objetivo de promover uma educação para a paz e para o valor da diversidade; o estabelecimento de parcerias com outros atores da comunidade, no

sentido de um maior envolvimento de todos, num projeto de cidadania plena; a criação de momentos de formação, que se reflitam no comportamento, no discurso e na performance dos professores nas suas salas de aula. E, por fim, que as direções das escolas, assumam este trabalho de inclusão da diversidade sexual, como uma medida democrática e pluralista, que enriquece todos, a partir de alguns.

O grande desafio que se coloca atualmente à educação, é o de promover o desenvolvimento da personalidade humana num ambiente digno para todos e fomentador de cidadãos comprometidos pelos valores do respeito e da democracia, numa relação direta com a diversidade sexual, e a superação da homofobia.

A persistente desconsideração da diversidade sexual, reproduz e reforça as condições que permitem a existência e a continuidade da homofobia, que reconhecemos como um fenômeno discriminatório complexo, que se manifesta por atos e omissões dificilmente identificáveis. Contudo, no que diz respeito à formação de profissionais sensíveis a esta temática da diversidade, ou ao estímulo sobre a produção de materiais educativos que envolvam as temáticas de orientação sexual e superação da homofobia, temos a certeza que estas serão medidas que criarão condições para uma política educacional anti discriminatória, sendo para tal imprescindível a sua concretização por todos os agentes envolvidos no processo educacional.

A educação formal deverá assegurar mecanismos que rompam com o silêncio dos livros sobre a diversidade sexual, e introduzir no discurso dos professores uma matriz de promoção da igualdade e da diversidade, como valores sociais que representem o fim da marginalização das pessoas LGBT, e as referências que violam os direitos de igualdade de género.

Bibliografia e Webgrafia

Bibliografia

- Anguera, M.T. (1985). Possibilidades de la Metodologia cualitativa vs cuantitativa. Investigacion Educativa, 3 (6), 133-139.
- António, R., Pinto, T., Pereira, C., Farcas, D., Moleiro, C. (2012). Bullying Homofóbico no contexto escolar em Portugal. Psicologia, 26, 17-32.
- Barbier, J. M. (1993). Elaboração De Projectos de Acção E Planificação. Porto: Porto Editora.
- Black, T. (1999). Doing quantitative reserch in the Social Sciences: Na intregrated approach to research design, measurement and statistics. Lonon: sage Publications.
- Bravo, M. P.C. (1992), La Metodologia cualitativa. In M.P. Colás Bravo & L. B. Eisman (Eds) Investigacion Educativa. Sevilha.Edicicione Alfar.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora.
- Carneiro, N. S. (2013). Contra a "violência de inexistir": psicologia crítica e diversidade, Edição Universidade do Porto, Porto.
- Carneiro, N. S. (2009). "Homossexualidades": Uma psicologia entre ser, pertencer e participar. Edição Universidade do Porto, Porto.
- Coutinho, Clara Pereira, (2016), Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humans: teoria e Prática (2ª Edição), Edição Almedina, Coimbra.
- DePalma, R., & Atkinson, E. (2006). The sound of silence: Talking about sexual orientation and schooling. Sex Education.
- ENTREVISTA a Judith Butler,2015, *Desfazer o género e outras subversões por* ANTÓNIO GUERREIRO.
- Ferreira, E. 2011, Percursos Feministas:Desafiar os tempos, Edição UMAR-Universidade Feminista de Lisboa.

- Freitas, D.F., D'Augelli, A.R., Coimbra, S., Fontaine, A.M. (2015). Discrimination and Mental Health Among Gay, Lesbian, and Bisexual Youths in Portugal: The Moderating Role of Family Relationsgips and Optimism. Journal of GLBT Family Studies, 1-23. http://dx.doi.org/10.1080/1550428X.2015.1070704
- Freitas, D.M.F. (2016). Resiliência perante a violência social: Perfis de ajustamento e mecanismos de proteção (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade do Porto
- Gato, J., Fontaine, A.M. (2012). Atitudes face à diversidade sexual no contexto psicossocial, jurídico, da saúde e educativo. Exedra, 6, 81-103
- Goleman, D. (1998). Inteligência Emocional. Lisboa. Temas e Debates
- Oliveira, J M , Pinto, P , Pena, C & Costa, C G (2009) Feminismos Queer: disjunções, articulações e ressignificações Ex-Aequo.
- Oliveira, Fernando A. Rodrigues da Silva Coutinho, (2013) Breves considerações a respeito do princípio da dignidade da pessoa humana - Tese de Mestrado em Direito; Ciências Jurídico- Filosóficas: Faculdade Direito, Universidade do Porto.
- McIntyre, E. (2009). Teacher discourse on lesbian gay and bissexual pupils in Scottish schools, Educational Psychology in Practice, 25(4), 301-314
- Mateus, M.N. E. (1995). Área-Escola, Educação Ambiental e Pedagógicas Inovadoras. Tese de Mestrado em Extensão e Desenvolvimento Rural: Vila Real: UTAD.
- PARDAL, L. & LOPES, E. (2011). Métodos e técnicas de investigação social. Porto. Areal Editores
- Patterson, C. J. (2013). Schooling, Sexual Orientation, Law, and Policy: Making Schools Safe for All Students. Theory Into Practice, 52(3), 190-195.
- Pérez Serrano, Gloria. (1998). Investigación Cualitativa. Retos e Interrogantes Editorial la Muralla S.A. Madrid España.
- Poteat, V.P. (2016). Understanding and Reducing Homophobic Harassment and Victimization in Schools in Sexual Orientation, Gender identity and Schooling. Oxford, 15-38

- Prati, G., Pietrantoni, L., & D'Augelli, A. R. (2011). Aspects of homophobia in Italian high schools: Students' attitudes and perceptions of school climate.Journal Of Applied Social Psychology, 41(11), 2600-2620.
- Rivers, I. (2004). Recollections of Bullying at School and Their Long-Term Implications for Lesbians, Gay Men, and Bisexuals.Crisis: The Journal Of Crisis Intervention And Suicide Prevention, 25(4), 169-175. doi:10.1027/0227-5910.25.4.169.
- Rodrigues, P. (2003). Questões de género na infância: marcas de identidade. Lisboa. Instituto Piaget.
- Russel, S.T. (2011). Challenging homofobia in schools: policies and programs for safe school climates. Educar em Revista, 39, 123-138
- Salomon, G. (1991). Transcending the qualitative-quantitative debate: The analytic and systemic approaches to educational research. Educational researcher, 20(6), 10-18.
- Scott, Joan (1989). Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press.
- Sousa, A. (2009). Investigação em Educação. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silverman, D. (2000). Doing qualitative research: a practical guide. Thousand Oaks:SAGE: Publication.
- Yin,R. (1994). Case study research: design and methods (2ªed.). Thousand Oaks:SAGE: Publication.

Webgrafia

- http://www.esquerda.net/dossier/educacao-sexual-na-suecia-sem-tabus: *Educação sexual na Suécia, sem tabus*, 17 de Março, 2007, consultado em 26/11/2015.
- http://www.fenprof.pt/, consultado em 30/11/2015.
- http://www.apf.pt/educacao-sexual, consultado em 2/12/2015.
- https://www.dgs.pt/areas-em-destaque/educacao-sexual-em-meio-escolar.- (Direção Geral de saude), consultado em 4/12/2015.
- http://gsanetwork.org: Gay-Straight Alliance Network, consultado em 6/12/2015.
- http://www.glsen.org: GLSEN, the Gay, Lesbian & Straight Education Network, consultado em 6/12/2015.
- http://www.dinamo.pt- ©2016 Dínamo – Associação de Dinamização Sócio-Cultural para a tradução em Língua Portuguesa- Compass Manual de Educação para os Direitos Humanos com jovens, consultado em 22/12/2016.
- http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio_discriminacao_2015.pdf- Observatório da discriminação em função da Orientação sexual e identidade de género, Maio 2016, consultado em 21/1/2017.
- http://www.igualdade.gov.pt/images/stories/documentos/documentacao/publicacoes/Estudo_OrientacaoSexual_IdentidadeGenero.pdf, Lisboa, 2010 - consultado em 21/1/2017.
- http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v26n1/v26n1a03.pdf- *O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares*, PEDRO FRAZÃO, Análise Psicológica (2008), 1 (XXVI): 25-45 - consultado em 5/2/2017.
- http://www.apa.org/pubs/journals/features/ort-0000031.pdf- *Bullied Youth: The Impact of Bullying Through Lesbian, Gay, and Bisexual Name Calling*, Caroline B. R. Evans and Mimi V. Chapman University of North Carolina at Chapel Hill, 2014 - consultado em 6/2/2017.
- http://www.apa.org/pubs/journals/features/sgd-0000038.pdf-*Sexual Orientation, Psychological Well-Being, and Mental Health: A Longitudinal Analysis From Adolescence to Young Adulthood,* Michael Becker German

Institute for International Educational Research, Frankfurt am Main/Berlin, Germany, 2014 –consultado em 6/2/2017.

- http://www.portaldafamilia.org/artigos/ideologia-de-genero-caso-reimer.shtml - *Ideologia de Gênero e a experiência fracassada do caso Reimer*, John William Money.- consultado em 6/2/2017.
- https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/empoderar *empoderar* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017, consultado em 7/2 2017.
- http://www.amnistia.pt/index.php/2-uncategorised/2097-projeto-stop-bullying-edh- consultado em 10/2/2017.
- http://fra.europa.eu/en/publication/2017/fundamental-rights-report-2017- consultado em 5/5/2017.
- http://fra.europa.eu/en/publication/2014/eu-lgbt-survey-european-union-lesbian-gay-bisexual-and-transgender-survey-main- consultado em 5/5/2017.
- http://transrespect.org/wp-content/uploads/2015/08/Hberg-port.pdf- Direitos Humanos e Identidade de Gênero- Relatório Temático de Thomas Hammarberg Comissário de Direitos Humanos do Conselho da Europa- consultado em 12/6/2017.
- https://www.cig.gov.pt/wpcontent/uploads/2014/01/V_PL_IGUALD_GENERO.pdf- V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e Não Discriminação, 2014-2017- consultado em 15/6/2017.
- https://www.publico.pt/2017/05/15/sociedade/noticia/portugal-entre-os-paises-que-mais-protegem-lesbicas-gays-bissexuais - consultado a 20/10/2017.
- http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1793&tabela=leis&so_miolo- Lei n.º 51/2012, de 05 de Setembro- ESTATUTO DO ALUNO E ÉTICA ESCOLAR(versão atualizada) – consultado a 22/6/2017.
- http://www.belongto.org/pro- Organização Irlandesa LGBT- consultado em 23/6/2017

Anexos

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO,
ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL

__ª Edição- 2015/2017

Docente Orientadora: Professora Ana Patrícia Almeida

Discente: Ana Prata

Questionário

Opinião dos/as professores/as

Escola Profissional Gustave Eiffel | Pólo:_____

O presente questionário tem como objetivo recolher informação sobre a opinião dos professores, **no sentido de "medir" o clima da Escola Profissional Gustave Eiffel, em relação à aceitação das pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais.**

Trata-se de um **questionário anónimo e confidencial**, apenas para fins académicos, elaborado no âmbito de um projeto de Mestrado a realizar no ISEC- Instituto Superior de Educação e Ciências.

É pois da maior importância que responda às questões apresentadas com a máxima sinceridade.

Grupo I – Dados Pessoais e profissionais

6. **Idade** _____ (anos)

7. **Área de Residência**
   ☐ Amadora ☐ Sintra ☐ Loures ☐ Outras:_____

8. **Género**
   ☐ Masculino ☐ Feminino

9. **Sexo**
   ☐ Masculino ☐ Feminino

10. **Orientação sexual**
    ☐ Heterossexual ☐ Homossexual (Gay/Lésbica) ☐ Bissexual
    ☐ Outra. Qual_____

6. Formação académica

☐ Licenciatura ☐ Mestrado

☐ Bacharelato ☐ Outra (especifique) _____

4. **Área de Formação (Licenciatura/Mestrado)**
_____ /_____

5. **Disciplina (s) que leciona** _____ _____

6. _____ _____ _____

Grupo II – Opinião dos professores

1. **Tem algum/a amigo/a ou conhece alguém das suas relações mais próximas que seja uma pessoa LGBT- Lésbica, Gay, Bissexual ou Transsexual?**

☐ Sim ☐ Não

2. **Qual é o seu comportamento imediato, em relação a alguém que tem uma orientação sexual diferente (Homossexual/Bissexual)?**

		A	B	C
	Comportamentos	**Quase sempre**	**Às vezes**	**Quase nunca**
2.1	**- Mostra satisfação/aceitação.**			
2.2	**- Fica retraído/apreensivo.**			
2.3	**- Provoca o conflito quase imediatamente.**			
2.4	**- Questiona a pessoa sobre o porquê da sua orientação sexual.**			
2.5	**- Goza com a situação.**			
2.6	**- Manifesta claramente o seu desagrado/repulsa.**			
2.7	**- Finge que aceita, mas (…)**			
2.8	**- Não demonstra qualquer reação.**			

2.9 Outros. ☐ **Quais?**_____

_____

3. **De entre as afirmações abaixo descritas, assinale a resposta que mais se aproxima da sua opinião sobre a homossexualidade.**

		A	B	C
	Afirmações	**Sim**	**Não**	**Não sei**
3.1	**- Ser Gay é só uma moda.**			
3.2	**- Pode-se ser Homossexual, mas não é necessário assumi-lo publicamente.**			
3.3	**- A nossa sociedade ainda não aceita a homossexualidade.**			
3.4	**- Os homossexuais são pessoas deficientes.**			
3.5	**- Ser homossexual é tão positivo como ser heterossexual.**			
3.6	**- Os homossexuais são mais sensíveis que os heterossexuais.**			
3.7	**- A orientação sexual não é uma opção.**			
3.8	**- Ser LGBT-Lésbica, Gay, Bissexual ou Transsexual não define totalmente uma pessoa.**			
3.9	**- As famílias homossexuais apresentam mais problemas que as famílias heterossexuais.**			
3.10	**- Uma sociedade justa e democrática aceita todas as orientações sexuais como normais.**			

4. **No que diz respeito ao Pólo (Lumiar/Queluz) onde leciona, assinale a sua opinião sobre as afirmações que se seguem.**

		A	B	C
	Afirmações	**Sim**	**Não**	**Não sei**
4.1	**- Na minha escola existem alunos que escondem a sua orientação sexual.**			
4.2	**- A minha escola aceita bem a homossexualidade/bissexualidade.**			
4.3	**- No centro de Recursos existem livros/folhetos que falam sobre a homossexualidade/bissexualidade.**			
4.4	**- Na minha escola não existe descriminação em relação aos homossexuais/bissexuais.**			
4.5	**- É comum estarem afixados nas paredes cartazes sobre o tema da Diversidade de orientações sexuais.**			
4.6	**- A minha escola organiza frequentemente eventos que promovem a diversidade e a aceitação das diferenças.**			

4.7	**- Na minha escola são punidos atos de agressão/descriminação contra os homossexuais**			
4.8	**- Na minha escola existem poucos homossexuais/bissexuais.**			
4.9	**- O ambiente da minha escola é seguro para todos.**			
4.10	**- Não existe descriminação de género na minha escola.**			
4.11	**- Tenho colegas professor/es que se assumem declaradamente homossexuais.**			
4.12	**- Os professores abordam ocasionalmente o tema da homossexualidade nas aulas.**			
4.13	**- Os meus colegas professores tem uma postura inclusiva e respeitadora das diferenças dos alunos.**			

5. Inclui temas relacionados com a Homossexualidade ou Identidade de Género, nas suas aulas.

☐ **Frequentemente** ☐ **Ocasionalmente** ☐ **Raramente** ☐ **Nunca**

10.1 Indique as razões que o/a levam a fazê-lo.

_____

_____

_____

6. No que diz respeito à sua intervenção direta (como professor/a), assinale as respostas que já teve que dar ou daria em contexto de sala de aula, numa situação de intolerância ou descriminação às pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais.

		A	**B**	**C**
	Afirmações	**Sim**	**Não**	**Talvez**
6.1	**- Já chega dessas conversas.**			
6.2	**- Estás a ultrapassar os limites.**			
6.3	**- Vai para a rua.**			
6.4	**- Isso não se diz. Estamos no Séc XXI.**			
6.5	**- A tua atitude em relação e este assunto é inaceitável.**			
6.6	**- Se queres ser respeitado tens de respeitares os outros.**			
6.7	**- Atualmente é crime se descriminares alguém pela sua orientação sexual/identidade de género.**			

6.8	**- Ser gay ou lésbica é perfeitamente normal.**			
6.9	**- Esses preconceitos surgem do teu desconhecimento sobre o assunto.**			
6.10	**- Ser Gay ou lésbica é só mais uma caraterística da pessoa…**			
6.11	**- Se continuares a ofender o teu colega, faço uma participação.**			
6.12	**- Nesta escola não permitimos nenhum tipo de exclusão.**			
6.13	**- Eu tenho amigos LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais.**			

6.14 Outra. ☐ **Qual?**_____

---

7. **São razões para introduzir (ou não), temas sobre Homossexualidade e Identidade de Género nas aulas. Assinale as respostas que mais se aproximam da sua opinião.**

		A	**B**	**C**
	Afirmações	**Sim**	**Não**	**Não se aplica**
7.1	**O Programa da Disciplina sugere este tipo de abordagem.**			
7.2	**É necessário para a formação pessoal e profissional dos alunos.**			
7.3	**Ajuda a clarificar conceitos.**			
7.4	**Proporciona aos alunos a oportunidade para esclarecer dúvidas acerca destes temas.**			
7.5	**Falta de indicação da Direção da escola.**			
7.6	**Fomenta uma relação de confiança entre os alunos.**			
7.7	**Facilita o processo de *Coming out* (assumir-se) dos jovens.**			
7.8	**Falta de recursos/informação de apoio.**			
7.9	**Falta de formação para professores.**			
7.10	**Falta de segurança para abordar estes temas.**			
7.11	**Promove valores de compreensão e respeito pelas diferenças do outro.**			

7.12 Outra. ☐ **Qual?**_____

Anexo 2

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO,
ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL

__ª Edição- 2015/2017

Docente Orientadora: Professora Ana Patricia Almeida

Discente: Ana Prata

Questionário

Opinião dos/das alunos/as

Escola Profissional Gustave Eiffel | Pólo:_____

O presente questionário tem como objetivo recolher informação sobre a opinião dos alunos, no sentido de "medir" o clima da Escola Profissional Gustave Eiffel, em relação à aceitação das pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais.

Trata-se de um **questionário anónimo e confidencial**, apenas para fins académicos, elaborado no âmbito de um projeto de Mestrado a realizar no ISEC- Instituto Superior de Educação e Ciências.

É pois da maior importância que respondas às questões apresentadas com a máxima sinceridade.

Grupo I – Caraterização sociodemográfica

11. Idade _____ (anos)

12. Área de Residência

☐ Amadora ☐ Sintra ☐ Loures ☐ Outras:_____

13. Atualmente frequenta a escola.

Ano de Escolaridade _____

Curso que frequenta _____

14. Género

☐ Masculino ☐ Feminino

15. Sexo

☐ Masculino ☐ Feminino

16. Orientação sexual

☐ Heterossexual ☐ Homossexual (Gay/Lésbica) ☐ Bissexual

☐ Outra. Qual_____

Grupo II – Caraterização de aspetos relacionados com a orientação sexual

8. **Quando tens questões/problemas de foro sexual, recorres a quem para te ajudar?**
   ☐ Familiares ☐ Amigos ☐ Médico ☐ Professor/a
   ☐ Outros. Quem?_____

9. **Acharias importante frequentar uma disciplina sobre Educação Sexual, na tua escola?**
   ☐ Sim ☐ Não
   Justifica a tua resposta. _____
   _____
   _____

10. **Tens algum amigo ou conheces alguém das tuas relações mais próximas que tenha uma orientação sexual homossexual ou Bissexual?**

    ☐ Sim ☐ Não

11. **Qual é o teu comportamento em relação a alguém LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais? Assinala as respostas que mais se aproximam da tua opinião.**

		A	B	C
	Comportamentos	**Quase sempre**	**Às vezes**	**Quase nunca**
4.1	**- Mostras satisfação/aceitação.**			
4.2	**- Ficas retraído/apreensivo.**			
4.3	**- Provocas o conflito quase imediatamente.**			
4.4	**- Questionas a pessoa sobre o porquê da sua orientação sexual.**			
4.5	**- Gozas com a situação.**			
4.6	**- Manifestas claramente o teu desagrado/repulsa.**			
4.7	**- Finges que aceitas, mas (…)**			
4.8	**- Não demonstras qualquer reação.**			

4.9 Outros. ☐ **Quais?**_____

_____

12. De entre as afirmações abaixo descritas, assinala as respostas que mais se aproximam da tua opinião.

		A	B	C
	Afirmações	**Sim**	**Não**	**Não sei**
5.1	**- Ser Gay é só uma moda.**			
5.2	**- Pode-se ser Homossexual, mas não é necessário assumi-lo publicamente.**			
5.3	**- A nossa sociedade ainda não aceita a homossexualidade.**			
5.4	**- Os homossexuais são pessoas deficientes.**			
5.5	**- Ser homossexual é tão positivo como ser heterossexual.**			
5.6	**- Os homossexuais são mais sensíveis que os heterossexuais.**			
5.7	**- A orientação sexual não é uma opção.**			
5.8	**- Ser LGBT-Lésbica, Gay, Bissexual ou Transsexual não define totalmente uma pessoa.**			
5.9	**- As famílias homossexuais apresentam mais problemas que as famílias heterossexuais.**			
5.10	**- Uma sociedade justa e democrática aceita todas as orientações sexuais como normais.**			

13. No que diz respeito à tua escola, Assinala as respostas que mais se aproximam da tua opinião.

		A	B	C
	Afirmações	**Sim**	**Não**	**Não sei**
6.1	**- Na minha escola existem alunos que escondem a sua orientação sexual.**			
6.2	**- A minha escola aceita bem a homossexualidade/bissexualidade.**			
6.3	**- No centro de Recursos existem livros/folhetos que falam sobre a homossexualidade/bissexualidade.**			
6.4	**- Na minha escola não existe descriminação em relação aos homossexuais/bissexuais.**			
6.5	**- É comum estarem afixados nas paredes cartazes sobre o tema da Diversidade de orientações sexuais.**			
6.6	**- A minha escola organiza frequentemente eventos que promovem a diversidade e a aceitação das diferenças.**			
6.7	**- Na minha escola são punidos atos de agressão/descriminação contra os homossexuais**			

6.8	**- Na minha escola existem poucos homossexuais/bissexuais.**			
6.9	**- O ambiente da minha escola é seguro para todos.**			
6.10	**- Não existe descriminação de género na minha escola.**			
6.11	**- Tenho professor/es que se assumem declaradamente homossexuais.**			
6.12	**- Os professores abordam ocasionalmente o tema da homossexualidade nas aulas.**			
6.13	**- Os meus colegas professores tem uma postura inclusiva e respeitadora das diferenças dos alunos.**			

Anexo 3

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO,
ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL

__ª Edição- 2015/2017

Docente Orientadora: Professora Ana Patricia Almeida

Discente: Ana Prata

Guião de Entrevista

Opinião dos/as Diretores/as de Pólo

Escola Profissional Gustave Eiffel | Pólo:_____

A presente entrevista tem como objetivo recolher informação junto dos/as Diretores/as de Pólo (Queluz e Lumiar), da Escola Profissional Gustave Eiffel, em relação à aceitação das pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais, e das medidas implementadas pela escola para garantir um ambiente seguro para todos.

Trata-se de uma entrevista **confidencial**, apenas para fins académicos, elaborada no âmbito de um projeto de Mestrado a realizar no ISEC- Instituto Superior de Educação e Ciências.

É pois da maior importância que responda às questões propostas com a máxima sinceridade.

Grupo I – Dados Pessoais e profissionais

17. Idade _____ (anos)

18. Área de Residência

☐ Amadora ☐ Sintra ☐ Loures ☐ Outras:_____

19. Género

☐ Masculino ☐ Feminino

20. Sexo

☐ Masculino ☐ Feminino

21. Orientação sexual

☐ Heterossexual ☐ Homossexual (Gay/Lésbica) ☐ Bissexual

☐ Outra. Qual_____

6. Formação académica

☐ Licenciatura ☐ Mestrado

☐ Bacharelato ☐ Outra (especifique) _____

7. **Área de Formação (Licenciatura/Mestrado)**
   _____ /_____

8. **Disciplina (s) que leciona** _____ _____

9. _____ _____ _____

10. **Tempo de serviço como Diretor/a**_____ (anos)

Grupo II – Opinião pessoal

7. Qual é a sua opinião em geral, sobre as pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

8. Considera a orientação sexual uma parte significativa da vida de uma pessoa? De que modo?

9. Acha que uma pessoa pode escolher a sua orientação sexual?

10. Como acha que a nossa sociedade vê atualmente as pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais?

11. Considera que os avanços conseguidos em relação a direitos civis de gays e lésbicas melhoram de forma geral toda a sociedade? Explique de que modo.

12. Na sua opinião, de que modo a escola pode ser um lugar seguro e de referência positiva para todos os alunos?

Grupo III – Informações relativas ao cargo que desempenha

9. Tem conhecimento do nº de alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais existentes neste Pólo?

10. Acha que este Pólo tem um ambiente seguro para os alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

11. Acharia relevante incluir no registo biográfico do aluno/a o sexo/género/orientação sexual?

12. O Regulamento Interno, é claro em relação à punição de atos discriminatórios em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

13. Que tipos de iniciativas são promovidas pela Direção da escola, no sentido de prevenir situações de risco em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

14. Quer referir algumas das iniciativas, que tenham sido realizadas neste Pólo sob sua orientação, nos últimos 2 anos?

15. Que tipo de recursos de informação/sensibilização a escola põe ao serviço dos alunos e professores, no sentido de melhorar a *aceitação* da população LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais?

16. Orienta os professores no sentido do uso uma linguagem inclusiva durante as suas aulas?

17. Acharia importante promover formação específica para os professores sobre esta matéria, no sentido de ficarem habilitados e mais confiantes, para abordarem estas questões em sala de aula?

Anexo 4

Opinião dos/as Diretores/as de Pólo

Escola Profissional Gustave Eiffel | Pólo: QUELUZ

A presente entrevista tem como objetivo recolher informação junto dos/as Diretores/as de Pólo (Queluz e Lumiar), da Escola Profissional Gustave Eiffel, em relação à aceitação das pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais, e das medidas implementadas pela escola para garantir um ambiente seguro para todos.

Trata-se de uma entrevista **confidencial**, apenas para fins académicos, elaborada no âmbito de um projeto de Mestrado a realizar no ISEC- Instituto Superior de Educação e Ciências.

É pois da maior importância que responda às questões propostas com a máxima sinceridade.

Grupo I – Dados Pessoais e profissionais

22. Idade : 65 (anos)

23. Área de Residência

☐ Amadora X Sintra ☐ Loures ☐ Outras:_____

24. Género

X Masculino ☐ Feminino

25. Sexo

X Masculino ☐ Feminino

26. Orientação sexual

X Heterossexual ☐ Homossexual (Gay/Lésbica) ☐ Bissexual

☐ Outra. Qual_____

6. Formação académica

☐ Licenciatura ☐ Mestrado

X Bacharelato ☐ Outra (especifique) _____

11. Área de Formação (Licenciatura/Mestrado) LICENCIATURA

12. **Disciplina (s) que lecionou** MATEMÁTICA

13. _____ _____ _____

14. Tempo de serviço como Diretor/a 20 (anos)

Grupo II – Opinião pessoal

13. Qual é a sua opinião em geral, sobre as pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? - ÓTIMA

14. Considera a orientação sexual uma parte significativa da vida de uma pessoa? De que modo? SIM EM TODOS OS ASPETOS – PROFISSIONAIS E INTELECTUAIS

15. Acha que uma pessoa pode escolher a sua orientação sexual? NÃO –ESTA DEPENDE DA SUA PERSONALIDADE E CARACTER

16. Como acha que a nossa sociedade vê atualmente as pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais? A NOSSA SOCIEDADE ATUALMENTE É INDIFERENTE

17. Considera que os avanços conseguidos em relação a direitos civis de gays e lésbicas melhoram de forma geral toda a sociedade? Explique de que modo. SIM PELO MENOS DEU-SE A CONHECER Á SOCIEDADE QUE O SER HUMANO NÃO É DIFERENTE POR TER UMA ORIENTAÇÃO SEXUAL DIFERENTE DA SUA

18. Na sua opinião, de que modo a escola pode ser um lugar seguro e de referência positiva para todos os alunos? MANTENDO AS CONDIÇÕES QUE HOJE EXISTEM E NÃO DIFERENCIANDO UNS DOS OUTROS

Grupo III – Informações relativas ao cargo que desempenha

18. Tem conhecimento do nº de alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais existentes neste Pólo? TENHO CONHECIMENTO QUE EXISTEM MAS NÃO DIFERENCIO UNS DOS OUTROS. TODOS SÃO ALUNOS

19. Acha que este Pólo tem um ambiente seguro para os alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? SIM , MANTENDO O HAMBIENTE QUE EXISTE SEM DIFERENCIAR NINGUEM.

20. Acharia relevante incluir no registo biográfico do aluno/a o sexo/género/orientação sexual? NÃO

21. O Regulamento Interno, é claro em relação à punição de atos discriminatórios em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? OS REGULAMENTOS SÃO PARA TODOS PELO QUE NÃO SE DEVEM CRIAR REGULAMENTOS DESCRIMINATIVOS

22. Que tipos de iniciativas são promovidas pela Direção da escola, no sentido de prevenir situações de risco em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? DANDO TODA A LIBERDADE DE EXPRESSÃO SOBRE TUDO E TODOS

23. Quer referir algumas das iniciativas, que tenham sido realizadas neste Pólo sob sua orientação, nos últimos 2 anos? NÃO ME OCORRE MAS FORAM EFETUADAS ALGUMAS AUTORIZADAS POR MIM E OUTRAS DA RESPONSABILIDADE DOS PROMOTORES QUANDO ACHARAM QUE AS DEVIAM FAZER

24. Que tipo de recursos de informação/sensibilização a escola põe ao serviço dos alunos e professores, no sentido de melhorar a *aceitação* da população LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? TODA A QUE FOR NECESSÁRIA OU SOLICITADA

25. Orienta os professores no sentido do uso uma linguagem inclusiva durante as suas aulas? NÃO, NEM O DEVO FAZER, POIS O PROFESSOR COMO PROFISSIONAL DEVERÁ SABER FALAR INDEPENDENTEMENTE DO TIPO OU CARACTERISTICAS DOS ALUNOS.

Acharia importante promover formação específica para os professores sobre esta matéria, no sentido de ficarem habilitados e mais confiantes, para abordarem estas questões em sala de aula? NA SEQUÊNCIA DO QUE JÁ DISSE ACHO QUE NÃO, POIS TAMBEM NÃO SE DÁ FORMAÇÃO PARA OS OUTROS CASOS.

Anexo 5

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL

__ª Edição- 2015/2017

Docente Orientadora: Professora Ana Patricia Almeida

Discente: Ana Prata

Guião de Entrevista

Opinião dos/as Diretores/as de Pólo

Escola Profissional Gustave Eiffel | Pólo Lumiar

A presente entrevista tem como objetivo recolher informação junto dos/as Diretores/as de Pólo (Queluz e Lumiar), da Escola Profissional Gustave Eiffel, em relação à aceitação das pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais, e das medidas implementadas pela escola para garantir um ambiente seguro para todos.

Trata-se de uma entrevista **confidencial**, apenas para fins académicos, elaborada no âmbito de um projeto de Mestrado a realizar no ISEC- Instituto Superior de Educação e Ciências.

É pois da maior importância que responda às questões propostas com a máxima sinceridade.

Grupo I – Dados Pessoais e profissionais

27. Idade 36 (anos)

28. Área de Residência

X Amadora ☐ Sintra ☐ Loures ☐ Outras:_____

29. Género

☐ Masculino **X** Feminino

30. Sexo

☐ Masculino **X** Feminino

31. Orientação sexual

X Heterossexual ☐ Homossexual (Gay/Lésbica) ☐ Bissexual

☐ Outra. Qual_____

6. Formação académica

X Licenciatura ☐ Mestrado

☐ Bacharelato ☐ Outra (especifique) _____

15. Área de Formação (Licenciatura/Mestrado)

Geografia/_____

16. **Disciplina (s) que leciona** Área de Integração; Cidadania e Mundo Atual; Geografia

17. _____ _____ _____

18. Tempo de serviço como Diretor/a 5 (anos)

Grupo II – Opinião pessoal

19. Qual é a sua opinião em geral, sobre as pessoas LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? Não tenho nenhuma opinião específica sobre estas pessoas, são pessoas como todas as outras, todos têm o seu lugar no mundo e direito a tudo por igual.

20. Considera a orientação sexual uma parte significativa da vida de uma pessoa? De que modo? Sim, pois tal como todas as outras dimensões do caráter da pessoa, a orientação sexual faz parte da pessoa, como tal é importante para o seu equilíbrio e bem estar.

21. Acha que uma pessoa pode escolher a sua orientação sexual? Não, penso que é algo que nasce com a mesma, não é algo que se escolha.

22. Como acha que a nossa sociedade vê atualmente as pessoas LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais? Com indiferença e discriminação.

23. Considera que os avanços conseguidos em relação a direitos civis de gays e lésbicas melhoram de forma geral toda a sociedade? Explique de que modo. Sim, tanto os direitos civis como legais, muito se conseguiu no que concerne à aceitação.

24. Na sua opinião, de que modo a escola pode ser um lugar seguro e de referência positiva para todos os alunos? Sim pode e deve.

Grupo III – Informações relativas ao cargo que desempenha

26. Tem conhecimento do nº de alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais existentes neste Pólo? Não, pois não é que seja necessário a escola ter conhecimento.

27. Acha que este Pólo tem um ambiente seguro para os alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? Sim.

28. Acharia relevante incluir no registo biográfico do aluno/a o sexo/género/orientação sexual? Não.

29. O Regulamento Interno, é claro em relação à punição de atos discriminatórios em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? Sim, um dos artigos pune a discriminação de várias formas.

30. Que tipos de iniciativas são promovidas pela Direção da escola, no sentido de prevenir situações de risco em relação aos alunos LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? Ações de sensibilização sobre esta temática.

31. Quer referir algumas das iniciativas, que tenham sido realizadas neste Pólo sob sua orientação, nos últimos 2 anos? Ações com a UMAR.

32. Que tipo de recursos de informação/sensibilização a escola põe ao serviço dos alunos e professores, no sentido de melhorar a *aceitação* da população LGBT-Lésbicas, Gays, Bissexuais ou Transsexuais? Cartazes.

33. Orienta os professores no sentido do uso uma linguagem inclusiva durante as suas aulas? Não o fazemos de forma generalizada, só especificamente em alguma situação em que a direção da escola considere necessária a sua atuação.

Acharia importante promover formação específica para os professores sobre esta matéria, no sentido de ficarem habilitados e mais confiantes, para abordarem estas questões em sala de aula? Sim.

Anexo 6

Exº Presidente da

Escola Profissional Gustave Eiffel

Assunto: Pedido de autorização para realizar inquéritos por questionário, aos alunos e Professores do Pólo de Queluz e Lumiar e um inquérito por entrevista aos Diretores de dos mesmos Pólos.

Com o objetivo de dar cumprimento à dissertação de mestrado em Administração Escolar, que frequento no Instituto Superior de Educação e Ciências, eu Ana Cristina Marques Prata a desempenhar funções de docente e coordenadora de curso de Animador Sociocultural na respetiva Escola Profissional Gustave Eiffel, pretendo realizar uma investigação subordinada ao tema: *Diversidade de orientações sexuais e identidade de género na EPGE– Estudo de caso* Pelo que, solicito que Vª Exª se digne a conceder autorização para aplicar os instrumentos – Questionário e Entrevista, na recolha de dados, para realização deste estudo aos Diretores de Polo, aos Professores, e alunos, salvaguardando o respeito, integridade e sigilo em relação à identidade dos participantes.

À superior consideração de Vª. Exª,

Queluz, 10 de junho de 2016

A Mestranda

_____

(Ana Cristina Marques Prata)

Glossário

Bissexual - Pessoa que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas de ambos os sexos

Gay - Homem que se sente emocional e sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo

Heterossexual - Pessoa que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas de outro sexo

Homofobia - A homofobia caracteriza o medo resultante do desprezo pelos homossexuais que alguns indivíduos sentem. Para muitas pessoas é fruto do medo de elas próprias serem homossexuais ou de que os outros pensem que o são. O termo é usado para descrever uma repulsa face às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais e todos os aspetos do preconceito heterossexista e da discriminação anti-homossexual

Homossexual - Pessoa que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas do mesmo sexo

Identidade de Género - Refere-se ao género com que a pessoa se identifica (como homem, mulher ou outra categoria, por exemplo), mas pode também ser usado para referir-se ao género que certa pessoa atribui aos indivíduos tendo como base papéis sociais de género (roupa, corte de cabelo, maneirismos, etc.), estando esta situação mais ligada ao termo "expressão de género"

Lésbica - Mulher que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas do mesmo sexo

LGBT - Sigla usada para designar Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros

Orientação Sexual - Indica qual o sexo que uma pessoa se sente preferencialmente atraída fisicamente e emocionalmente

Transfobia - Semelhante à homofobia (ver definição), mas dirigida a pessoas com identidade ou expressão de género distinta daquela esperada a partir do seu sexo biológico

Transgénero - alguém que não corresponde às categorias tradicionais dos géneros e que não se comporta como se espera convencionalmente perante o sexo biológico com que nasceu

Transexual - Designa pessoas que sentem que o seu corpo não corresponde à sua identidade de género; transexual masculino refere-se às pessoas que sentem ter identidade de género masculina, mas nasceram com corpo feminino e transexual feminina refere-se às pessoas que sentem ter identidade de género feminina, mas que nasceram com corpo masculino.